This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

243
8

H. LAEMMERT & Cª
LIVRARIA UNIVERSAL
Livros Impressos em Todas as Linguas
COMO TAMBEM LIVROS EM BRANCO
Papel de todas as qualidades e objectos de escript. etc.
66 OUVIDOR 66
RUA DO
RIO DE JANEIRO

7243.8

Harvard College Library

FROM THE FUND OF

CHARLES MINOT

(Class of 1828).

Received 16 Oct., 1888.

RASCUNHOS

SOBRE A

GRAMMATICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

Baptista Caetano
B. C.

RIO DE JANEIRO
TYP. DE A. DOS SANTOS, RUA SETE DE SETEMBRO N. 56

1881

7243.8

HARVARD COLLEGE
OCT 16 1888
LIBRARY.

Minot fund

RASCUNHOS

SOBRE A

GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA

Illustre e excellente amigo dr. S.

Tanto se elogia e gaba a pureza dos escriptores portuguezes, quanto se martella a incorrecção dos brazileiros.

Permitta-me pois, o amigo escrever e publicar as minhas duvidas sobre as questões de grammatica, que por mero entretenimento, temos ventilado nas nossas palestras e amigaveis disputas.

O dr. tem do seu lado os puristas, os bons escriptores tanto d'aqui, como de lá do reino; e eu tenho de defender a linguagem brazileira, acoimada de incorrecta e logo de principio vou topar com a difficuldade penosa de distinguir a linguagem brazileira, que defendo, desse outro fallar hybrido, que não é nem portuguez, nem brazileiro, desse fallar mascavado de francez, de inglez, de africano e de não sei que mais, que predomina na côrte e nas cidades chamadas cultas.

Sabe o meu amigo, que a minha these é que; si ha incorrecção no modo de fallar dos brazileiros, tambem o ha no modo de fallar do portuguez moderno. E' o que o dr. não quer admittir, e por isso eis-me aqui rabiscando estes rascunhos. Demais o meu amigo extasia-se ante o belleza da phrase que denomina vernacula, castiça, tersa, concisa, dos modernos escriptores portuguezes, e quizera que os brazileiros escrevessem nesse estylo bem-acabado e energico; e eu pelo contrario tenho tanta birra dessa affectação de purismo ,como do estapafurdio estylo que parece tradução litteral de livro francez; para mim não é bonito o que não é natural.

Contesta-me o meu amigo e diz que «ser correcto» não é «ser affectado». Sei disso; porem entendamo-nos. O que assevero, o que o dr. me não pode contestar é que, fallando ou escrevendo, si o brazileiro o fizer no estylo de Castilho, de Castello Branco etc etc, será affectado, é enjoado e massante. Elle pode fallar e escrever muito correctamente, deve fazel-o assim e brilhará; mas si imitar a linguagem dos outros lá, por muito bonita e correcta que seja ella, não prestará para nada, justamente por não ser natural.

«Embora a pronuncia se adoce sob o influxo do sol intertropical e da indolencia sul-americana, a construção da phrase deve ser a mesma, pois mesmissima é a lingua» Diz o dr. Teixeira de Mello e com elle os puristas. E o amigo applaude e reforça com a sua auctoridade a sentença. Desse modo de pensar o que se infere é que, a incorrecção é de cá, e que não na justifica nem a influencia do clima! (a influencia do meio!) O phenomeno da *variação phonetica,* seguida da *regeneração dialectica*, que os linguistas reconhecem, não pode, não deve ter logar na America portugueza,

Não enxergam, não admittem que, pelo simples facto de se modificar a phonetica, se deva tambem modificar a textura grammatical; e condemnam como viciosa toda e qualquer construcção que se não adapte lá a certos moldes. E não se lembram que, *mesmo* na santa terra, no berço da lingua, tambem a degeneração phonetica trabalha, vicia as formas antigas, quebra os moldes já feitos, e fabrica novos moldes, que quer impingir como castiços e vernaculos!

É um despotismo, meu amigo, e pode crêr que bem magoado me sinto de não poder submetter a minha opinião á sua. Respeito-a muito, mas tenha paciencia, o que o dr. chama de vernaculo não no é no rigor da palavra; será vernaculo lá para elles, porque está na indole da lingua que actualmente fallam, mas nem é vernaculo para nós, nem em relação ao portuguez castiço de Camões.

Si ha corrupção na linguagem de cá, ella se dá tambem na linguagem usada lá. O facto real é que ellas são differentes e mais nada. Dizer-se agora que a de lá é mais vernacula e mais conforme com a indole da linguagem é o que resta provar e o que se não prova.

E quer reconhecer o meu amigo como na realidade assim é? Basta simplesmente notar que os puristas censuram a incorrecção do idioma brazileiro, mas não dizem, não explicam em que consiste essa incorrecção.

Desagrada-lhes o modo estranho e novo de fallar, averbam-no de vicioso, mas não sabem apontar onde é que está o vicio, a incorrecção contra as regras da syntaxe.

Põem-se então a inventar preceitos, a dar regras suas, querem impingir moldes para as construcções que chamam bôas, genuinas, e por fim de contas só nos dão

moldes de phrases que elles hoje usam, que não são as do portuguez vernaculo, e que são tão adulteradas como as nossas, com a differença de serem de outro feitio.

A differença dos dous modos de fallar é real, é fatal, não ha meio algum de evita-la, tem de crescer pelo simples decurso do tempo, e de todo não vem ao caso se um dialecto é melhor do que o outro.

O maior merito de um sobre o outro só depende do merito intrinseco dos productos litterarios que der á luz.

Poderão berrar quanto quizerem os rigoristas, o auctor que souber escrever bem, isto é, que souber apoderar-se do seu leitor não só pelas idéas que emitte, mas ainda pela linguagem expressiva, bem travada e numerosa, irá por diante, e o que na occasião apontarem os puristas como incorrecção, será em tempo futuro indicado como norma da linguagem bôa, apta para o fim, e quando não na poderem explicar grammaticalmente, dar-lhe-hão o nome de *idiotismo*. E será por isso mesmo ainda mais acceita e louvada como vernacula a nova forma de phrase, por isso que é caracteristica.

Suspende-me o meu charo dr. e diz que estou divagando, que não se tracta de pronuncia, a qual varia de provincia para provincia, que não é questão de sotaque, nem de vocabulario, que variam até comforme as profissões na mesma localidade, e o meu amigo reitera e reforça e desenvolve as palavras do dr. Teixeira de Mello: *a construcção da phrase deve ser a mesma pois mesmissima é a lingua;* o jornal e o livro impressos em portuguez, *devem ser escriptos em portuguez* para poderem ser lidos até nos confins do imperio, até na Lusitania e nas suas possessões d'quem e d'além mar, e em toda a parte onde se falla a lingua, cujas regras de construcção foram fundamentalmente constituidas por João de Barros, por Lobato, e pelos classicos.

Está bem, meu dr. chego-me ao rego. Tractemos da syntaxe, vamos á vêr si na realidade a construcção da phrase brazileira é tão incorrecta como dizem.

Por emquanto não direi com Theophilo Braga,» que o grammatico é um especialista, que, a pretexto da sua especialidade, se acha com direito de ignorar tudo, sem perder a importancia de sabio,» E que *é preciso banir esses vendilhões do templo da arte* (Hist. da Litt. Port. pag. 14)

Tracta-se de escrever bem, tracta-se de vêr como é que se construe a phrase correcta, limada, clara, expressiva e como é que os brazileiros a fazem *espantosa, phantasista, doida.*

Como os proprios censores e rigoristas o dizem, o principal defeito da linguagem brazileira está na collocação dos pronomes que é *caprichosa* no brazileiro e *methodica* no portuguez, conforme uma phrase que transcrevemos adiante. Começemos pois pela

COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES

Na Revista Brasileira de 1 de julho de 1880 leu o dr. um artigo de Arthur Barreiros, no qual diz o illustrado escriptor:

« Raro será o nosso homem de lettras que... não « haja... hesitado na collocação dos pronomes que lhe « susurram á volta da penna como incommodas vespas « zumbidoras. »

E em seguida logo, fazendo vêr que no Brasil se escreve incorrectamente:

« Quem se der ao trabalho de cotejar os livros bra- « sileiros com os portuguezes notará: primeiramente

« que estes, por via de regra, são mais artisticos; segun-
« damente que é espantosa, phantasista, doida, a ma-
« neira de empregar os pronomes no periodo brazi-
« leiro. »

Creio que o dr. está de perfeito accordo com estas palavras do nosso litterato. Abunda nas mesmas ideias outro amigo meu o Dr. Teixeira de Mello, cuja opinião vem transcripta no citado artigo de Arthur Barreiros, corrobarada por duas auctoridades já fallecidas: J. F. de Castilho, e Gama e Castro.

O Dr. T. de Mello diz e o facto o justifica.

« Dêm-nos dois artigos, primorosos ambos, escriptos
« porem, um por brazileiro ou portuguez, cuja educa-
« ção litteraria se fez no Brazil, e o outro escripto por
« portuguez ou brazileiro educado em Portugal e dire-
« mos qual delles é escripto por um ou por outro, só pela
« collocação dos pronomes *caprichosa* no brazileiro e
« *methodica* no portuguez. »

Assim é, e com effeito póde qualquer affirmar: este artigo é de portuguez e aquelle de brazileiro. Mas é assim tambem quanto á causa?

Será com effeito incorrecta a phrase brazileira? ou será apenas mais *caprichosa* e *affectada* no portuguez? *affectada* com certesa o é, já disse; e si nós brazileiros nos puzermos á fallar como elles lá o querem, será ridiculo e fóra de proposito como todas as affectações.

« Estas correcções de escripta nem são uma puerilidade, nem uma exigencia inutil, nem entranhado amor aos classicos: representam apenas o desejo de vêr seguidos os *bons exemplos*, que emtanto copia nos offerece o *moderno* Portugal *litterario* »

São palavras de Arthur Barreiros.

Por ora limitamo-nos á sublinhar os *bons exemplos*, o *moderno*, e o *litterario*.

E depois notemos: do artigo de J. F. de Castilho, transcripto na REVISTA BRAZILEIRA em seguida ao de Arthur Barreiros, foi cortado o seguinte pedacinho, que entretanto vem muito ao caso.

« Aqui porém tem elle (o auctor brazileiro á quem « se referia nas *Questões do dia*) uma desculpa, se ha « *culpa*; é este seu dizer assaz frequente no Brazil, e « caracteristico do; mais seguros para se affirmar, *pri-* « *ma facie*, ter uma obra portugueza sido aqui escripta. « Nem me applico á *censuras*, nem a proselytismo ou « propaganda; mas deve-me ser tolerada a franqueza, « gerada da convicção; adiante de Platão a verdade! e « nem receio que os sensatos me levem á mal a obser- « vação que submetto respeitosamente, quanto á esta « liberdade local. »

Não passe por alto: é um purista da ordem de J. F. de Castilho quem *submette respeitosamente á sua observação* sem intenção de *censura* e quem já põe em duvida *se ha culpa*.

E' muito mais rigorista o meu amigo Dr. T. de Mello, que entende que « Embora a pronuncia se adoce « sob o influxo do sol intertropical e da indolencia sul- « americana, a construção da phrase deve ser a mesma, « pois mesmissima é a lingua. »

Não é justamente o que me tem dicto o dr. nas nossas amigaveis disputas? E, deixe-me ser franco, o meu amigo é ainda mais austero. Na sua opinião (que eu acceito, e á que me submetto cordialmente em tantos outros pontos, pois é meu mestre), ainda quando se admitta legitima e natural alteração phonetica, não tem

justificação alguma a incorrecção grammatical ou syntaxica. E é aqui justamente onde sou obrigado á discordar, porque para mim ou na realidade não ha incorrecção ou si ha, ella apparece tanto lá, como cá, só com a differença de que lá é de uma natureza e cá de outra.

Cabe porem aqui o perguntarmos: a incorrecção increpada aos brazileiros é somente na *escripta,* como se vê das palavras de Arthur Barreiros, ou está tambem na *falla*? Commettem elles erros de grammatica só na collocação dos pronomes, ou em outras cousas mais?

« No Brazil não se trocam as letras, penso eu. Podem quando muito, distillar-se os versos em fios de melaço nos labios de quem os recita »

Diz (ironicamente, mas fazendo implicitamente uma confissão) Castello Branco em pag. 112 do seu Cancioneiro Alegre. Em outros escriptos elle caçôa do sotaque brazileiro, mas o que elle e outros classicos sabichões mais acremente censuram é a incorrecção grammatical.

Sobre o modo de fallar, sobre a pronunciação do brazileiro comparada com a do néo-lusitano já escreveu um bello opusculo o Dr. J. J. Paranhos da Silva, Á elle nos reportamos por enquanto, com elle pedindo aos nossos patricios, que pelo amor de deus não imitem, pelo contrario fujam de fallar a surda, aspera e esturdia lingua dos *Suabios.*

Das incorrecções grammaticaes fallam diversos, e principalmente Pinheiro Chagas, mas desgraçadamente não apontam precisamente quaes são essas incorrecções e qual o modo de as evitar.

Afinal parece que acháram a principal dellas na *collocação dos pronomes.*

Porem, cousa notavel! querendo uma pessôa saber á quantas anda, não pode. Os nossos censores e mestres

d'aquem e d'alem-atlantico não nos dizem onde é que está o erro, qual é a incorrecção; e elles mesmos, si fallam e escrevem correcta e vernaculamente, parece que é por habito, vão pelo ouvido, porque preceitos não ha quem determinados. Tanto é assim que basta ouvir-se para se conhecer logo si « dado artigo é escripto por *brazileiro* ou por *portuguez*, cuja educação litteraria se fez no Brazil ou não » disse o Dr. Teixeira de Mello, e reiterou J. F. de Castilho, e assim o entende tambem o meu amigo, cuja legitima auctoridade e competencia sou o primeiro á reconhecer.

A prova de que não podemos saber á quantas andamos, é a incoherencia das regras, que dão. Vêm um bastante lido e versado nos classicos, estabelece certas regras; eis senão quando, chega outro, que tambem manuseou os classicos e estatue preceitos sinão inteiramente differentes dos do outro, pelos menos bastante discordantes, e ás vezes discordantes entre si os do mesmo mestre.

Não será máu examinarmos perfunctoriamente alguns dos preceitos que se nos dão á proposito da collocação dos pronomes. Louvavel é o intento de pátricios nossos, que, desejosos de pureza e correcção na phrase se atiram aos classicos, e procuram desentranhar delles normas para bem fallar e escrever; mas cuido eu que não foram felizes na sua tentativa.

Arthur Barreiros enumera alguns adverbios e conjuncções, e comprehende na enumeração as duas preposições *em* e *sem*, em relação as quaes estatue que : quando com essas dicções concorre verbo com pronome, esse pronome deve ir sempre antes do verbo Isto na pag. 72. Mais adiante na pag. 76 diz « De-

pois das palavras *a*; *e*, *ao*; *mas* escreve-se o pronome depois do verbo e ligado por um traço de união. » Afinal declina alguns exemplos nos quaes é indifferente antepôr ou pospôr o pronome ao verbo; este ultimo caso dá-se com as preposições *de*, *para*, *por*.

Nas suas observações o Dr. T. de Mello menciona este ultimo caso, como excepção da regra que manda pospôr o pronome ao verbo, quando este está no infinitivo, no gerundio ou participio presente; diz tambem que o pronome deve ir depois nos verbos reflexivos quando não precedidos de negativa, ou de adverbio, e que o mesmo se dá com as conjuncções *mas* e *porém* « A collocação dos pronomes depois do participio passado (ou supino) é tão absurda que incommoda e irrita os nervos « Diz S. S. e eu accrescento: « e não se tolera em nenhuma das linguas neolatinas, nem pelo que me parece, no inglez, no allemão e nas outras linguas teutonicas. »

As regras estabelecidas por J. F. de Castilho são duas: 1.ª *deve sempre o pronome antepôr-se ao verbo* si ao verbo precede *que* ou outro *relativo* ou *conjuncção* ou *adverbio* (enumera 11 tambem enumerados por A. Barreiros, além de outros, e especifica os terminados em *mente* com excepção dos ordinaes). 2.ª geralmente nos restantes casos, quando a oração começa pelo verbo ou pelo seu agente *o verbo antepõe-se ao pronome*.

Entre 11 observações á respeito de *vicios de linguagem* (algumas das quaes será opportuno examinarem-se em outros artigos) Gama e Castro inclue a que versa sobre *collocação dos pronomes*, e as ultima (apezar da regra, não me lôa aqui o dizer verna-

culemente *e ultima-as*) pelo preceito « Quando a phrase começa por alguma conjuncção ou adverbio ou relativo, devem-se antepôr os pronomes; quando assim não é devem-se pospôr. »

Na Revista de 15 de Setembro, posteriormente, apparece outro artigo sobre collocação dos pronomes. E' de L. L. Fernandes Pinheiro Junior, que entre outros, cita Paulino de Souza, e transcreve o trecho de uma grammatica (de cujo auctor não sabe o nome) dando regras mais precisas ou antes mais minuciosas para a collocação dos pronomes.

Não faço aqui menção do Dr. Paranhos da Silva (de quem egualmente ha um trecho na mesma Revista) por que esse é dos *insubordinados* (na phrase de Pinheiro Chagas), que francamente se rebella contra a tyrannia dos grammaticos; é dos meus.

Como o que preceitua Paulino de Souza é mais minucioso, serão transcriptas as suas regras opportunamente em cada caso particular, quando examinarmos o que estatuem os outros. O mesmo faremos com as regras geraes da grammatica (sem nome de auctor) citada por. Fernandes Pinheiro Junior.

Com tudo dessa grammatica aqui vai o MEIO FACIL DE COLLOCAR OS PRONOMES.

« Os pronomes, *me, te, se, lhe, lhes, nós, vós, o, a,*
« *os, as,* devem ir antes do verbo, que fôr precedido:

« Dos relativos ou interrogativos *que, qual, quaes,*
« *quem, cujo, cuja, cujos, cujas, onde;*

« Dos collectivos *todo, toda, todos, todas, nada,*
« *tudo, nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas*:

« Dos distribuitivos *cada, qualquer, quaesquer,*
« *ninguem;*

« Dos quantitativos *mui*, *muito*, *muita*, *muitos*,
« *muitas*, *mais*, *menos*, *pouco*, *pouca*, *poucos*, *poucas*,
« *tanto*, *tanta*, *tantos*, *tantas*, *quanto*, *quanta*, *quantos*,
« *quantas;*

« Das negativas *nem*, *não*, *nunca*, *jamais*.

« Das conjuncções de subordinação *que*, *porque*,
« *se*, *ainda que*, *senão*, *emquanto*, *quando*, *como*, *assim*
« *como etc.*, »

Haverá ou pode haver embrulhada maior, meu amigo?

É uma enfiada de diversas partes da oração onde vem de mistura pronomes, conjuncções, adverbios, e tambem preposições no artigo de A. Barreiros. Como coordenar e decorar tudo isto? Como ha de a gente entender-se neste desconchavo de preceitos, que não combinam uns com os outros, que se prejudicam mutuamente e que se não podem reduzir á regras precisas? O que é que governa a collocação dos pronomes? são os adverbios ou as conjuncções? serão tambem as preposições? Concorrem para isso outros pronomes e outras partes da oração? Como é que certos adverbios ou pronomes exigem a anteposição do pronome conforme a regra de fulano, e não na exigem conforme a de beltrano?

E ainda mais; que dizem á respeito os compendios de grammatica, adoptados nas escolas e approvados pela Instrucção Publica? Quasi nada, ou antes, á respeito de collocação de pronomes pode-se dizer, absolutamente nada; o meu amigo não no contesta.

O que censuram os puristas, esses que manuseam os classicos, os versados no mysterios da *bella* lingua portugueza não pode ser aprendido nos compendios, não se ensina na instrucçãc publica, e o exame de portuguez

é uma burla, sem deixar de ser uma crucificação para o examinando.

No geral dos seus preceitos os compendios são repetição uns dos outros (e assim deve ser), e por fim de contas fundamentam-se todos sobre J. S. Barbosa, que é o mestre soberano que dicta a lei (desgraçadamente) no dominio da lingua portugueza. E' desse mestre a *grammatica philosophica*, isto é, o catechismo para se fallar e escrever correcta e vernaculamente o portuguez. Vejamos pois o que vem estatuido pelo mestre.

No § 3.° do cap. 4.° do L. 4.° diz elle o seguinte:

« Quando porem o complemento objectivo é de pes-
« sôa sem preposição, como acontece nos pronomes
« *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, então pode ir
« antes ou depois immediatamente; e quando é de
« pessoa com preposição a ordem direita pede que
« vá depois como: *amo á Deus*. Mas como a pre-
« posição é que indica a relação, ás vezes pode ir
« antes, como: *a Deus amo de todo o meu coração*. »

No cap. 4.° do L. 3.° ao tractar da conjugação na voz media ou reflexa, diz o mestre no § 3.° do Art. 3.°:

« O que mais importa saber é em que logar se
« hão de collocar estes pronomes, se depois do verbo,
« se antes d'elle, se no meio do mesmo; a respeito
« do que podem-se seguir as regras seguintes.

« 1.° Que nos tempos simples, em cuja primeira
« pessoa do plural o accento nunca passa para traz
« da penultima, é coisa indifferente pôr d'antes ou
« depois do verbo o pronome, não havendo nisto al-

« guma cacophonia ou equivoco. Assim pode-se dizer
« egualmente bem: *eu louvo-me* ou *eu me louvo, tu*
« *louvas-te* ou *tu te louvas, elle se louva* ou *elle louva-se*
« *nós louvamo-nos*, ou *nós nos louvamos, elles louvam-se*
« ou *elles se louvam.*

« Mas para evitar a cacophonia ou dissonancia
« nascida da collisão das consoantes asperas, já não
« fica bem dizer: *vós louvaes-vos*, mas deve-se dizer:
« *vós vos louvaes.* E para evitar o equivoco que póde
« haver entre o presente imperativo e o presente
« subjunctivo, n'aquelle vae o pronome adiante:
« *louva-te tu, louvae-vos vós;* e neste atraz: *eu me*
« *louve, tu te louves, elle se louve* etc,

« Nos tempos compostos do auxiliar *haver* e dos
« infinitos do verbo adjectivo, o pronome póde ou
« preceder áquelle ou seguir-se á estes: *eu me hei de*
« *louvar* ou *hei de louvar-me;* nos compostos po-
« rem dos auxiliares *estar, ter* e dos participios, o
« pronome nunca vae depois deste, mas sempre com
« os auxiliares ou d'antes: *eu me estou louvando:*
« ou d'antes e depois: *eu me tenho louvado* ou *tenho-*
« *me louvado.* Em todas as proposições condicionaes,
« quer do indicativo, quer do subjunctivo, o prono-
« me sempre vae antes do verbo, *se eu me amo, se*
« *eu me amar.*

« 2ª. Nos tempos em que o accento da primeira pes-
« soa do plural passa á antepenultima, o pronome sempre
« deve preceder; porque, como elle sempre é enclitico
« n'esta especie de conjugação. se se pozesse adiante,
« viria a ficar o accento antes da antepenultima na
« primeira pessoa do plural, deste modo: *amavamo-nos,*
« *amdramo-nos, amartamo-nos, amassemo-nos.* Deve-

« mos portanto dizer; *eu me amava*, *tu te amáras*, *elle*
« *se amaria*, *nós nos amassemos*, *vós vos amasseis*.
« *elles se amariam*.

« 3ª. Nas linguagens condicionaes e nas do futuro
« imperfeito do indicativo, é elegante metter o pronome
« no meio, entre a forma primitiva em *ar*, *er*, *ir*,
« (exclue a em *or*, do verbo *pôr* e dos compostos delle,
« porque?) e a terminação final do modo seguinte. *amar-*
« *me-ia*, *entender-te-ias*, *applaudir-se-á*, etc., *applaudir-*
« *nos-emos*, *entender-vos-eis*, *amar-se-ão*, etc. »

É o que diz o capataz dos grammaticos da lingua portugueza. E agora o que é bom é que: quem, fiado nestas regras, entender que vai bem, está muito enganado. Segundo dizem os puristas, é preciso *lêr os classicos*, e é preciso ainda mais saber *quem são os classicos*, pois ha duvidas tambem nisto.

De maneira que um provinciano, um dos *antigos colonos internados* (v. a decicatoria do IDIOMA DO HODIERNO PORTUGAL do dr. Paranhos da Silva) que não tem meios de ter á mão *os classicos* para lê-los e relê-los diutúrnamente, fiado no *mestre* pode (e não é só—póde, tem de) caír necessariamente em erro trocando o logar aos pronomes! Quem não teve tempo, vagar, meios ou tambem gosto (sim, gosto meu amigo, permitta-me que o diga, isto não se impõe), quem não teve gosto para lêr Bernardes, Vieira, Garrett, Castilho, Castello Branco, Amorim, Pinheiro Chagas, Eça de Queiroz, D. Maria não tem licença de escrever em portuguez; ainda que seja essa a sua lingua, que falla todos os dias, ainda que se cinja aos preceitos da grammatica philosophica, ainda que leia outros escriptos portuguezes, não escreve bem si não ler *os classicos*, entre os quaes parece que não contam Camões, Herculano e outros.

INCERTEZA E CAPRICHO DAS REGRAS SOBRE A COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES

No mesmo numero da REVISTA BRASILEIRA, em que Arthur Barreiros diz «Depois das palavras *a, e, ao, mas,* escreve-se o pronome depois do verbo e ligado por um traço de união— », o visconde de Araguaya diz:

« Esquecem que a orthographia de uma lingua nasce com ella *e se fixa* com as obras etc. »

E desgraçadamente para mim, que tenho alguma ogeriza ao *vernaculo,* que applaudo *ex corde* a insubordinação proclamada pelo dr. Paranhos da Silva, estou mais pelo *e se fixa* do visconde de Araguaya do que pelo *e fixa-se* da regra grammatical.

Mas, dir-se-ha, o exemplo do visconde de Araguaya não procede, porque justamente aos brazileiros é que se increpa a má collocação dos pronomes.

Vejamos em outros si as conjuncções *e* e *mas* obrigam sempre á pospôr-se o pronome ao verbo.

Em escriptos antigos ahi temos:

« « Si o mundo vos tiver odio *e vos perseguir*

Diz frei Bartholomeu dos Martyres. Outro purista porem me declarou que *vos* precede á *perseguir* não por amor da conjuncção *e*, mas por amor da conjuncção *si* lá mais atraz.

Bem. Contudo já não ha essa complicação das conjuncções no seguinte que é de Garcia de Rezende « E muito cedo e logo aquelle dia á tarde *o mandou chamar e lhe deu* a commenda ».

E tambem em João de Barros « Té que aprouve á Deus de o levar para si *e lhe succedeu* no Reino o duque de Beja.»

« Foi esta nova tão alegre para Abderamen..... que, poucos dias depois de circumcidarem a Garcia Jambez *e lhe pôrem* nome Çulema, lhe entregou.... »

E lhe pôrem contra a regra do *e* e contra a regra do infinitivo.

Da mesma maneira em Vieira « Chamam á este reo para dar suas testimunhas..... *e lhe dizem* »

E mais adiante o mesmo Vieira.

« *E se deve* reparar que estas prisões » Isto é do classico Vieira e note-se que esta linguagem, frequente nos escriptos desse padre, me tem sido increpada por vezes como gallicismo : *et on doil remarquer que.*

« E em vindo el-Rei da See com o Principe e o Duque, e com muito grande estado, *lhe sahiu* a rua cantando com um pandeiro na mão D. Briolanja Anriquez, dona muito honrada, mulher Dayres de Miranda, *e* el-Rei com prazer *a tomou* nas ancas da mula, *e a levou* assi com muita honra onde a Rainha estava ».

Garcia de Rezende não diz: *e sahiu-lhe, e tomou-a, e levou-a.* No primeiro caso podem allegar que está *lhe sahiu* por haver um longo complemento adiante do *e*, e do mesmo modo no segundo caso *com prazer* podendo ser substituido por um adverbio, podem dizer que *a tomou* está na regra. Mas no terceiro caso *e a levou* não resta duvida de que a regra *foi-se* (*se foi* deve ser vernaculamente).

Ainda mais a 2.ª regra de Castilho é formalmente transgredida em *Elrey a tomou nas ancas da mula;* a oração começa pelo agente e o pronome está anteposto ao verbo.

« O qual ardil foi, que elle Tuam Maxeliz havia de fugir delle Rei Mahamud com titulo de aggravos

e se havia de ir á Malacca. » João de Barros transgride duas regras simultaneamente: a do dr. Teixeira de Mello que *no infinito dos verbos manda collocar os pronomes depois;* e a de A. Barreiros já citada á respeito do *e*.

Contrariando a 2.ª regra de Castilho e a do *e* conjuncção, ao folhear os livros antigos vae-se achando:

« E se pernas e pés não te faltaram,
« Os pés e mãos humilde *te beijára.* »

HYSSOPE

« E do mais que a dormir move e convida
« *Se vê* aquella terra bem provida »

CERCO DE DIU

Talvez digam que são descaídas dos auctores antigos em que a lingua ainda não estava bem limada e polida. Pois vejamos classicos modernos.

E' de Pinheiro Chagas « Em Madrid tambem se recitaram poesias *e se fez* a festa com grande pompa»

Devia estar *e fez-se* não só por causa do *e* mas ainda por amor da 2.ª regra de Castilho.

« Ao vê-la, pois, enleado
« Perco o siso, o verbo, a ideia,
« *E um desejo audaz se enleia*
« Neste peito meu bronzeado »

Isto acha-se (ou se acha?) no Cancioneiro Alegre e é de um soneto de Gonçalves Crespo. A conjuncção *e* não obrigou o *se* para depois de *enleia* nem ainda reforçado pelo agente do verbo, (2.ª regra de Castilho).

Do proprio J. Feliciano de Castilho ou de seu irmão, modelos de classismo e pureza, acham-se exem-

plos de transgressão da regra que elle mesmo estabeleceu.

« E' a humanidade que hoje vive *e se agita e se revolve* e pratica».

Não escreveu : *e agita-se e revolve-se.*

Replicar-me-ha o dr. que é porque neste caso quem governa e determina a anteposição do pronome *se* aos verbos é o relativo *que* e o adverbio *hoje.*

Bem. Nos seguintes trechos não ha nem relativo nem adverbio e Castilho disse :

« *E* com esta barbara solemnidade *se celebram as festas* deste pagode. »

« Em Lisbôa *se preparava uma elegante escadadaria.*»

« A primeira quando Manoel volta,... para casar com a Catita *e a* encontra etc. »

Não se dão por vencidos ou convencidos os puristas e dizem que nestes exemplos os sujeitos estão—ou depois do verbo, ou occultos.

Vá feito. Nos seguintes porem acham-se sujeito verbo e complemento, que pela regra devem ir consecutivamente na ordem em que os declinei, mas não vão:

« *Eu te conto* o que sei »

« Com a maior satisfacção *me assigno* »

« Algumas vezes a *politica lhe é leito* de Procusto »

Tudo isto é de Castilho, e tambem ha de R. Ortigão e de outros.

« Quando vieram as crianças.... *todas as cabeças se descobriram..... muitos olhos se toldaram.*

Abrindo-se ao acaso Bocage ou qualquer classico ahi achamos:

« Satyras prestam, *satyras se estimam.*

Bocage

« *Egual cousa nos fez* perdendo o Tejo
« Arrostar c'o sacrilego gigante.»

« *A camara reuniu-se* logo, e ambos aquelles senhores *se-lhe-apresentaram* »

Neste ultimo exemplo a primeira oração dentro da regra ; a segunda porem? Tambem pula para fora da regra o seguinte, que é de Castilho:

« Poucos homens illustrados *a repulsam* por convicção, »

Dir-se-ha que aqui vigora a regra da grammatica citada por Fernandes Pinheiro Junior, a qual entre os *quantitativos* que exigem a anteposição dos pronomes, comprehende *pouco*, *pouca*, *poucos*, *poucas?* Porem Castilho tem muitos dizeres como:

« *Elle me ponderou* que... » onde se vê 1.° o agente 2.° o paciente 3.° o verbo, tudo seguidinho e em opposição formal á regra 2.ª do mesmo Castilho.

« Querem limpar a carepa á nossa custa; uma canalha! *raios os partam* (Brazileiros apoiaram vehementes—Muito bem! sim senhor!) »

Isto é do gaiatão senhor C. Castello Branco por bocca de Euzebio Macario, que não é dos *brazileiros* de lá vindos que para lá regressam, é luso puro.

E Camões, que no meu entender sempre servirá de norma, tambem a cada passo diz da maneira seguinte, fallando lingua de *colono internado*

« No recostado gesto *se assignala*
« Um venerando e prospero senhor;
« Um panno d'ouro cinge e na cabeça
« De preciosas gemmas *se adereça.*

Si disserem que o primeiro exemplo *se assignala* não vai contra a 2.ª regra de Castilho, porque o agente não está antes do verbo, é incontestavel que o segundo *e se adereça* está contra essa regra e ainda contra a da conjuncção *e*. Ainda é de Camões:

« Ficava o charo Tejo, e a fresca terra
« De Cintra; *e* nella *os olhos se alongavam.*»

A conjuncção, depois o agente. depois o pronome complementar e afinal o verbo: e não o pronome depois deste.

Em João de Barros temos:

« Parte dos quaes, por fugir o ferro dos nossos... *se lançaram* á uma lagoa.... *outros se mettiam...* »

« Affonso de Albuquerque desesperado de *o poder acolher,* n'aquelle proprio dia *se passou* á ilha.»

Alem do *se passou* contra a regra 2.ª ainda vemos *o poder acolher* contra a do infinitivo.

A mesma historia temos com as adversativas *mas* e *porem* que conforme o dr. Teixeira de Mello e Arthur Barreiros querem pronome posposto.

« Porem *m'atenho* antes com quem isto assim o crê » (Miguel Leitão)

« Mas só no caso *d'elle a merecer* « Diz d. Maria Amalia, apezar do infinitivo e apezar do *mas,* antepondo o pronome ao verbo.

« Mas nós, como pessoas magoadas.
« A resposta *lhe demos* tão crescida,
« Que em mais que nos barretes se suspeita
« Que a cor vermelha levam desta feita. »

E com esta citação de versos do velho Camões podiamos dar o basta.....

« Mas, sezões *me chova* a lua
« Si na sucia não se encontra
« Mais d'um arraes de falúa »

E' do padre Correa d'Almeida, brazileiro, mas excepcional, e de quem diz Camillo C. Branco no CANCIONEIRO ALEGRE « Não está o senhor padre Correa na turba dos elogiados caprichosamente por Castilho. Tem graça, metrifica nitidamente, folheia o seu Tolentino, e é mais erudito que o que se espera n'estas brincadeiras de entrudo »

Si não nos esquecermos, lá mais para diante, á proposito de outras incorrecções grammaticaes dos brazileiros, voltaremos á este « que o que se espera nestas brincadeiras » do muito classico e muito vernaculo Snr. Castello Branco. *Aluga-se casas* é gallicismo condemnado pelos senhores rigoristas, *que o que se espera* é gallicismo (e solecismo) auctorisado por classico.

Em Camões á cada passo exemplos como o que segue:

« .....mas sem falta
De progenie de Jupiter *se exalta* »

« Mas tambem d'esta obra *nos quizeram* defraudar os nossos visinhos. » São palavras de Pinheiro Chagas.

Nos anteposto apezar do *mas*, e alem disso, quando devia ir para depois do infinitivo, como impõe outra regra que exigia dizer-se : *defraudar-nos*.

« *Mas elle* de todas as cousas *se esquecia* n'aquelle tempo. » Diz Barros, postergando duas vezes a regra que manda pospôr o pronome, isto é, porque ahi está a conjuncção *mas*, e porque, conforme a 2.ª regra de Castilho, o sujeito precede ao verbo.

Transgressão desses dous preceitos se acha tamtem no Garrett, e ahi temos:

« Ás torturas da dor resiste a vida
« Da linda Branca, *mas razão lhe foje.*

E lendo em um discurso: « destas ultimas palavras parece duzir-se que D. C. não solicitou a doação que obteve, *mas o convidaram* para esse fim.» Um rigorista averbou de gallicismo *mas o convidaram*, dizendo que os nossos senadores são incorrectissimos na linguagem ! Ai *Camillos* e criticos !

Bem estamos vendo que a 2.ª regra de Castilho é transgredida por diversos e por elle mesmo á cada passo; vejamos ainda mais alguma cousa delle que vale a pena :

« O que devemos ao imperio do Brazil, perguntais! o que á nenhum outro devemos, *vos responde* (e não *responde vos*) o paiz inteiro.»

« Inqueri um por um todos aquelles.... que tem ouvido.... *e elles vos dirão*..... Consultae..... *e um choro unisono vos dirá*.... Escutae e *elles vos responderão*..... »

Irado reclama o meu amigo e diz que truco de falso pois aqui está conforme e regular a phrase, porque impera a regra do futuro, que não admitte o

pronome posposto, e eu não tenho remedio sinão concordar; mas noto só : que já é outra regra nova, que ella não vem nem no mestre J. S. Barbosa, nem nos outros, que etc.

Desta maneira para cada caso irão (e vão) os puristas inventando regra nova.

« E assim pelo contrario, quando são bons os cabos, *se crê* (on croit) serão melhores » O pronome é anteposto não por causa do *e* ou por outra qualquer, mas por causa do *assim* adverbio; dizem-me.

Os incorrectos brazileiros, guiando-se só pelo ouvido seriam capazes de dizer « E assim pelo contrario, quando são bons os cabos, serão melhores, *crê-se*. E porque não o poderiam fazer?

Lendo-se os livros do hodierno Portugual parece de facto que, conforme a regra de J. F. de Castilho, geralmente « quando a oração começa pelo verbo ou pelo seu agente, o verbo antepõe-se ao pronome.»

Mas de que a regra é arbitraria e de invenção moderna aqui vão mais exemplos:

« Poucos dias depois do governador partido, *se embarcou* Eitor da Silveira » (Diogo do Couto)

« Depois da sua chegada logo o governador *se embarcou* » (Idem)

« *E* depois de lhe tirarem o substancial, *lhes deram* logo. » (Idem)

« *E* o capitão mór com os navios de remo *se foi* invernar. (Idem) E aqui com a circunstancia aggravante de haver um infinitivo que segundo a respectiva regra queria o pronome no fim.

« *E* a poucos golpes *os sujeitou* á todos » o pronome anteposto até apezar da conjuncão *e*.

Replicam-me que é por causa da phrase adverbial *á poucos golpes*. Quem póde com os censores?

« Clarimundo *lhe contou* então. » E' de J. de Barros. O adverbio *então* apezar de posposto, obriga a anteposição do pronome?

« As musas carinhosas *lh'embalaram* o berço. » Diz J. F. de Castilho elogiando um poeta nosso.

« Estes *se fazem* de uma massa. » Pharmacopea citada, no Dicc. de D. Vieira.

« Disse: *e* ao collo furioso *se-lhe-lança*
« *E* na face tres beijos *lhe pespega*. »

Diniz da Cruz no HYSSOPE não se importa nem com o *e* nem com a 2.ª regra de Castilho, e *pespega* os pronomes antes dos dois verbos principaes.

Em Camões, que, repetimos, é quem sempre nos deve servir de guia e isto apezar da sentença de Castilho, abundam os exemplos:

« Talhas *lhe punham* d'uma e d'outra parte. »

Se disserem que aqui não é o caso porque não é o sujeito que antecede o verbo, temos outros exemplos.

« A noite negra e feia *se allumia*
« C'os raios em qu'o polo todo ardia. »

« *Ella lhe prometteu*, vendo que amavam,
« Sempiterno favor em seus amores. »

Tambem em qualquer livro ao acaso se acham exemplos; assim em F. Gomes de Amorim.

« A gloria *te saúda*
« Poeta victorioso »

Abrindo em qualquer parte o MISANTHROPO do visconde de Castilho, ahi temos :

« O mundo *o sabe* ; e honestas
« E homens serios, *lá vão abrilhantar-lhe* as festas !
« *E* o senhor no passeio *abraça-o.....*»

Liberdade completa! *o* antes de *sabe* e depois de *abraça*, tendo cada um desses verbos o seu sujeito ahi: *o mundo, o senhor.*

E ainda em cima o *lhe* depois do infinitivo sem se lhe dar do *vão* precedido de adverbio *lá*! Este adverbio é um dos que pela 1.ª regra de Castilho exigia o pronome anteposto. Conforme a 1.ª regra de J. S. Barboza e de A. Barreiros tambem o *lhe* podia estar antes ou dépois de *vão.*

« Ao tempo que se despediram para ir fazer a batalha, a *donzella de Tracia se chegou* á Floriano. » E' do Palmeirim, assim como o :

« *Triste vida se me ordena.* »

E ainda :

«*O imperador o tractou* com o amor e gasalhado etc.»

E ainda :

«*Esta determinação sua* O FEZ FAZER *á muitos.*»

Onde de mais a mais se nota o *fez fazer* que se aponta como gallicismo.

Esta anteposição dos pronomes nas orações principaes, menos usada hodiernamente (como bem mostra a 2.ª regra de Castilho), apparece com frequencia em Vieira. Depois, em Santa Rita Durão e em

José Basilio da Gama, que nunca foram censurados de menos classicos, ja se acha cousa assim:

« Mas quando tudo com terror fugia,
« *O bravo Jacaré se lhe põe diante.* »

DURÃO

« E os olhos já nadando em fria morte
« *Lhe cobriu sombra escura e ferreo somno.* »

DURÃO.

« *Cepé* que o viu, tinha travado a lança,
« E atraz deitando á um tempo o corpo e o braço
« *A despediu.* »

J. B. DA GAMA.

E aqui temos no *lhe cobriu*, no *a despediu* a transicção para o horroroso *me parece*, *o acho*, *lhe fallei*, tão condemnado pelos puristas.

Na sua 1.ª regra Castilho estatue que certos relativos, certas conjuncções e certos adverbios querem o pronome anteposto ao verbo.

O mesmo dizem Arthur Barreiros e o auctor da grammatica citada por Fernandes Pinheiro Junior Ambos elles enumeram varios adverbios e conjuncções que requerem a anteposição dos pronomes.

Entra no rol o adverbio ou conjuncção *assim*, que tambem é expresamente apontado por Castilho.

Pois bem:

« *Assim pode-se* dizer egualmente bem. »

E' phrase do mestre, de J. S. Barboza, e onde? na 1.ª regra que delle transcrevemos !!!

Si fosse exacta a regra de Castilho, de A. Bar-

reiros e de Pinheiro Junior o mestre devia escrever : « assim *se póde dizer* egualmente bem. » Em nome della á mim me corregiram o eu dizer « *assim contava-se* em minha terra » e emendaram-me para: *assim se contava*. Puristas d'uma figa !!

E não é só isto. Pelas regras que dão sobre o infinitivo essas palavras de J. S. Barboza deviam estar nesta ordem « assim pode *dizer-se* egualmente bem. »

E note-se que é desta maneira que nos casos identicos usam Pinheiro Chagas, Castello Branco, Eça, Ramalho e mais classicos modernos.

Como ha-de a gente entender estas regras? O *se* fica bem collocado antes do *pode*, entre este verbo e o outro, e á final depois de *dizer*.

« *Com tudo parece-nos* que » Dizem a cada passo Pinheiro Chagas, Castello Branco *et reliqua*, e eu pergunto : *com tudo* não é adverbio ou conjuncção? e *tudo* não é um dos *collectivos* (enumerados pela tal grammatica), que querem o pronome antes do verbo?

« Emfim *tem-se* visto quem faça de sanbenito gala. »

E' phrase de J. F. de Castilho, sem duvida muito regular, e que seria condemnada (como galliscimo, dizem) si fosse mudada para « *emfim se tem visto*, etc. »

Emfim não é adverbio? não é dos que exigem a anteposição do pronome, dirão. Com tudo acha-se em Fernão M. Pinto :

« Mas *emfim*, depois de passar em Malaca muitos trabalhos, *se embarcou* em dia de S. João do mesmo anno em um junco pequeno..... e ao outro dia pela manhã *se fez* a vela *e se partio* etc. »

Nem o *mas* nem o *e* tiveram força para pospôr o *se* aos verbos, e parece que valeu mais o adverbio *emfim*.

« Ainda no mez passado
« *Arranjava-lhe* o rapaz,
« Tinha um logar despejado
« E vai de repente—zás!
« Apparece outro afilhado. »

Tambem para Antonio de Cabedo (que fez poesias comicas de rara sensatez, diz o editor do CAUCIONEIRO ALEGRE) o adverbio *ainda* não obrigou a anteposição do pronome.

Um purista *enragé* me replicou que havia sophisma, que não são todos os adverbios que exigem a anteposição do pronome etc, etc.

Poderia citar-lhe em resposta o paragrapho 73° do Cap. 4.° da parte 4.ª da grammatica de Paulino de Souza. Mas como a regra desse paragrapho é muito mais generica, e cuido eu que vigora do mesmo modo em todas as linguas neo-latinas, ficará isso para depois.

Por emquanto só lembro ao meu amigo a 1.ª regra de Castilho (a mais rigorosa,) tambem sustentada por Gama e Castro e por Arthur Barreiros e até pelo dr. T. de Mello. No numero dos adverbios que querem a anteposição do pronome estão *cá* e *lá* Entretanto na celebre LUA DE LONDRES de João de Lemos vê-se:

« Em Portugal o teu rosto
« De riso e luz é composto;
« Aqui triste e sem clarão;
« *Eu lá sinto-me* contente
« E *aqui* lembrança pungente
« *Faz-me* negro o coração.

E lá foi-se pelos ares a regra com que tanto se me tem martellado a paciencia, dizendo-se-me com Castilho (pag. 70 da Revista Brazileira de 1 de Julho): *lá te espichaste* (e não *lá espichaste-te*) n'aquella minha phrase do principio deste periodo, que á cada instante me sáe da bocca porque de facto é muito brazileira, e os vernaculos apenas a ouvem, emendam logo «*lá se foi pelos ares*» ou antes *lax foi plux árex*.

(Escrevo *x* valendo *ch* francez, *sh* inglez, ou *sch* allemão, porque assim o indicam Castilho, os puristas, e os *sonicos*; mas *x* pelo consenso quasi unanime tem som muito differente nos alphabetos aryanos).

O *aqui* é outro adverbio que tambem quer o pronome antes do verbo, mas *aqui* (neste logar) *lá mandou-o* para depois o João de Lemos

« Adeus *cá faz-me* tanto mal amor »

Nas TROVAS e CANTARES temos pronome posposto á verbo, quer *cá* seja adverbio *aqui*, quer seja conjuncção (caso em que é mais grave) significando *porque* ou *do que*.

« *Hoje occupo-me* com o pampa »

Vem nas QUESTÕES DO DIA. Mas, á proposito deste, alguem me lembrou uma regra de Paulino de Souza que diz « Nos verbos reflexos pode ás vezes pôr-se o pronome regime depois do verbo, consultando todavia o ouvido,..... *hontem lembrei-me, ja tinha-se* ferido. »

O visconde de Almeida Garret tambem diz:

« *Hoje dá-se* aos condemnados tempo sufficiente para se prepararem.»

Segundo os preceitos dos mestres devia ser *hoje se dá* ou então começando a phrase pelo verbo: *dá-se hoje.*

E assim para cada caso, com tanto que seja usado pelos classicos modernos (porque elles são os *donos da lingua*), vão-se inventando novas regras!

Estão de certo no mesmo caso dos adverbios os seguintes exemplos, porem pela nossa parte assentemos que: falha a regra dos adverbios.

« Não façamos officio de divulgar... as historias escandalosas, *e finalmente appliquemo-nos* á ser senhores de nós mesmos.

(CARTAS DO CAVALLEIRO DE OLIVEIRA.)

Si governa a regra da conjuncção *e*, está direito; mas porque então não vigora a do adverbio (1.ª regra de Castilho)?

« Todavia *cumpra-se* o dever » E' de Castilho e tambem o seguinte:

« Entretanto *submetta-se.* »

Tudo muito regular no meu entender, porque são phrases imperativas (como veremos), porem rigorosamente é contra o preceituado á respeito de adverbios, que tambem milita para conjunções, preposições, e ainda outras partes da oração.

Castilho procede até com liberdade, porque em um logar diz:

Agora elle disseca-me a mim.

E em outro logar:

Já agora me não emendo.

N'um caso o *me* posposto ao verbo, n'outro caso preposto e sempre começando pelo adverbio *agora.*

E contrariando a regra dos adverbios tem-se delle os seguintes exemplos:

« Já *agora metti-me* n'esta hei-de ir até ao fim.»
« O alfaiate *então levantou-se* para perguntar. »

E um purista bradava contra a incorrecção de um verso de brazileiro que dizia:

« *Então achou-se* a triste frente á frente
« Com o seu implacavel inimigo. »

E em Castilho ainda se acham outros exemplos:

« *Depois*, vindo a vez do politico, *manifestou-se-me* elle. »

« Mas *depois subverteú-se* pelo chão abaxo. »

Diz-se-me que *depois* não é dos adverbios que exigem a anteposição do pronome. Em escriptos antigos temos:

« Pera *depois se vêr; depois se foi*; Blasonão « de la Brunda *que se depois chamou* duque de Galez, « etc. » Onde o pronome é anteposto até ao mesmo adverbio.

« Nunca pôde saber novas delle, *porque* inda « que alguns foram onde pousava, *encobria-se* de feição, « que crêram que era outro.» F. DE MORAES, *Palmeirim*.

O *porque* figura expressa e formalmente entre os vocabulos (enumerados quer por A. Barreiros, quer pela grammatica de que falla F. Pinheiro Junior) que rigorosamente exigem a anteposição do pronome complementar ao verbo.

E « *não obstante* » que é phrase adverbial, que por vezes entra em orações complementares da natureza do chamado *ablativo absoluto* em latim, e que portanto

nada influe sobre a oração principal (a qual pode subsistir tirada a oração complementar) *não obstante* disse um rigorista que exigia o pronome anteposto e teve a cachimonia de censurar por incorrecta a seguinte phrase de um nosso senador.

« *Não obstante*, *acceite-se* a possibilidade do acon-
« tecimento e apreciemos por outra face a questão. »

E eu concluo, meu amigo, mostrando-lhe a irracionalidade de taes rigorismos; porque, *não obstante se acceite* a auctoridade dos mestres, *deve-se* pensar primeiro no que se diz, e *não obstante* elles, *faz-se* o que dicta o bom senso, conforme as occasiões *prepõe-se* ou *antepõe-se* o pronome de modo que satisfaça ao pensamento.

« Isto por duas razões: *porque* os tratantes *ajudam-se* e *encostam-se* uns aos outros; outra, etc. »

Acabo de apanhar isto em um folhetim de J. Cesar Machado. O *se* posposto aos verbos apezar do *porque*, está me parecendo, que é por causa do uso inconsciente do hodierno portuguéz, pelo qual formulou Castilho a sua 2.ª regra, e o dr. T. de Mello e A. Barreiros a da conjuncção *e*.

« E este mesmo dizerem que os tinham (captivos
« em outra parte é a maior prova de não serem nem
« poderem ser escravos; *porque*, *se* verdadeiramente *o*
« foram, *tiveram-nos* sem duvida nas suas casas e al-
« deas ,e não em terras alheias e tão remotas, que
« gastam um e dous mezes no caminho os que *os vão*
« buscar. »

Apezar dos pezares e em classicos da ordem de Vieira ahi temos depois de um *porque* o verbo com

o pronome posposto e isto muito regularmente; com effeito a oração onde funciona *porque* em ultima analyse é principal, *porque* equivale ahi a conjuncção conclusiva *pois*, e então é livre a collocação do pronome. Em *o foram* era de rigor o pronome anteposto pelo condicional *si* ainda mais reforçada pelo adverbio. Em *os que os vão buscar* não obstante parecer ser obrigatoria essa collocação por causa do relativo, com tudo vê-se que podia tambem ser *os que vão busca-los.*

Esta ultima forma as vezes é preferivel e ás vezes até é obrigatoria « Eis porque cá vim; é porque me mandaram *dizer-lh'o.* » Ja se vê que *lh'o dizer* seria anteposição do pronome condemnado pelo dr. T. de Mello e Arthur Barreiros; porque? por ser gallicismo? E si a phrase fosse negativa como deveria ficar? *não posso dizer-lh'o, não posso lh'o dizer*, ou *não lh'o posso dizer?* ou ainda *lh'o não posso dizer?*

Eu cá por mim repito pura e simplesmente: O excessivo rigor que querem na collocação dos pronomes só servirá de pôar o enunciado do pensamento, e por muitas vezes até estropiará o que se pretendia dizer. Acima das regras caprichosas mandando pôr os pronomes antes ou depois, conforme certas particulas, está o bom senso, e vale mais a clareza e a precisão do que se diz.

Umas das regras mais rigorosas da syntaxe é a que exige pronome anteposto aos verbos em todas as orações de *que* relativo ou conjunctivo. *Que diz-se* á tal respeito? *que dá-se* ahi um dos mais graves erros increpados aos Brazileiros incorrectamente pospondo o pronome ao verbo precedido de *que.*

O commendador Montòro é escriptor primoroso e diz:

« Foram duros annos de provação *em que* muitas « vezes faltaram os meios, augmentaram as dividas, «*viu-se* o futuro arriscado. »

« J. J. F. M. á *quem deveu-se* a creação do fundo de reserva. »

« Devemos tambem mencionar entre os primeiros... « J. B. T., *que occupou-se* seriamente com os deveres « de seu cargo. »

Dirão que o commendador Montóro já está abrazileirado, e falla como o commendador Bento debicado pelo Castello Branco no seu impagavel Eusebio Macario?

Pois é de Theophilo Braga no Parnaso o seguinte trecho :

« Destas uniões regularmente contrahidas resul- « tou uma raça, *cujos* homens *tem-se* sempre destin- « guido pelas suas proporções, força physica, coragem « indomavel, resistencia ás mais duras fadigas. »

E é de Eça de Queiroz o seguinte:

« Andava-se em pontas dos pés, *porque* o se- « nhor, na excitação nervosa que lhe davam as in- « somnias, *irritava-se* com o menor rumor. »

« *Porque* taes questões, quando enterreiradas, *resolvem-se* por si mesmas. »

J. F. de Castilho. tambem se esquece da regra. Até este, sem embargo do *porque*, vai collocar o pronome depois do verbo!

E' do mesmo J. F. de Castilho o seguinte:

« Sempre te quero dizer *que o pimpão*.....,.... *saiu-se* com outras..... ..... »

La vai obra de outro.

« ..... que nas poesias enviadas ás suas amadas.... *ou lhes não fallava* nos pés, *ou..... abstinha-se de lhes chamar* pequenos. »

A conjunctiva *que* teve força, talvez ajudada pelo *não* para obrigar o *lhes* a preceder o verbo, mas foi fraca para o *se* que lá se foi para depois de *abstinha*, talvez para poder reforçar a preposição *de* para que esta chamasse á si o pronome *lhes* preposto á *chamar*.

E' da maior importancia este exemplo do muito classico C. Castello Branco, no qual se vê o incorrectissimo modo de fallar *que..... abstinha-se*.

Já vê o meu amigo que não tem razão quando assegura que, em orações de relativo (*que, qual, quem*, etc) ou de conjunctivo *que* só os brazileiros se atrevem á pospor os pronomes, e os portuguezes NUNCA o fazem.

« Estas e outras circunstancias *me* convencem « *de que*, embora o estylo seja exclusivo etc, as partes « da oração *são-lhe* ministradas pelo companheiro etc. »

Aqui temos em J. F. de Castilho *são-lhe* em vez de *lhe-são* subordinado ao *de que*. Não é só; ahi temos *me convencem* cantrariando a 2.ª regra do proprio Castilho.

« O curioso é *que* o termo *applica-se* não menos á causas inaminadas. »

Depois de *que* e bem pertinho vem o pronome *se* posposto ao verbo.

Em escriptor do Porto vem assim :

« Chegaram á tocar os sinos *porque* ao horror da « trovoada *juntava-se* a chuva torrencial. »

João de Barros alem de classico foi grammatico e

nelle se acham amostras de transgressão formal da regra dos relativos.

« *O qual*, vendo que por algumas vezes que deu « combate á Medelá não o podia entrar, *ordenou-se* « modo de *o ter* cercado. »

O qual ordenou-se é um dos erros condemnados por Castilho, por J. S. Barbosa e á final por todos.

Parece que segundo as regras do infinitivo tambem seria melhor *de te-lo*, mas emfim ahi ha-a resalva da preposicão que dá licença.

« Essa observação vem envolta em phrases por « tal forma lijongeiras..... *que*, apezar de muito cos- « tumados á benevola generosidade..., *assiste-nos* antes « de tudo o dever de lhe agradecermos..... » .....

E de nós tambem agradecermos ao senhor Pinheiro Chagas o favor de commetter os mesmos vicios do linguagem, tão increpados aos Brazileiros que tem o desaforo de suppor que *assise-hes* razão em se pospôr o pronome ao verbo depois de *que*.

Temos visto até aqui exemplos de relativo ou conjunctivo simplesmente com pronome posposto á verbo nas formas simples da conjugação.

Si admittirem-se exemplos de tempos compostos com infinitivos e com gerundio, ahi, em virtude de regras bem differentes, até o mais ordinario e usual é o pronome enclitico, como já foi notado.

« Nisto entrou o vigario *que* foi *sentar-se* defronte. »

José F. de Castilho. questões do dia.

« .....As taes familias
« Em *que* seus quatro avós vão *inxertar-se*. »

S. Pinheiro citado nas questões do dia.

« Defendeste-o dos covardes, *que* pretenderam *feri-lo.*»

GOMES DE AMORIM.

« Na carta *que* vai *tér-se.* »

J. F. DE CASTILHO.

« Alem disso as suas familias.... teriam novamente *que envergonhar-se...* »

G. DE AMORIM.

Trecho inteiramente identico de um romance brazileiro foi censurado por um purista, que qualificou esta linguagem de incorrectissima até por peccar contra a regra do infinitivo pessoal, e a corrigia assim « as suas familias teriam novamente *de que se envergonharem.* »

Segundo o que se vê dos classicos modernos a regra a cerca de *que* (relativo ou conjunctivo) não tem valor algum quando entra em jogo o infinitivo (e talvez o gerundio). Será porque predomina a que dão o dr. T. de Mello e A. Barreiros para o infinitivo e o gerundio que querem sempre o pronome complementar posposto? Parece.

« Nas noções *que* passo á *dar-te*
« O meu estro *se resente*
« Da falta d'engenho e d'arte.

Vem lá no CANCIONEIRO ALEGRE de C. Branco. Mas apezar de ser de um purista traz *o meu estro se resente* contra a 2.ª de Castilho.

Si com o infinitivo não vale a regra do *que* relativo, tambem não vale a do *que* conjunctivo,

da conjuncção *se*, das outras condicionaes, das negativas e dos adverbios.

« *Si* não pode pois *imputar-se* á elle pensamento « reservado, attribuam-se, etc. »

Este exemplo é de Cincinnato (Castilho) e como este ha muitos outros, como: «Não o obriga á *deixar-se*; « *o que* me obrigou á *chama-lo* á contas,» etc.

« Que ha-de fazer a gente *senão alegrar-se ?* » E' do Sr. C. Castello Branco. « Que ha de fazer o ho- « mem *si não procura-la* por toda a parte até *emfim* « *acha-la ?* e qne ha de fazer *si não acha-la ?* que ha- « via eu de fazer *si não achei-o* ? »

Este ultimo é brazileirismo censurado á cada passo, porque ahi está o adverbio *não* em oração que tem o verbo no preterito do indicativo. Pois então a negativa *não*, principalmente precedida da condicional *si*, só exige anteposição dos pronomes quando o verbo não está no infinitivo? Ou será porque elles lá é que são *os donos da lingua* ?

Nós realmente, não somos donos de cousa alguma, nem da *nossa casa.*

« *Si* pudesse *iguala-los* » é tambem de Castello Branco; parece porém que os compatriotas preferem « *si os pudesse egualar.* »

« E pois que a alma *não pode guindar-se.* » E do mesmo senhor; dicto isto á Vieira ou á antiga (como já demos exemplos) seria « e pois que a alma *não se pode guindar* » ou ainda melhor « *se não póde guindar.* »

Castilho mesmo, e outros do classico moderno, nos fornecem exemplos de se não importarem com o infinitivo e de obedecerem ás outras determinativas do logar do pronome.

« Deu logar á que elle *se* podesse manifestar. »
« Quem melhor *se* quizer convencer. »
« Não sabia como elle havia de *se* finar. »

Nestes tres exemplos de Castilho, em que se posterga a regra do infinitivo o que é que obrigou á anteposição do pronome *se*? No primeiro caso foi o conjunctivo *que*? e no 2.º? o relativo *quem* e adverbio *melhor*? (Entre parenthesis, meu amigo, não posso deixar de observar-lhe que muito se me tem amolado a paciencia com o galliscismo do adverbio *melhor* (mieux) que os rigoristas me não admittem no que escrevo ou digo porque *melhor* (*meilleur*) em portuguez é adjectivo.)

No 3.º caso sem duvida foi o *como* que chamou á si o pronome complementar.

Mas como *se ha-de a gente guindar*, ou como *ha-de* se *guindar a gente*, ou como *ha-de a gente guindar-se* á altura do purismo e correcção do portuguez castiço ?

No § 76 do L. 4.º tractando da collocação dos pronomes diz Paulino de Souza:

« Nos verbos reflexos pode pôr-se ás vezes o pronome paciente (*regime*) depois do verbo, consultando todavia o ouvido; mas em geral é melhor pô-lo antes; *hontem lembrei-me, já tinha-se ferido.*

Dar-se-ha caso que Paulino de Souza por morar em Paris, se tivesse esquecido da lingua vernacula? Mas a ser assim, pelo mesmo facto de viver em terra franceza devia tender á cair em construcção de phrase á franceza, e não á faze-la como ahi acima que é diametralmente opposto ao galliscimo: *hontem lembrei-me.*

Qual a regra verdadeira? a de Paulino de Souza *consultando todavia o ouvido*, ou a de Castilho e de Gama e Castro condemnando peremptoriamente os: *sempre enfatuaste-te, nunca admireime, já foi-se, antes diverti-vos, lá vão-se* pelos ares os preceitos?

Não se zangue meu dr.; são estas minhas impertinencias que arrancaram do meu amigo uma regra mais geral á cerca dos adverbios, conjuncções etc por meio da qual se precisam mais convenientemente os casos nos quaes è de rigor a anteposição do pronome ao verbo, e aquelles em que é mais livre a collocação, e pode-se attender mais ás exigencias do ouvido (ou *podem-se attender mais as exigencias do ouvido*, como quizer, meu doutor.)

Falham as regras que mandam pospôr os pronomes aos verbos em presença de certas conjuncções; falham tambem as que os mandam antepôr em presença de certos adverbios, conjuncções etc, e não fica nisto.

Falham ainda as que mandam pospôr o pronome aos gerundios e aos infinitivos.

« Ha ja tempos que esta revolução de ideas e sentimentos *se vai* no Brazil *operando.* » São palavras do correcto Cincinnato nas QUESTÕES DO DIA.

« Para que a gradual emancipação *se vá effectuando* » E' ainda delle.

Não citaremos muitas amostras do infinitivo porque ahi superabundam os exemplos da mais ampla liberdade e adiante vamos examinar mais por miudo o que lhe diz respeito.

Notarei só de passagem ao meu amigo (o que melhor do que eu já sabe) que a regra do infinitivo implica com outras.

« Na carta *que vai lêr-se* » de Castilho, e em muitos outros trechos dos classicos modernos, vê-se de preferencia o pronome enclitico ao infinitivo, porem bem considerado, pela regra do *que*, deve ser proclitico e pela regra de Arthur Barreiros pode occupar tres logares differentes, e portanto as regras não valem de nada, é livre a collocação.

Os dous exemplos de Castilho, que estão acima. vão de accordo com o que diz J. S. Barboza na 1.ª regra, e com outra regra mais formal de Paulino de Souza, mas vão de encontro á regra do dr. T. de Mello acerca do gerundio. O seguinte, de Theophilo Braga, é de outra especie :

« E *immediatamente mandou-lhe cortar* a cabeça e tirar o coração. »

Por causa do adverbio *immediatamente* (1.ª regra de Castilho) devia ser « *lhe mandou* »; a regra de infinito pedia « *cortar-lhe* » e então muito naturalmente tambem « *tirar-lhe* »; este ultimo feitio satisfaz mais á logica.

Em Vieira acham-se exemplos do pronome com os infinitivos occupando logares mui differentes.

« Na parte *que não pode occultar-se* á experiencia. »

Está o pronome depois do infinitivo sem embargo do *que* e do *não* que antecedem ao verbo principal. A mesma cousa ainda no seguinte com dous adverbios.

« E assim prudencialmente deve *considerar-se*.»

Mas já é differente em :

« Mas em pronunciado um homem no santo offi-
« cio *o mandam prender*. »

O pronome está anteposto ao verbo principal e com a circunstancia aggravante de transgressão da 2.ª regra de Castilho.

O mesmo se dá em « *e se deve reparar* » que demais a mais traz a conjunção *e*.

E ainda o mesmo em:

« Estes que mal *se sabem benzer*, e que *se lh'o* perguntarem, não hão de saber explicar »

Si Vieira tivesse posto o pronome complementar, eu quizera que os puristas me dissessem onde devia ficar: *explica-lo? sabe-lo explicar? não no hão-de saber explicar?* Tudo isto tem justificação nas taes regras, e sem justificação n'ellas ainda elles admittiriam: *o não hão-de saber explicar.*

« Era-lhes necessario um alimento mais robusto,
« uma litteratura mais seria *e só a podiam encontrar*
« na sociedade civilisada dos antigos povos.

O senhor Pinheiro Chagas não quiz botar: *e só podiam encontra-la.* Por causa do adverbio *só?*

Cincinnato criticando Senio dizia:

«*Eram cinco horas da tarde, estava quasi noite,*
« IL ETAIT PRESQUE NUIT! pois não! adiante que a molestia
« dos francezes pega-se, dizem, horrivelmente.»

Sim, respeitavel Castilho, *pega* mesmo (no Brazil preferem o neutro *pega* ao reflexivo *pega-se*). Contaminadissimo desse mal, entre outros da sancta terra, foi, é e está o muito distincto sr. Pinheiro Chagas que pensa em francez e escreve em portuguez vernaculo. Dahi os apuros de traduzir litteralmente o francez *nourriture*, de modo que não parecesse francez, e afinal não achando um bom qualificativo para *nourriture*, substituiu-lhe *un aliment sain* mal

traduzido « Il leur fallait un aliment sain, une litterature « plus serieuse et qu'ils ne pouvaient rencontrer que « dans la societé civiliseé des peuples antiques. »

Quanto ao *alimento robusto*, esse é de *gloriosa* e merecia a attenção de Castilho, que não tolerava *sorver de um boccado*, porque *sorve-se* liquido, e *boccado* é solido.

Todos sabem o que é a figura *robusta* e valida do Adamastor, o que é um homem *robusto*, um coração *robusto*, á fé *robusta*, idade *robusta*, agricultor *robusto*, mão ou peito *robusto*, cavallo ou planta *robusta*, musculos *robustos* etc; mas *alimento robusto*, isto é, *vigoroso* explique o sr. P. Chagas; para nós de cá é o mesmo que *pão válido*.

Os puristas arrogam-se o direito de censurar a incorrecção dos brazileiros, reservando-se porem a faculdade de transgredir as regras, quando bem lhes parece. Diz um delles (que escreve correspondencias para o Jornal do Commercio):

« Vai enthesourando todas as acquisições e *vai-as augmentando* com os fructos preciosos do seu saber.»

Conforme a regra que dão para o gerumdio devia ser *vai augmentando-as*, e só com isto evitava-se o *vaias*. E não é só; a conjunção *e* tambem pedia o pronome lá para o fim. Afinal, deixando de parte as duas regras á respeito do *e* e do gerundio, ainda se podia dizer, com J. S. Barboza *e as vai augmentando*.

Com cacophatons como *vaias*, diz-me um purista que se não deve importar um escriptor serio; *os outros* porem podem ser mais sensiveis e não querendo tolerar asperezas que ferem os ouvidos acham que se-

ria preferivel a incorrecção de Bernardo Guimarães nos seguintes versos á Aureliano Lessa.

« O canto do inspirado em vão soára
« Entre as turbas descridas;
« Em vão; no somno vil da indifferença
« *As acha* adormecidas. »

Ou então a de Gonçalves Dias em:

« Se nodoas tem, uma excellencia *as caia* »

Vem este verso e outros do Dias com o complemento pronominal anteposto ao verbo em oração que traz o agente tal e qual o fez tambem o B. Guimarães, contra a 2.ª regra de Castilho, que na realidade o é para os classicos hodiernos.

No auto DA BARCA DO INFERNO dizia Gill Vicente já *in illo tempore*:

ANJO. Tu que queres?
PARVO. *Quereis-me* passar alem ?
ANJO. Quem es tu?
PARVO. Não sou ninguem.

E no em tanto o mestre J, S. Barboza logo na sua primeira regra declara que *para evitar a cacophonia ou dissonancia nascida da collisão das consoantes asperas já não fica bem dizer:* VÓS LOUVAES-VOS.

Como é isto, mestre? *impões-nos* assim a tua regra? Como é isto, puristas? *pespegais-nos* sem mais nem menos os preceitos, que vos acodem á cabeça? Mas *então dizei-me* :

De que maneira deveria fallar o PARVO de Gil Vicente?

Não lhe vejo outra sinão o castelhanismo increpado aos brazileiros: *me quereis passar além*; ou então

o moderno-lusitanismo: *quereis passar-me alem*; que pronunciado á moda dos puristas *passar-m'além* quebra um pé ao verso.

Evitar a cacophonia nascida do collisão das consoantes asperas em LOUVAES-VOS! Ora, teve bôa lembrança o mestre! *max cal-se u c'lono int'rnado, n' lh'r'sponda*, porque perderia o seu latim.

Entretanto os DONOS DA LINGUA (segundo a phrase do meu amigo) lá se reservam a faculdade de jogar com os pronomes (e com a lingua toda) como muito bem lhes parece.

«*A mais solida gloria* A *considero.*
«*Em que o 'spirito meu tenha descanço*»

Ahi temos o pronome *a*, que neste caso vale tanto como *aquella*, proclitico ao verbo, cousa que de modo nenhum é admissivel, e que para ouvidos brazileiros é intoleravel. Não se supponha que se censure a anteposição do pronome por si, mas a anteposição do pronome *a;* os outros pronomes que não são procliticos, ou encliticos, como outro qualquer accusativo, podem preceder ou succeder ao verbo. Ao geito do velho Camões, e sem ficar errado o verso, podia bem dizer-se: *Solida gloria aquella considero*, ou ainda visto não haver consoante obrigado: *Solida gloria considero aquella.*

E esta é do Conde de Azevedo, que, diz o Sr. C. Branco, « tinha a singularidade phenomenal de ser sabio e rico, e *escreveu jocosamente* muita poesia.»

Luctando contra o rigorismo intransigente dos puristas, o meu amigo sabe que tenho tentado entender a questão e descobrir a razão das regras que elles formulam, pois devem ter uma razão de ser; mas

não é facil isto; e repetirei o que já tenho dicto nas nossas discussões: *Não sabem o que preceitúam.* E si pudermos formular regras que expliquem os factos não são elles quem no-las daráõ. As mais geraes são do meu amigo.

Preliminarmente deve ficar estabelecido que quando não houver razão logica ou grammatical que obrigue á determinada collocação e disposição, o que dicide a questão é a *euphonia* e o *uso*, e neste caso, perdoe-me o meu amigo, tanto vale o uso de lá como o de cá; é um dislate dizer-se ELLES SÃO DONOS DA LINGUA.

Isto se fundamenta na regra 1.ª do mestre, já citada (Liv. 3.º Cap. 4. Art. 3 § 3.º), corroborada por Arthur Barreiros que diz « n'outros (casos) varia (a collocação dos pronomes), e como que fica depentente do ouvido de cada um.» Com a opinião auctorisada de Castilho tambem se reconhece que «phrases ha em que o uso dos doutos (e porque não o dos indoutos?) concede liberdade mais ou menos ampla para indistinctamente antepôr ou pospôr aos verbos os pronomes. Nisto concordam mais ou menos todos, e o logar dos pronomes se dicide *en consultant toutefois l'oreille*, diz Paulino de Sousa.

Depois ha-se de ver (ou *ha de vêr-se*, ou *se-ha de vér* e não *ha-de-se vêr* ou *ha de se-ver*, que condemnam os puristas como brazileirismo, não sei si só por questão de enphonia, ou si tambem por offender a logica ou a syntaxe. Mas diziamos:) Depois ha se de vêr ainda que não é só a collocação dos pronomes o que pode concorrer para a verdadeira elegancia da phrase, e sim tambem a collocação das outras partes da oração, e ainda a disposição das mesmas orações. Ha-se de vér tambem que, além da collocação dos

pronomes e das outras partes do discurso, tem influencia capital o valor absoluto, a significação das particulas e das palavras empregadas, donde resulta essencial differença do fallar portuguez para o fallar brazileiro, sem que no entanto assista ao grammatico e ao inculcado purista o direito de condemnar o fallar do brazileiro por incorrecto.

Procedamos porem por partes e examinemos qual a collocação dos pronomes com os verbos 1.° nos modos do infinitivo 2.ª no indicativo e imperativo (no indicativo as grammaticas englobam outro modo differente, mas em tempo tractaremos disto; só Caldas Aulete é quem parece presentir a existencia desse modo, tractando de tempos *relativos)* 3.° na modo subjunctivo.

Antes de irmos adiante é preciso notarmos: os puristas se preocupam muito com a collocação dos pronomes *me*, *te*, *se*, *lhe*, *lhes*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*; mas com a dos pronomes agentes *eu*, *tu*, *elle*, *ella*, *nós*, *vós*, *elles*, *ellas?* e com os pronomes demonstrativos? e com as pessoas dos casos regidos *mim*, *ti*, *si*, etc? Não importará isto nada para correcção da phrase? Para *eu* fazer ou para fazer *eu* uma minuta correcta devo *eu* ou *eu* devo collocar o pronome sujeito antes do verbo ou depois delle?

E' só na grammatica de Paulino de Souza que se encontram algumas regras á respeito disto; os outros todos se encommodam é com a maneira *phantasista*, *doida*, *caprichosa* de empregar os pronomes *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *etc*

Tambem nada preceituam os puristas para os casos em que concorrem dous pronomes, talvez porque até no incorrecto brazileiro, apezar da ausencia de

preceito, não se inverte um em relação ao outro, e *se-nos-impõe ou impõe-se-nos* (e não *nos-se-impõe*) a collocação por si mesma, por mero effeito do uso, ou por exigi-lo o ouvido.

Note o meu amigo que não pretendo nem convencer, nem converter o purista, pois quando elle *empaca*, *empacou* mesmo, e não ha modo de tira-lo dahi.

Ha poucos dias estive com um destes, e como aconteceu-me (*me aconteceu*, deve ser vernaculamente) ter á mão o BERNARDIM RIBEIRO, tive occasião de verificar que o purista não sabe á quantas anda á respeito de regras, e que é por mero capricho, ou simples habito do ouvido que diz: isto é bom, ou isto é máu.

Contrariando a regra de J. S. Barbosa (que não admitte accento para traz da penultima syllaba) mostrei-lhe o seguinte de Bernardim Ribeiro:

« O mais delle, *quéro-volo* eu deixar de dizer, porque é em tudo tão acabado que etc.»

O homem pulou de raiva (são sempre assim), mórmente quando lhe disse que Bernardim Ribeiro, si fosse *vernaculo* podia dizer, respeitando a regra do infinitivo (que quer o pronome posposto): «quero eu leixar de *dizer-volo*» Ou ainda melhor respeitando a regra da preposição *de* (que quer o pronome anteposto ao infinitivo): «quero eu leixar de vo-lo dizer.»

Pulou o homem e saíu-se com esta regra: «Quando o pronome sujeito vai depois do verbo, os pronomes complementares vão antes delle.»

Esta regra é bôa e exacta (cousa rara da bocca de um purista) mas não justifica as outras e pelo contrario as invalida, e é regra *nova*. Elle é *dono da lingua* e inventa regras quando quer.

Para convencê-lo da improcedencia da regra de Castilho (que manda pospôr o pronome complementar quando ha presente o sujeito ou quando vem no principio a conjuncção *e*) mostrei-lhe no Bernardim Ribeiro.

« Lamentor *se apeou* rijo e quando chegou» MENINA E MOÇA, pag. 41.

« *E o olhou* de seus olhos» MENINA E MOÇA pag. 124.

« *Avalor a servia* encuberta e muito secretamente.» IDEM pag. 125. «Ella chegando-se para elle á passos vagarosos, e tomando-o pela mão, *lhe dizia*» IDEM pag. 125. «A outra tomou-te Arina (aqui conforme a regra *tomou-te*); *tu te lhe deste*» IDEM pag. 126.

Tu te lhe deste contra a regra do purista, e demais á mais, não podendo ser de outra maneira. E porque? quando mais não fosse porque não ha ouvido de *brasileiro* que tolerasse *tu deste-te-lhe* conforme a regra de Castilho.

Contra a regra geral do infinitivo, e que particularisam em relação á preposição *de* citei o seguinte, sempre de Bernardim Ribeiro.

« Outro se desse só por *se querer dar*. Não diriamos que não tinham ambos vontade *de dar-se*; porém diriamos que etc.» MENINA E MOÇA pag. 126.

« A bôa tenção, ou má, é fóra desta culpa; mas não se vê, se não por derradeiro, quando alguem *queria não na vêr*. IDEM pag. 121.

Segundo os puristas devia ser ou *não na queria vêr* ou *não queria vê-la*. Na fórma em que está no Palmeirim parece até um germanismo.

São temiveis os VERNACULOS: ha tempos um que aqui dava leis queria que se escrevesse a conjuncção condicional *si* e não *se*, porque *se* faria confusão com o pronome; agora outro quer que se escreva *se* e não *si* porque faz confusão com o pronome !!!!

COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES COM O GERUNDIO, COM O SUPINO E COM O INFINITIVO

« Nos participios activos, gerundios ou participios do presente *nunca*, diz o dr. Teixeira de Mello, se devem antepôr os pronomes etc. »

Queira perdoar comtudo o meu amigo que, não obstante a sua autoridade, *em se vendo* a gente em certas circumstancias deve ser permittida a anteposição do pronome ou gerundio, como acontece quando este é regido de preposição.

Desmentido á regra acha-se á cada passo nos classicos, e classicos da ordem do visconde de Castilho, pois é elle quem diz :

« Ora estas aguas extravasadas de rupturas, de « vêr está que vão alagar as lavoiras, os pastos e « as mattas das bordas d'agua; portanto ahi estão « n'um marnel e tremedal, que *em lhe apertando* o « sol no verão. por força se ha-de desatar em peste. »

E' tirado dos COLLOQUIOS ALDEÕES, e do mesmo livro é o seguinte :

« Quantas vezes tem esta communa sido açoitada « de granizo? Quatro sem contar com esta, que d'aqui « a nada *nos está desabando* no espinhaço. »

Aqui nem ao menos existe a preposição para obrigar á antepôr-se o pronome ao verbo. Mas saltam-me com a regra do *que*, e, sem insistir sobre a incongruencia de regras que se contradizem, dou outro exemplo do mesmo visconde de Castilho nos mesmos COLLOQUIOS (por tê-los á mão).

« O mére, que as recebe, *vae-as atirando* para « o monte ao acaso. »

Já se vê: nem o cacophaton (que não deve preocupar á escriptor serio como já disse que um rigorista disse) teve poder para alterar a collocação, e ahi temos *vae-as* ou *vaias*. Seria por ventura erro dizer *as vae atirando?* seria gallicismo? mas neste caso gallicismo auctorisado por J. S. Barbosa. E tambem aqui neste caso o que vedava á Castilho de seguir a regra que dão para o gerundio, dizendo *vae atirando-as*, como quer o dr. Teixeira de Mello?

« Nos gerundios nunca se devem antepôr os pronomes. »

Nunca é como disse o dr. Teixeira de Mello. No emtanto, contrariando expressamente o que é dicto pelo illustre litterato, ahi vem na regra 1.ª de J. S. Barboza, um trecho no qual elle diz « o pronome vae sempre com os auxiliares ou d'antes — *eu me estou louvando.* »

Na tal regra elle só falla dos auxiliares *ter, estar*, mas d'outros logares de grammatica se vê (ou *vê-se*) que *ir* tambem é verbo auxiliar.

Este nosso *venerando* (*e reverendo*) mestre analysando, no fim da sua grammatica, as duas primeiras oitavas de Camões, no § 2.º do Capitulo 6.º, transcreve os dois versos:

« E aquelles que por obras valerosas
« Se vão da lei da morte libertando »

E depois de outras observações diz:

« Temos outra vez o verbo auxiliar *ir* conjugado

« com o participio (aliás gerundio) *libertando* para « denotar uma acção começada. Seu complemento « objectivo é o pronome enclitico *se*, que, como é « reciproco faz reflexo o verbo *libertar*, para a sua « acção, produzida pelos agentes *aquelles reis* re- « cair sobre elles mesmos. O mesmo pronome podia « tambem estar depois do auxiliar, deste modo, *vão-se* « *libertando*. Porem não depois do participio. »

Porem não depois do participio! e porque não? Será por ser uma oração subordinada, que mórmente está pedindo a anteposição do pronome por causa do *que?* Porem é preciso lembrar:

« Sempre te quero dizer que o pimpão...saiu-se com outras. » Onde se vê que Castilho diria tambem « *foi saindo-se com outras.* »

Cousa identica dá-se (ou *se-dá*) com o infinitivo, mas antes façamos uma observação.

No terceiro periodo ou paragrapho da 1.ª regra transcripta de J. S. Barbosa elle tracta da collocação do pronome nos tempos dos verbos compostos com os auxiliares; e ahi temos exemplos destes:

Eu me estou louvando, e não *estou louvando-me* como devia ser pela regra do gerundio em geral. Segundo o mestre seria pois « elles *o vieram trazendo* pela mão, vós *me estais dando* gosto, nós *nos vamos amando, ou buscando* etc.

Parece que se incorreria em brazileirismo, si, seguindo a regra do meu amigo dr. Teixeira de Mello se-dicesse: elles *vieram trazendo-o*, vós *estais dando-me* gosto, nós *vamos amando-nos*, *buscando-nos.*

O mestre diz expressamente: NOS COMPOSTOS DOS

AUXILIARES ESTAR, TER E DOS PARTICIPIOS O PRONOME NUNCA VAE DEPOIS DESTE, MAS SEMPRE COM AS AUXILIARES OU D'ANTES: *eu me estou louvando*; OU D'ANTES E DEPOIS: *eu me tenho louvado ou tenho-me louvado.* (O que elle expende acerca das proposições condicionaes será ventilado mais adiante;)

Entretanto supprima-se o sujeito (o que em portuguez é muito bom e regular, porque as flexões do verbo não estão apagadas como em francez, e de facto são por vezes perfeitamente dispensaveis os sujeitos *eu, tu, elle, nós, vós, elles*) e vae-se (*vae-se* é outra questão á ventilar-se) cair no tão censurado *me estou louvando*, *me tenho louvado*, *me parece* etc.

No caso do verbo *estar* parece que a 2.ª regra de Castilho (inteiramente opposta á do mestre, pois que diz: QUANDO A ORAÇÃO COMEÇA PELO VERBO, OU PELO SEU AGENTE O VERBO ANTEPÕE-SE AO PRONOME) tem mais cabida, e concorda com a do dr. T. de Mello á respeito do gerundio e temos: *estou louvando-me do quindu dado no mestre* (ou *ao mestre.)*

Mas no caso do auxiliar *ter?* este pede o verbo no supino (ou participio passado, dizem os grammaticos) e por isso si se fosse applicar a regra de Castilho, ou ampliar a do dr. T. de Mello (que vigora no gerundio e no infinitivo) ao supino, ter-se-hia o dizer incorrecto *tenho louvado-me,* que com razão se condemna como grossa asneira. Porque? digam-no os grammatistas.

O portuguez, oriundo do latim, tem muitas das liberdades de transposição que neste se usava, com tanto que não haja equivocos nem dissonancias ingratas ao ouvido; e tanto é assim que podemos dizer muito elegantemente *louvado me tenho eu de ser rebelde.* etc. A razão pois

pela qual não se admitte o pronome posposto ao supino (ou participio do preterito, como dizem) parece ser: o supino, é mera fòrma de relação, nada significa por si só.

Alem disto o ouvido não tolera enclitica alguma depois de participios, que já tem caracter muito pronunciado de adjectivo e, ainda mais, de substantivo, e por isso ahi está *me* depois de um supino mas *proclitico* do verbo auxiliar *tenho*.

« O pronome complemento colloca-se juncto ao gerundio que admittir a preposição *em*, ex: *chegando-se* ou *em se chegando* o tempo dos figos fervem os amigos—Pedro *está-se* ou *se está preparando* para o exame (e não *está preparando-se*.) »

Diz a grammatica citada por Fernandes Pinheiro, mas houve nella equivoco. Não ha proposição alguma no segundo exemplo que apresenta; e não devia haver erro, si dicessemos com a regra do dr. Teixeira de Mello: Pedro está *preparando-se* para o exame.

Essa grammatica errou seguindo J. S. Barbosa, e abrange o gerundio na regra que tem applicação para o supino;

Pedro *julga-se* ou *se julga perdido* (e não *perdido-se*;) *elles tem-se* ou *se tem* enganado: *ella tinha-o* ou *o tinha* convencido. Tem razão J. S. Barbosa ampliando a regra e applicando-a ao gerundio? parece para alguns; e os exemplos do v. de Castilho o confirmam. Mas vejamos.

Em geral o logar do pronome com o gerundio e com o supino é o mesmo que com o infinitivo. Esses tres modos do verbo combinam-se com os auxiliares e formam os *tempos compostos* (dizem os grammaticos; veremos opportunamente que os auxiliares são

muitos,e que em vez de *tempos compostos* ha na realidade *verbos compostos*.)

A unica cousa especial, que se tem de notar, é que o supino nunca póde, como o infinitivo e o gerundio, admittir o pronome posposto. Tambem, é evidente, elle isolado jamais admitte pronome como os outros dous modos: *achar-me*, *achando-me*, *ir-se*, *indo-se;* porque isolado, o supino não tem significação alguma; é uma fórma de mera relação, como já dicemos; vale quasi como uma desinencia.

Tomemos á vontade uma phrase qualquer com verbos compostos, por exemplo dos COLLOQUIOS ALDEÕES do V. de Castilho.

« A lei prohibe que...se atravessem no rio... empecilhos...que possam occasionar-*lhe* o ir-se enlodando e entupindo»

Com um pouco de attenção ver-se-ha (ou *se verá*) que, trocando o gerundio pelo supino ou infinitivo, este pelo gerundio ou supino, e este pelo infinitivo ou gerundio, isto em nada influe sobre o logar do pronome, excepto no supino que não admitte o pronome posposto. Variemos os auxiliares que com o infinitivo, o gerundio, e o supino, formam verbos compostos.

« que vão *occasionando-lhe* »
« o *ter-se* enlodado e entupido »
« o *enlodar-se* e *entupir-se* etc. etc.

Excluido o supino que não admitte pronome enclitico, vê-se que o pronome póde estar já com o gerundio ou com o infinitivo, já com o auxilar, e

com este rigorosamente, logo que elle está composto com o supino.

Examinemos pois, 1.º o gerundio, 2.º o supino, 3.º o infinitivo.

O gerundio isolado, isto é, não regido de preposição nem de outro verbo (caso em que fórma verbo composto) quer o pronome posposto, o que de certo motivou a regra geral do dr. T. de Mello.

« *Dizendo-nos* isso, saiu da sala.»

Quando é regido de preposição, diz Paulino de Souza que o pronome *regime* póde ser posto antes ou depois do verbo, e note-se que á esta regra contraria uma outra mais geral do mesmo Paulino de Souza.

« Em *dizendo-lhe* ou em *lhe dizendo.*
« Em *vendo-a* ou em *a-vendo.*»

O gerundio de *ter* rege ou se compõe com o supino de outro verbo e então vigoram as mesmas regras. Diz elle ainda:

« *Tendo-lhe* fallado, *tendo o* levado.»

Mas regido de preposição póde ser, segundo Paulino de Souza:

« *Em lhe tendo*, ou *em tendo-lhe* fallado.
« *Em a-tendo* ou *em tendo-a* levado.»

Já se vê: si em geral o gerundio quer o pronome posposto, logo que elle recebe preposição prefere o pronome anteposto, ou antes, é livre a collocação. Essa liberdade é ainda maior quando elle é regido de outro verbo, e o lugar do pronome se regula pela concomi-

tancia de outras partes da oração, pelo sentido da phrase e afinal pela euphonia, como veremos adiante.

« E de arte nos inflammou,
« Que *nos vimos acolhendo*
« Do raio que nos cegou.»

CAMÕES.

Nos precede o verbo auxiliar do gerundio por causa do *que?* si não fosse isso podia ser tambem *vimo-nos acolhendo* e *vimos acolhendo-nos?* talvez segundo as grammaticas; mas logo veremos que apezar delles, nem essa limitação é razoavel.

A mesma cousa se dá (ou *dá-se*) com o outro verso de Camões já citado, do qual tirado o relativo é claro que se podia dizer :

« Os heróes com façanhas valerosas
« *Se vão* da lei da morte *libertando*,
« *Vão-se* da lei da morte *libertando*,
« Da lei da morte *vão-se libertando*,
« *Libertando-se vão* da lei da morte,
« *Se libertando vão* da lei da morte.»

A unica cousa que obriga aqui a collocacão é a euphonia, a belleza do verso. No mesmo caso estão os exemplos transcriptos do visconde de Castilho.

Mudando o tempo ao verbo, ou mudando mesmo o verbo só para não ficar errado o verso, vê-se que se podia dizer :

« Irão da lei da morte *libertando-se*,
« Estão da lei da morte *libertando-se*.»

O supino, já vimos que, não admitte pronome enclitico, e como por si não tem significação, e sim só quando composto com auxiliar, vê-se que não póde admittir

preposição. Regido pois por outro verbo elle está nas mesmas condições do gerundio, com a differença de não admittir pronome enclitico.

Sirva-nos de exemplo o proprio verso de Camões modificado.

« E aquelles que por obras valerosas
Se tem da lei da morte *libertado.* »

Se vai antes do auxiliar por causa do *que* relativo? tire-se esse pronome subordinativo e teremos:

« Os heróes façanhudos e valentes
« *Se-tem* da lei da morte libertado,
« *Tem-se* da lei da morte libertado,
« Da lei da morte *tem-se* libertado,
« Libertado *se-tem* da lei da morte.»

E' sempre a euphonia, a belleza do verso quem marca o logar ao pronome, e não o capricho do grammatista, meu caro doctor.

Com o infinitivo acontece a mesmissima cousa; elle entra na composição de verbos do mesmo feitio que o gerundio e o supino. A unica e principal differença é que, o infinitivo póde ser e é regido de preposições diversas, ao passo que o gerundio hoje só recebe a preposição *em* (dantes recebia egualmente *sem)*, e o supino nunca póde ser regido de preposição, por ser apenas uma fórma de verbos compostos. Os participios só admittem preposição, perdendo o caracter de verbos e tornando-se substantivos.

« No infinito (aliás infinitivo) dos verbos manda a regra collocar tambem os pronomes depois, como na phrase: ninguem poderá *queixar-se*; salvo construin-

do-se o verbo com as preposições *de*, *para*, *por* etc.; como por exemplo: antes *de expôr-te*; havieis *de nos converter*; tenho para *lhe oppôr* ou *oppor-lhe*.»

Bem se vê que esta regra do meu amigo dr. T. de Mello é exactamente a que vimos á respeito do gerundio. Tem uma differença essencial, segundo se vê das regras que citamos de J. S. Barbosa e da outra grammatica, as quaes não admittem no gerundio «*ninguem irá queixando-se*» o *se* posposto ao verbo composto.

Donde resulta que no verso já citado de Camões, em mudando-se (ou *em se mudando*) o gerundio para infinitivo, temos:

« E aquelles que por obras valerosas
« Sabem da lei da morte *libertar-se*»

Com o *se* posposto sem embargo de ser ahi o verbo composto e de haver o relativo *que*.

Á ser exacta a primeira parte da regra do dr. T. de Mello ahi temos rigorosamente estabelecido no portuguez um italianismo; os pronomes sempre encliticos do infinitivo.

Na segunda parte porém, já o meu amigo admitte a liberdade de collocação, *que a harmonia ou fôrma musical da phrase é que determina*.

Mas que na 1.ª parte claudica a regra pelo menos nos casos do relativo (e outros) vê-se no já citado verso de Camões convenientemente alterado:

« E aquelle que por obras valerosas
« *Se libertar* da lei da morte sabem (podem querem etc).

E tambem no proprio exemplo do dr. T. de Mello;
« Ninguem poderá *queixar-se* » sem a menor

duvida, apezar de S. S. poder mudar para « ninguem *se poderá queixar.* »

No caso portanto dos verbos compostos, a posição do pronome com o infinitivo é como com o gerundio, e depende de outras determinativas, que governam nos outros modos do verbo simples. Guardemos isto para adiante.

Vejamos porém o infinitivo regido de preposição, que, conforme Arthur Barreiros, tem regras especiaes.

Preposições á regerem verbo, naturalmento o regem no infinitivo. O gerundio hoje só recebe a preposição *em* (dantes recebia *sem*); o supino nunca póde ser regido de preposição, é mera fórma de verbos compostos; os participios só recebem preposições perdendo o caracter de verbo, e tornando-se substantivos.

Nem Castilho, nem Gama e Castro, nem afinal o mestre J. S. Barbosa prescrevem regra alguma especial á este respeito, e assim, parece que o que deve dicidir no caso é o ouvido. Paulino de Souza dá regras que podiam ser generalisadas, mas falham, e, admittidas ellas, ia por terra a regra geral dos infinitivos. Quando muito seria licito dizer em geral; «Quando o infinitivo não é regido de preposição é preferivel propôr-se-lhe o pronome ou pronomes (como se vê *mesmo* em a nossa phrase aqui); quando regido de preposição é quasi sempre mais euphonico antepôr ao verbo o pronome.»

« De todas estas quarenta palavras (consideradas « preposições pelos grammaticos) só dezeseis são *pre-* « *posições* sem duvida alguma, á saber: A, *ante*, *apoz*, « ATÉ, COM, *contra*, DE, *desde*, EM, *entre*, PARA, *per*, « POR, SEM, *sob*, *sobre*. As mais todas ou são nomes ou

« adverbios, e como taes devem ser tiradas da posse « injusta em que as pozeram nossos grammaticos. »

Diz J. S. Barboza no Art. 1.º do Cap. 5.º

Destas quinze preposições (e não dezeseis porque *per* e *por* estão hoje confundidas em uma unica) ha oito que muito naturalmente podem reger verbos no infinitivo, e são as que já estão indicadas por typo versalete.

Segundo as observações de Arthur Barreiros, e observações bastante exactas na realidade quanto aos classicos modernos, ha duas (*em*, *sem*) que os vernaculistas empregam de preferencia com o pronome anteposto ao verbo, uma (*a*) com o pronome posposto, e as outras cinco indifferentemente, ou antes, á vontade.

A grammatica citada por F. Pinheiro Junior diz: « Porém se o infinito fôr ligado por preposição que não seja *a*, o pronome complemento póde-se collocar antes ou depois do infinito. »

Qual o motivo logico ou syntaxico que póde determinar esta differença? nem um evidentemente. É pura e simplesmente a euphonia quem dá a lei no caso. Demais acham-se exemplos de pronomes anteposto ao verbo com *d* (accentúo a preposição, depois direi porque) e posposto com *sem* e *em*, e por conseguinte não tem licença, não podem os *vernaculos* condemnar como incorrecção de phrase a transgressão de uma regra destas, inteiramentecerebrina.

« O ceu te guiou *a me livrar* da morte »

É de Rodrigues Lobo.

« A *me quereres* tu ajudar, vencerei. »

Era e é muito frequente esta fórma com infinitivos pessoaes.

E afinal contra a regra do *á* estão ahi á bradar os bellos versos de Camões :

« Como doudo corri, de longe abrindo
« Os braços para aquella qu'era vida
« Deste corpo, e começo os olhos bellos
« *Á lhe beijar*, as faces e os cabellos.»

E de poeta brazileiro, que máu grado os puristas disse bem :

« Á te chamar estou e não respondes.»

Pronome posposto á infinitivo com a preposição *sem* :

« Ambos os levaremos *sem deter-se.*» CORTE REAL.

« Dous grandes e altos cadafalsos com rodas por dentro, que homens faziam andar, *sem vêr-se* como andavam. » GARCIA DE REZENDE.

« O affecto violento da alma... não póde nunca *sem amesquinhar-se*, ser comparado ao objecto material. » É de J. F. de Castilho.

O classico Vieira á cada instante apresenta em seus escriptos dizeres como :

« Naquellas prisões, em que muitos estão seis e oito annos *sem confessar-se.* »

« Está ahi muitos annos *sem confessar-se.* »

« Sem ouvirem mais *nem escrever-se* nada disto, que póde mover as pedras, *os mandam* logo para o carcere. »

Retruca-me um rigorista que nada prova este ultimo exemplo, porque a conjuncção *nem* não é a preposição *sem !* O rigorista é quem sabe, nós outros não ;

eu lhe digo que *nem* é outra particula, que tambem requer a anteposição do pronome (está nas expressamente enumeradas por A. Barreiros e F. Pinheiro), e responde-me elle que não regula no infinitivo! Eu lhe digo (ou *digo-lhe*) que «*nem*» está em logar de «*e sem*» e elle me responde que é sophismar. Afinal para não me dar por vencido de todo, apontei-lhe «*os mandam*» com a anteposição do pronome em oração principal.

Posposto á verbo com a preposição *em*:

« Para quem tam mal contente
« Está de tal casamento
« Nam era ao mundo nem á gente
« *Em tirar-me* de tormento. »

CHRISTOVÃO FALCÃO.

« Fazes mal *em contradizer-me*» GOMES DE AMORIM.

«..... que bem sabe.
« Que dias ha que em *vêl-a* se recreia.» CAMÕES.

« Nada mais facil effectivamente do que ter-nos « succedido isso, até em assumptos mais importantes, e « não teriamos duvida *em confessal-o*. (Pinheiro Chagas no SENTIMENTALISMO E HISTORIA DE C. C. B. p. 124.)

A cousa toda se cifra em que na realidade *hodiernamente* usam pospôr os pronomes ao infinitivo regido de *á* e antepôl-os ao infinitivo regido de *em* ou *sem*. Mas *por fazerem-no* assim os puristas modernos segue-se que seja isso de rigor? e porque se nos classicos antigos, se acham exemplos em contrario?

« Pozeram-me na pia o nome de Severo
« timbro *em no merecer*.—Pois meu amigo, espero
« me não ha de negar que... »

Apezar de serem do visconde de Castilho, é certo que seria mais agradavel ao ouvido.

« Em merecê-lo timbro.—E meu amigo espero. »

E logo que a questão é de euphonia vejamos cá:

« *Em amar-me* se entretem
« Se consome e se agonia,
« *Em me vêr* durante o dia
« Pelo menos uma vez,
« Diz-me que consolo tem. »

Tirada a liberdade de collocação ahi temos cacophonias em *m'amar se entretem*, *verme durante o dia*. Censuráram á José de Alencar o cacophaton *m'amar*, mas cuido eu que no escripto de Alencar não havia tal cacophaton. Os brazileiros, como bem notou o dr. Paranhos da Silva não gostam, como os portuguezes, da apocope nos pronomes e por isso não é possivel a cacophonia em *m'amar*. Como é que os brazileiros, que antipathisam com accumulações de consoantes (p'reira, m'laço, q'stão, pr'tenção, t'stamento, etc.) á ponto de introduzirem vogaes para desdobrar as articulações á moda dos tupis (obejecto, obeservar, buscaisella, etc.) lá podiam dizer *m'amar*? muito pelo contrario o que delles se podia ouvir seria antes *miamar* (como o assegura o engraçado senhor Castello Branco.)

Entre parenthesis, note o meu amigo que este *sagaz* e *chistoso* litterato é infeliz quando quer macaquear a linguagem dos brazileiros. Veja só isto que vem nos BRILHANTES DO BRAZILEIRO pag. 55. « Aqui tem vucê a r'zão purq'eu trouxe da minha terra duas r'prigas vôas e vunitas qu' *m'amam* com todu affecto. »

Tal linguagem é possivel sómente na bocca

d'aquelles que só se tornam *brazileiros* depois que regressam d'alem mar para a sua terra com a burra a *deitar por fóra* (phrase delles.)

Eu apenas alterei a escripta para indicar a pronunciação, mas a construcção (que é por onde se conhece a incorrecção brazileira, dizem), veja o meu amigo, que é vernacula e castiça. Não se irrite, pois, e não diga que não sou justo na minha apreciação.

E quando se complica a phrase com mais de um pronome, qual é a regra que nos dão para a collocação delle? (*sua collocação* dizem os puristas e eu não admitto, veremos o porque.)

« Em *me achando eu* na cidade, em *eu me achando* na cidade, em *eu achando-me* na cidade, em *achando-me eu* na cidade ; na cidade em *eu me achando*, ou em *me achando eu*, ou em *achando-me eu*, ou *achando-me eu.*»

Diga-se-me : qual destas collocações é a errada? qual dellas é a que nunca é licito empregar ?

E quando se complica a phrase com outro gerundio, com outro infinitivo e em geral com outro verbo, e outras partes da oração ?

Estando eu procurando-o e não achando-o, podemos dizer? E porque não ?

Estando eu procurando-o e não no achando ?

Não é só questão de puro ouvido, de elegancia de phrase e de claresa no enunciado ? Parece que condemnariam como gallicismo *estando eu o procurando*, mas então *não no achando* tambem será ? E a negativa influe ahi, tal qual influe nos outros modos e tempos do verbo ou não?

Estando a procural-o e não no-achando parece que está na regra, e assim tambem *sem o achar* (se-

gundo a regra de Barreiros); e porque não tambem *em achal-o*, pela regra do infinitivo do dr. T. de Mello e outros?

Estando eu o PROCURANDO, ou *estando eu á o* PROCURAR. E' gallicismo e por isso o condemnam; e o medo desse gallicismo, parece, é o que motivou a inventiva da regra para a preposição *á*. Mas então como deve ser? *não estando eu a procural-o*? ou *não no estando eu á procurar*? *Não no podendo nós achar*? ou *não podendo nós achal-o*? Indo eu *para o procurar ou para procural-o*? estando nós *por procura-lo* ou *por o procurar*? Si *á o procurar* é gallicismo, porque não o será tambem *por o procurar*? Questão de mero ouvido, mais nada, ou então a regra é outra, que não souberam os grammatistas inferir dos usos.

Por tanto: mandar-se pospôr o pronome aos infinitivos e aos gerundios, assim sem mais nem menos e inventando regras, é pura e simplesmente despotismo de grammatico e pretenção de governar a lingua, que se governa por leis naturaes, mas não pelos caprichos de quem quer que seja. Não concorda, meu docto?

Si a collocação dos pronomes nos infinitivos dos verbos, regidos de preposição, é livre e só depende do sentido da phrase e do ouvido, liberrima é essa collocação quando o infinitivo é regido por outro verbo, ou antes essa collocação depende de outras circumstancias, para as quaes talvez haja regras. *Vou vê-lo* está direito, e assim tambem *não vou ve-lo;* mas *não vou o-ver* dizem que está errado, pois deve ser *não o vou ver*, tambem admittem *ve-lo não vou*, e ainda melhor *á ve-lo não vou*. Tem bôas as puristas!

A presença da negativa na phrase é tal, que vem á dar com a regra do gerundio por terra; e na realidade

não se sabe si devemos dizer *não deixando-se levar pelas apparencias* ou *não se-deixando levar pelas apparencias* ou ainda *não deixando levar-se* pelas apparencias.

No primeiro caso respeita-se a regra de «pospôr-se ao gerundio o pronome» mas transgride-se uma regra á cerca dos adverbios; no segundo caso acontece o inverso; no terceiro vai-se pela regra do infinitivo.

Para concluir o exame da posição que deve occupar o pronome com os infinitivos citemos ainda palavras de Arthur Barreiros: «Quando na oração concorrerem dous verbos e um pronome, escreve-se o pronome ou depois do primeiro ou depois do segundo verbo, ligado por um traço de união.»

Isto quer dizer que o pronome é sempre *enclitico* á um dos verbos, e por isso diz Arthur Barreiros, que é errado *quer se-ferir*, *póde se-attribuir*, onde o pronome é proclitico do verbo no infinitivo, e aconselha o pronome enclitico, e que se diga: *póde attribuir-se* ou *pode-se attribuir*, e *quer referir-se* ou *quer-se referir*.

Em primeiro logar J. S. Barbosa chama *enclitico* sempre ao pronome que faz corpo com o verbo, quer seja elle posto no principio, quer no fim. E, o que é mais interessante, em certos casos prefere (regra 3.ª já transcripta) o pronome, não enclitico nem proclitico, mas (dá-me licença que diga *mesoclitico?* espero mostrar-lhe que não é expressão absurda) collocado no meio, e na fórma que Arthur Barreiros considera «arrevezada»: *falar-lhe-ha*, *levar-lhe-hemos*, *leva-lo-hemos*, *applaudir-vos-heis*, *oble-la-heis*, etc.

Quando na oração concorrerem dous verbos, segundo Arthur Barreiros, o pronome é enclitico. E quando concorrerem mais de dous verbos? perguntamos nós. E quando concorrerem mais de um pronome?

«Tambem *se-disse quererem elles insubordinar-se*,» duas vezes o pronome *se* (relativo a dous sujeitos diversos) e ainda o pronome *elles* e tres verbos consecutivos, com algumas inversões admissiveis. Collocação inadmissivel aqui seria *se-disse tambem* (por ser proclitico?), e para que não haja incorrecção querem que então seja *disse-se tambem*. Demais condemnam ainda *quererem elles se-insubordinar (se* proclitico), mas pelo que parece da regra de Arthur Barreiros não é errado *quererem-se insubordinar*, ao passo que mudando o modo ao verbo seria muito correcto *que se-queriam insubordinar* ou *queriam insubordinar-se*.

Variemos a phrase e ahi surgem as mesmas duvidas sobre a collocação dos pronomes: *tambem se-disse querermos* ou *quererdes insubordinal-as*. Além da mudança de *disse-se tambem* já examinada, pela regra parece incorrecto *os-querermos insubordinar* (com o pronome proclitico) e não seria incorrecto *querermo-los insubordinar*.

Os puristas costumam dizer: *olhe que se-póde arrepender* (G. de Amorim) prepondo o pronome ao verbo principal por causa do conjunctivo *que*, mas pergunta-se: o que veda dizer-se « olhe que póde *arrepender-se*?» Nada; os puristas tambem assim fallam.

Os rigoristas apurando a collocação dos pronomes, (já o notamos anteriormente) não cogitam do pronome subjeito (ou do nominativo), e só consideram as variantes (á que chamam *variações*) dos pronomes (que chamariamos antes *pronomes dos casos regidos*.) Pois é pena, meu doctor, que se não lembrassem de ensinar-nos tambem onde é que deve ficar o pronome subjeito em phrases do infinitivo como: *tambem se declarou querer eu imputar lh'o*, ou *lh'o querer eu imputar*, ou *querer-lh'o*

eu imputar, ou *querer imputar-lh'o eu* etc. Ou em phrases do gerundio como: *chegando eu á casa* ou *em chegando eu á casa* ou *em eu chegando á casa achei-o*, ou *o-achei*, *dei-lhe a noticia*. ou *lhe dei eu a noticia* etc.

Quando a phrase se complica com adverbios (principalmente os negativos) e com relativos apparecem outras duvidas : *por se não poder fazer a cousa não se fez*; *por não se-poder fazer*, *por não poder-se fazer*, e ainda *por não poder fazer-se!* O pronome *se* occupa quatro logares differentes, sempre correctamente e a irregularidade, segundo os senhores puristas, seria só no caso de ser elle proclitico ao segundo *por não poder se-fazer !* E se me fosse licito eu lhes perguntaria si tambem não é proclitico em *por não se-poder fazer*, e por que razão não consideram isto gallicismo ?

« Em *lhe* isto *eu ouvindo*,
« Fui pera *lhe-responder*,
« Mas depois de *o-dizer*
« Contra donde tinha vindo,
« *Se-me-tornou á volver*.»

CHRISTOVÃO FALCÃO.

Pode-se ou não trocar (pode ou não trocar-se) a posição dos pronomes dos seguintes modos ?

« *Em ouvindo-lhe eu isto*, *em isto lhe-ouvindo eu*, « ou *ouvindo-lhe eu*; *em lhe eu isto ouvindo*, ou *ouvindo* « *isto*, etc.»

Tambem não seria licito «mas depois de *dizel-o*» ? e «*tornou-se-me á volver*» ?

E nem mesmo em virtude da regra da preposicão *á* não seria licito, não era bonito dizer : « *tornou á volver-se-me* » ? Porque ? digam-no os *inventadores* de

regras. Eu não lhe descubro outro motivo sinão a euphonia; é só o ouvido quem (ou *que*) decide a questão.

E note o meu amigo, por vezes não é só a euphonia que determina o lugar do pronome, é a exactidão e precisão da phrase. Já disso vimos exemplo acima. Aqui temos outro que tiro do PALMEIRIM de F. de Moraes.

« Albayzar, que sentiu sua fortaleza, desviava-se delle com muita desenvoltura, *fazendo-lhe dar* a maior parte *de* (e não *dos* á moda do hodierno) seus golpes em vão.. »

Está «*fazendo-lhe*» não pela regra do gerundio só, pois podia tambem o *lhe* ir para depois de *dar* e muito na regra. Está «*fazendo-lhe*» muito bem, porque em phrase abrazileirada se podia dizer (*podia-se dizer* ou *podia dizer-se*) com infinitivo pessoal e muito na syntaxe « *fazendo elle dar* seus golpes no ar. » Si se arrumasse o *lhe* para depois de *dar* a phrase teria outro sentido; em brazileiro seria *dar nelle* e não *elle dar* como vimos. (Opportunamente veremos que o LHE do *hodierno*, tal qual o SI, usurpa muitas vezes funcções que lhe não cabem, e é insulsamente incorrecto).

« Se *me soubesse rir*, agora é que eu *me ria.* »

São palavras que o v. de Castilho põe na bocca do MISANTROPO, e que por não ter á mão um Moliére não posso cotejar com o original para saber o que queria dizer o homem. Litteral e naturalmente *saber* ahi nessa phrase vale o mesmo que *aprazer* ou *prazer*, e então o pronome está bem collocado, pois dicta a mesma cousa á brazileira o pensamento seria:

« Si eu gostasse de rir, agora é que me ria. »

(A 2ª phrase podia ser dicta pelos brazileiros de outro modo, mas o meu amigo bem vê, que não é possivel acudir de uma vez á tudo quanto suggere o vernaculo dos classicos modernos.)

Si porém o verbo *saber* ahi foi empregado para traduzir o francez *savoir* (que apezar de ter a mesma origem *sapere* não póde significar *plaire*), a construcção está errada, o complementar *me* rigorosamente devia ser enclitico de *rir*, e si esse alexandrino fosse feito por brazileiro, que, sem se importar com a incorrecção grammatical, tractaria de dizer com exactidão a idéa, respeitando a metrificação, ter-se-hia:

« Si soubesse me-rir agora é que me-ria. »

Seria anteposto *me* á *rir* contra a regra dos puristas, mas de accordo com o senso commum, e, o que é mais, do mesmo feitio (com differença do tempo do verbo) como o emprega o v. de Castilho na bocca do mesmo MISANTHROPO e quasi no mesmo trecho.

« Odeio toda a gente
« Com tantas veras d'alma e tão profundamente
« Que *me ufano* de ouvir que entre elles e eu existe
« Separação formal. Temeu *deixar-me* triste?

O *me* precede á *ufano* e não podia ir de modo algum com *ouvir*. No resto do ultimo verso acha-se exactamente o opposto. Vê-se que racionalmente o *me* se liga a *deixar*, e nunca poderia antepôr-se ou pospôr-se á *temeu*.

Os exemplos adduzidos servem-nos para mostrar que a magna questão dos *vernaculistas* (ao menos no que diz respeito aos pronomes com o infinitivo e o

gerundio) não passa de um capricho, e em ultima analyse se limita á questão de *euphonia*. Mas aqui então é que temos conversa, e fica para ao depois; antes de lá chegarmos ha muito que vêr ainda, tanto sobre collocação de pronomes, como sobre conjugação de verbos etc. Por emquanto fique assentado, que á juizo dos estrangeiros, os brazileiros tem mais *ouvido*; os estrangeiros acham mais duro, ou muito duro, o modo de fallar vernaculo, comparado com o brazileiro, e muito mais agradavel e sonora a linguagem destes. Nem admira; a musica falla por nós: si bem que atrazadissimos em outros ramos de desenvolvimento, na musica já nos pomos em competencia com as nações que mais se fazem notar pelas producções de arte nesse genero. Os portuguezes terão magnificos *executantes*, porém *musicos? maestros?* Tem tantos como a soberba Albion, apezar da *prôa* de Marcos Portugal.

O infinitivo pessoal, peculiar ao portuguez, por ser pessoal não deixa de ser regido de preposição; como ficam então os pronomes n'estes infinitivos?

« Pois dizei ao turco que, entregando-*me* os prisioneiros que tem, *lhe darei* á Albayzar; e se pera *se fiar* de mim não bastar *dize-lo eu*, *lhe darei* por fiador á senhora Targiana, que, pelo que conhece de mim, creio que o *quererá ser*. »

PALMEIRIM.

Já se tem visto que a anteposição de «*lhe*» á «*darei*» é determinada rigorosamente pela conjunctiva *que*. O que aqui nos cumpre examinar é o infinitivo pessoal: *se fiar* regido de *pera* e com o sujeito occulto *elle* é obrigatorio? Sem duvida que não, pois tambem seria regular «*pera fiar-se elle de mim*.» Creio mais ainda que,

em portuguez hodierno seria muito conforme: *pera se elle de mim fiar*, ou *fiar de mim*, ou *pera de mim se fiar* ou *fiar-se*. Agora o que realmente encommoda é não nos ensinarem os puristas e não poder a gente achar modo algum de formular uma regra bem determinada que cohiba o brazileirismo « *para elle se-fiar de mim*, ou *para elle se de mim fiar*» porque quanto ao mais admittem «*para se de mim fiar elle.*»

« *Si...não bastar* DIZE-LO EU» A este infinitivo pessoal como é que se pospõe o pronome até quando esse infinitivo é implicado com oração condicional de *si*? (veremos adiante qual a força do *si* que é tão grande como *que* para obrigar á antepôr o pronome.) Não se póde formular regra, e entretanto a simples comprehensão da phrase mostra que logicamente não se póde dizer de outra fórma.

É já differente o caso logo adiante «*creio que o quererá ser*», que podia variar sem embargo do «*que*» e varia de facto preferindo-se hodiernamente *quererá sê-lo*.

« Em vez *de o proclamarem* santo
« Parvo é que hão de *chama-lo*, e eu faço-lhe outro tanto»

Diz o visconde de Castilho no MISAMTHROPO. Não se poderia dizer *proclamarem-no* e *que o hão de chamar*? Porque? Só por amor do metro.

A collocação dos pronomes com os verbos no infinitivo depende essencialmente do sentido da phrase, e disto, meu doctor, não se lembram não.

Em uma correspondencia do Porto (nas columnas do *Jornal*, onde se depara por vezes com portuguez mais vernaculo do que o dos folhetinistas, que lá se contractam para nos deleitarem e naturalmente para nos ensinarem a lingua) temos:

« Vai representar ao governo expondo a necessidade dos vapores de reboque neste porto e impossibilidade de *os haver* sem protecção do governo. »

Não é possivel aqui dizer-se «*have-los*», porque? por ser infinitivo regido de *de*? Ora! é porque *haver* aqui não é verbo transitivo, e *os* póde considerar-se como sujeito de *haver* verbo impessoal. Impossibilidade de *have-los* significaria « impossibilidade de *te los*, de *possui-los*, de *adquiri-los* » o que evidentemente não é o que se quiz dizer.

Por causa da tal regra da preposição *á* condemnou um purista e até averbou de gallicismo o seguinte:

« Vai ao porto vêr se ha navios, e *á os haver*, freta o primeiro que poderes. »

Implicou o purista com o «*e á os haver*» não só por causa da preposição *á*, mas ainda por amor da conjuncção «*e*» que tambem, segundo elle, requer o pronome posposto.

Teremos occasião de vêr adiante, que tanto rigorismo só tem uma fatal consequencia, e muito desgraçada: empobrecimento da lingua. Já o dr. Paranhos da Silva observou que a preposição *á*, predilecta dos classicos hodiernos, tende á eliminar outras preposições; elles accumulam funcções em uma com grande prejuizo da clareza, e fazem caír outras em desuso.

Que a collocação dos pronomes depende do sentido da phrase ou do significado das palavras, provam os seguintes exemplos.

« A escravidão não consegue *torna-los* maus »

É de Gomes de Amorim, e aqui não seria conveniente antepôr o pronome ao verbo principal *consegue*,

o que entretanto já era admissivel com outro verbo e muito regularmente «não *os pode tornar maus.*»

Do mesmo Amorim ha outro exemplo que se acha no segundo caso.

« Eu é que sou o criminoso por querer *pagar-vos* o vosso rancor. » Tambem podia ser *por vos querer pagar* e ainda *por querer-vos pagar.* O que os puristas não admittem é só *por querer vos-pagar* com o pronome *vos* proclitico ao segundo verbo.

« Em vos esperão *vêr-se* renovada
« Sua memoria e obras valerosas. »

É verso de Camões, no qual o sujeito de «esperam» é «*elles*» subentendido, e o sujeito de «*vêr*» é «*memoria*» á quem se refere o pronome «*se.*» Qual a outra collocação que se podia dar á este pronome *se*? Mais uma só e esta condemnada por ser gallicismo «*esperam se-vêr.*» Si como em outros casos fosse o pronome para juncto de *esperam*, a phrase mudaria de sentido « Em vós se espera vêr renovada » o sujeito de «*espera*» não é mais «*elles.*»

É ainda de Camões:

« Vestida uma camisa preciosa
« Trazia de delgada baetilha
« Que o corpo crystalino deixa *vêr-se* »

A *camisa* é quem (ou *que*, conforme um purista, que não quer que *camisa* seja *pessôa* e possa admittir o relativo *quem*) *deixa vêr-se* ou *ser visto o corpo,* e apesar do *que* conjunctivo não é possivel *se* proclitico á *deixa.*

Entretanto do mesmo Camões temos:

« Começa-*se* á travar a incerta guerra »

Neste outro verso de Camões já se vê que a posição do pronome *se* podia grammaticalmente mudar. porque sendo *guerra* o sujeito de ambos os verbos, tanto faz dizer *é começada á travar*, como *começa á ser travada*, donde resulta que muito grammaticalmente pode o *se* ir para dépois de *travar*, e até para antes de *começa* segundo os rigoristas, si houver no principio algum adverbio *onde, quando* etc. ou conjuncção *si*, *que* etc.

Não é só isto. O verbo *começar* admitte varios infinitivos, que podem ser regidos por preposições diversas, e tambem infinitivos immediatos sem preposição alguma.

D'entre as preposições, *á*, segundo os puristas, quer o pronome posposto, *em* e *sem* o querem anteposto, Em um verso de Camões citado acima vimos o contrario com a preposição *á*.

No outro exemplo agora de Camões está ainda o pronome *se* antes do verbo *travar* regido de «*á*» mas enclitico á «*começar*.»

Sem preposição temos o infinitivo: « e arrancando « das espadas começaram *ferir-se* » com o pronome posposto no PALMEIRIM DE INGLATERRA, de Francisco de Moraes. No mesmissimo livro, com o mesmo verbo *começar* e o mesmo infinitivo temos exactamente o contrario em « Ambos vieram ao chão, mas logo « foram levantados sem mostra de sentirem algum « damno da queda, e embraçados os escudos, *se co-* « *meçaram ferir* com tanta força e ardimento que...»

Note-se que, sem embargo das conjuncções *mas* e *e* (adversativa e copulativa que requerem pronomes pospostos aos verbos, dizem),ahi está o pronome *se* anteposto ao verbo principal.

Com outros infinitivos não precedidos de preposição acham-se exemplos identicos, e é inutil transcrever mais alguns.

Com infinitivo regido de preposição topam-se exemplos como :

« Começou *em vê-la* um dia
« Este mal que me agonia. »

O infinitivo regido de *em* tem o pronome posposto, mas si ao verbo *vêr* precedesse a negativa? devia vir antes o pronome.

« Primalião, que com aquella braveza o viu, *come-*
« *çou-se de defender* o melhor que poude. » Podia ser
« *começou de defender-se*, e porque não «*começou de se defender*»? dizem os puristas que é gallicismo. Mas então como é que o admittiam nos exemplos já vistos *de o ver vendido*, *para lhe dar castigo*? como é que admittem o seguinte que tambem é do PALMEIRIM?

« O outro, que tambem (com tres orações inter-
« mixtas) *começou de o ferir* sem piedade.»

E em outros logares :

« *Começou de lhe perguntar. Se começaram de*
« *tractar. Começou-o de abraçar. Começa de pôr-se-lhe*
« *em frente. Começou de se defender, de o ferir, etc.*»

Com outras preposições temos; do proprio meu amigo dr. T. de Mello «*começou-se a publicar.*»

Em Bernardim Ribeiro «*começou a consola-lo.*»

Na EUFROSINA de Jorge Ferreira «*Ia-me ella começar a pagar.*»

« *Assim se começaram á tratar*» vem no PALMEIRIM. E em Camões acha-se em posições diversas o pronome com o infinitivo no seguinte:

« Começa á *embandeirar-se* toda a armada » com o pronome posposto ao infinitivo.

« Começo-*lhe á mostrar* da rica pelle » com o pronome posposto ao verbo principal não obstante ser dativo de *mostrar*.

« Á maneira de nuvens *se* começam
« *A descobrir* os montes que enxergamos. »

Com o pronome anteposto ao verbo principal não obstante não haver negativa, nem condicional.

E do proprio Camões temos exemplo com o gerundio « *começando-se* todos *á servir*.

No LEAL CONSELHEIRO de D. Duarte lá vem: « e despois começaram-*se* de *estuigar e apressar*. »

Em frei Luiz de Souza « começa logo *á povoal-o* »

Agora, meu caro doctor e amigo, vou tornar *gangentos* os puristas, documentando a regra que dão sobre a preposição *á* com o que sóem fazer mais geralmente os classicos.

Empregavam elles o verbo *começar* seguido de infinitivo, ora regido de *á*, ora de *de*, ora sem preposição, arbitrariamente por vezes quanto á significação, mas com a particularidade de admittirem pronome proclitico ao infinitivo com a preposição *de*, e não com a preposição *á*. Assim achamos:

Sem preposição; «começavam *dar-lhe* testemunho; começaram *ferir-se* de golpes; *se* começava *rugir*; *se* começaram *ferir*; começou *concertar-se*.» O pronome enclitico ao infinitivo, proclitico á *começar*, ás vezes

enclitico á este (em oração subordinada) e nunca proclitico ao infinitivo.

Tal e qual é o que se dá quando *á* rege o infinitivo; começou *á consola-lo*; já *me* elle começa *á pagar;* mas ainda *lh'o* não começava *á contar;* visto *se* começar *á gastar* a nevoa; assim *se* começaram á *tractar*; começa *á embandeirar-se* toda a armada; começo-*lhe á mostrar*; começando-*se* todos á *sorrir* etc.» Como no caso precedente, não se acha pronome proclitico ao infinitivo.

Com a preposição *de* porém temos: «começou *de o requerer*; começa *de perguntar-lhe*; começou-*se de defender* o melhor que pude; ali *se* começaram *de tractar*, começou *de o ferir* sem piedade etc.»

Com effeito temos *de o...*, *de lhe...*, *de se...* etc., e só por excepção achamos *á o...*, *á lhe...*, *á se...* etc. com um infinitivo. *Quid inde?* Em occasião opportuna, tractando da conjugação, veremos que a razão syntaxica absolutamente nada tem com isto, e que é só a euphonia quem (ou *que*) determina a enclitica para o infinitivo regido de *á*, e a proclitica para o regido de *de*; ora nisto de euphonia já temos visto o que vale o ouvido dos classicos e o veremos ainda mais ao diante.

Aos exemplos adduzidos com o verbo *começar* podem juntar-se muitos outros com quaesquer outros verbos para demonstrar o despotismo inqualificavel dos puristas.

Felizmente não é preciso ir longe, nem ter á mão estantes atupidas de livros classicos. Em relação aos auctores antigos basta haver *(estar*, diz-me um amigo, que implicou com o meu verbo *haver)* sobre a mesa o diccionario de frei Domingos Vieira, que favorece a gente com um bom punhado de citações afim de se poder amostrar tambem um *bocado* (ou *um poucochito*, como

queiram) de erudição baratinha. Em relação aos modernos ahi temos os correspondentes do *Jornal do Commercio*, da *Gazeta de Noticias*, etc.

D'outro modo na realidade seria penosa a posição de nós outros os matutos do Brazil, porque está bem visto, não ha bibliothecas á cada canto, e não é assim sem mais nem menos que se acham *os classicos* para se compulsarem. Lá nos sertões de Goyaz ou nos campos da sua formosa Uberaba faça o que fizer o Bernardo Guimarães, fie-se nas suas sabenças de *grammatica philosophica do mestre*, ou nas licções de poetica e de rhetorica de Freire de Carvalho e de Blair, que elle tanto leu, ha de ser sempre *incorrecto* e *incorrigivel*, quando mais não seja *só pela collocação dos pronomes, caprichosa no brazileiro* e *methodica no portuguez*. Estas sombras tem de escurecer por força os escriptos do mineiro que cá temos na conta de estylista tão bom como os melhores.

Todos estes castellos de preceitos ácerca do lugar do pronome em o (ou *en o* ou *no*) infinitivo desmoronam com a regra dada por Paulino de Souza no § 74 do cap. 4.°

« Quando o verbo é precedido de outra palavra « (*qualquer*? está sub-entendido), o pronome complemen- « tar (*regime*) póde pôr-se antes ou depois do verbo, antes « ou depois do auxiliar. Exemplos :

« *Sempre pedir*-NOS *e nunca* NOS *restituir!*
« *Para* OS *decidir ou para decidil*-OS.
« *Sem* LH'O *ter ou sem ter*-LH'O *mostrado.* »

Aqui se vê bem: é livre, é liberrima a collocação do pronome complementar com o infinitivo dos verbos, quer esse infinitivo seja regido de preposição, quer o

reja outro verbo que lhe sirva de auxiliar, quer emfim esteja elle por si precedido de adverbio, ou, quem sabe? de outra parte qualquer da oração.

Quando, pois, por exemplo, com a proposição *á* se prefere pospôr o pronome ao verbo, é só por mera euphonia, principalmente quando esse pronome é «*o*, *a*, *os*, *as*.» Esses pronomes com a preposição *á* alem de soarem mal ao ouvido tem o inconveniente de se confundirem com o artigo que se compõe com a preposição do mesmo modo.

« Corri atraz delle (ou della) para *o* (ou *a*) pegar, « mas ao alcança-*lo* (ou *la*) escorreguei e caí.» Temos *ao alcança-lo* equivalendo á *no acto de o alcançar* e em *ao* a preposição *a* e o artigo *o*.

« E determinando-se *de a irem* buscar, se chegaram á ella. » Diz Fernão Mendes Pinto.

Determinar-se tambem admitte a preposição *á* e hoje realmente é mais usado dizer-se: *determinar-se á fazer isto* ou *aquillo*. Mas no exemplo de Fernão o ouvido não toleraria *determinando-se á a irem buscar*, e diriam os modernos *á irem busca-la*. Como é então que se especifica uma regra para a preposição *á*, quando tambem póde dar-se com outra preposição a concomitancia de vozes menos gratas ao ouvido?

Em conclusão sendo livre em geral no portuguez a collocação dos pronomes, que é o que (ou *o que é que*) se pode formular para satisfazer ás exigencias mais legitimas do grammatico, em relação ao infinitivo, ao gerundio e ao supino? Apenas algumas prohibições.

1.° Não é admissivel pronome enclitico com o supino: *ido-se*, *louvado-o*, *partido-nos*, *levado-lhe*, *queridovos*. Não admittem tambem os grammaticos pronome

proclitico, mas isto é antes questão de orthographia que de syntaxe, e questão de orthographia de pouco valor para a phonetica: *temo-nos esmerado*, ou *temos nos esmerado* ou *temos nos-esmerado* em examinar esta questão. As differenças que ahi ha são mais para se vêrem na escripta do que para se apreciarem pelo ouvido, e os puritas que dizem *o p'drairo xtá a p'dire cáli*, não tem o direito de ser tão pichosos aqui.

2.° O gerundio não precedido de preposição, em geral, não quer pronome proclitico e sim enclitico, portanto deve ser: «*chegando-me* ao altar; *dizendo-se-nos* estas cousas (apesar de J. S. Barbosa que não quer linguagens com accento atraz da ante-penultima syllaba.) »

Inversamente, si ao gerundio precede preposição ou outra parte da oração, não só elle admitte o pronome proclitico, mas ainda o prefere: «*em se dando* taes occurrencias estará tudo acabado.»

Já vimos que, conforme Paulino de Souza, ainda mesmo com preposição é livre dizer-se: « *em vendo-a* ou *em a-vendo*. »

Quando o gerundio se compõe com verbo auxiliar, Paulino de Souza o submette (ou *submette-o*) á mesma regra que o supino, mas sem razão, porque se Castilho e os modernos assim o empregam de preferencia, com tudo ha exemplos do contrario: *e vae-se assim livrando ou vae assim livrando-se* ou *se-vae assim livrando* a gente das impertinencias dos grammaticos.

Em geral porém nos verbos compostos, visto que o gerundio, como o supino, se apoia nos auxiliares, veremos adiante o logar que póde ter o pronome.

O gerundio, não obstante ser invariavel, conjuga-se com os pronomes agentes de ordinario pospostos;

«*estando eu, tu, elle* ou *ella; estando nós, vós, elles* ou *ellas* dispostos etc.»

Quando concorre na phrase pronome paciente ou regido, si este é enclitico vai depois o agente, si é proclitico pode precede-lo ou não o agente, e tambem poderá ir para depois do gerundio: «*louvando-o eu* pelo « bom desempenho; *em me elle entregando* a carta, ou « *em elle me entregando* a carta» e ainda «*em me entregando elle* a carta.»

3.° O infinitivo em geral se comporta como o gerundio. Composto com auxiliares, deve depender e depende destes o lugar dos pronomes como no gerundio, mas os grammaticos não admittem pronome proclitico com o infinitivo e o qualificam de gallicismo: «não posso *me-* « *fiar*, deve *se-comportar* bem» são inadmissiveis, dizem.

D'ahi a regra geral: o infinitivo quer sempre pronome enclitico: «*dizeres-me* semelhante cousa! é preciso «*fallar-se* com o homem; o difficil não é o *dizer-se*, é o «*fazer-se*.» Isto vigora principalmente quando se começa a phrase pelo verbo, e quando o infinitivo (pessoal ou impessoal) é subjeito ou attributo da oração: «*despedir-* « *nos* assim é uma injuria; o essencial é *achar-se* a inco- « gnita.»

Si, porém, o infinitivo é regido de preposição, apesar de dizerem os grammaticos que elle nunca admitte pronome proclitico, é certo que pode o pronome ir antes ou depois. Sem *nos embaraçar* ou sem *embaraçar-nos*, que haja um traço (-) ou não, entre o pronome proclitico e o infinitivo, fica bem certo que, com preposição, o infinitivo admitte o pronome antes ou depois. Nos verbos compostos veremos.

O infinitivo, como o gerundio, si tem subjeito, de ordinario vae esto para depois: «*vir eu, vir elle, vires*

« *tu* etc.; *dar-lhe eu* este gosto, *fazerem-nos elles* esta « embrulhada, etc.»

Ou quando regido de preposição, tal e qual no gerundio: «*para me elle entregar* ou *entregar elle* o documento; *para me elles trazerem* ou *trazerem elles* a lista, *para me dares tu* o que te pedi.»

Nestes exemplos, principalmente si houver a preposição *á*, é condemnada pelos puristas a anteposição do pronome agente ao complementar «á *tu me amofinares* assim fico mal comtigo»; mas para nós brazileiros, não ha defeito nessa linguagem nem com o *tu* anteposto; «*á me amofinares tu assim*» com o sujeito posposto é com tudo o que requer o infinitivo pessoal e nos antigos vem tambem: «*á me tu amofinares*.»

Eis a summa de tanta embrulhada de preceitos feita pelos rigoristas sobre o logar dos pronomes no infinitivo, no gerundio e no supino!

E isto, note o meu amigo, é em se lhes querendo fazer (ou querendo *fazer-se-lhes*, e porque não *em querendo se-lhes-fazer*?) a maior concessão, e tractando-se de apreciar a cousa conforme o uso (dos *classicos*, mas não só hodiernos.) Porque, quanto ao mais, se-deve vêr (ou *deve-se ver* ou *deve ver-se*) que essa inventiva de regras arbitrarias e caprichosas o unico resultado que dá, é pear muito estupidamente o enunciado dos pensamentos, e talvez á isso se-possa attribuir (ou *possa-se* attribuir, ou *possa attribuir-se*) em parte a falta de originalidade e de côr local, censurada em escriptos de auctores aliás de nomeada, como talentos. E si for somenos essa falta, não o é a falta de naturalidade; para que um escripto nos aborreça, basta que o escrevam de um modo differente do que fallam, basta emfim que affectem.

Tem-se cansado o meu amigo em *convencer-me* de

que é valida e essencial a regra do pronome enclitico em certos casos e diz: «*tenho-te* (pausa) mostrado como se pronuncía, e em bom portuguez não se diz: *tenho te-mos*trado.

Tenho me esmerado eu tambem em fazer vêr que isso não procede, que de todo não tem importancia o dizer-se que *me, te, se*, são encliticos de *tenho* ou *tem*, ou procliticos de *esmerado* e *cançado*, ou nem encliticos nem procliticos. Como é que ousam fazer distincções phoneticas destas em uma lingua onde engolem as vogaes ás duas e ás tres e reduzem o vocabulo *(u v'cáb'lo)* á um concreto extravagante de consoantes inconciliaveis? Como é que podem ser exigentes os donos de uma lingua, na qual se estropía até o accento dos versos postos em musica? « *Quero cantar-á Saloia* » berram elles carregando sobre o artigo « *a* » em vez de dizerem « quero cantar a Saloia » e vem-nos cá apontar differenças phoneticas em pronomes encliticos e procliticos !

Estas cousas não se estudam nos livros, e muito menos ainda nos livros do *vernaculo*. Mas larguem-se *para ahi* (fallo como elles) esses livros, examinem-se as cousas como são, e reconhecer-se-ha que em italiano, em allemão e ainda em francez (as tres linguas em que ha bôa musica) não se admitte a esturdia mudança de accento dos versos como fazem no *vernaculo*. Os brazileiros que tem melhor ouvido, procuram *distillar os versos em fios de melaço*, talvez, mas pelo menos assim não fazem arripiar os pellos á gente com o choque de consoantes amontoadas e com a mudança de accentos para syllabas brevissimas, nem nos ensurdecem com a mudança de vogaes para *u*.

Aos pichosos que recalcitrarem, apenas recommendo a leitura da 1ª parte do IDIOMA DO HODIERNO PORTUGAL,

Aquillo, quando menos, não é écho de outros livros, é fructo de observação propria, e de quem sabe vêr as cousas por si e as sabe dizer com graça.

Antes de concluir este artiguito quero ainda mostrar-lhe, com um exemplo, que o logar do pronome nos infinitivos depende até d'aquillo que se quer exprimir e não se regula pelas regrinhas do grammatista; o pronome já enclitico ou proclitico ao infinitivo, já posposto ou anteposto ao verbo que está com o infinitivo, além do mais é funcção do significado dos verbos e o grammatista exorbita, invade o terreno da logica e ousa coarctar a expressão do pensamento! Isto, porém, só poderá ser desenvolvido quando tractarmos da conjugação; por emquanto reporto-me ao que transcrevi da MENINA E MOÇA de Bernardim Ribeiro na pag. 52 destes rascunhos. Eis aqui versos, nos quaes o logar dos pronomes varía, pulando por cima das regras, mas de modo que, com a mudança de logar se exprime cousa muito differente *(muito outra* é hoje a moda).

Totalmenie allucinado
Ia o triste malucando,
Por ahi tonto girando,
E de tão desesperado
Já não *na* queria *vêr*,
Pois deitava-*se* á perder
Si *a* tornasse á *vér*, coitado.

Mas querendo não *na vér*,
Não sabia o que queria,
E girando, á *vêr* lá ia
Si não *na* podia *vêr*
Por ali casualmente,
E não como quem *se* sente
Com vontade de *a* ir *vêr*

E girava e malucava!....
Si não *na* queria *vêr*,
E podia não *na vêr*,
Porque tantas voltas dava,
E lá ia sempre *vê-la*,
E *a via* (*) na janella
Onde tão bonita estava?

Ai do triste miserando,
Que não *na* queria *vêr*,
Que podia não *na vêr*,
Mas lá ia malucando!
E não *na* podia *vêr*,
Sem o juizo perder,
Completamente girando.

(*) Este «*e a via*» é inadimissivel para os puristas; eu porem observo que no *braziteiro* é muito usado fazer seguir-se á conjuncção *e* o pronome antes do verbo, e isto de modo as vezes que dá á phrase uma correnteza que não é capaz de ter o vernaculo. Veja como fica isso em dizendo-se: *e via-a* ou *via-la*.

A COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES COM OS VERBOS NAS ORAÇÕES ABSOLUTAS.

Á guiarmo-nos (ou *á nos guiarmos*) pela 2.ª regra de Castilho e pelo uso do hodierno portuguez, parece quenas orações absolutas e talvez em todas as principaes, o preferivel é a posposição do pronome ao verbo. Segundo o mestre da grammatica philosophica parece que essa collocação é livre e dependente só do logar do *accento* na voz do verbo. Ahi temos pois outra vez embrulhada, incongruencia de regras, despotismo de grammaticos, e impertinencias de rigoristas, contra a qual se rebellou J. Alencar, e com mais conhecimento de causa o dr. Paranhos da Silva.

Atormentado por esta historia da incorrecção de phrase brazileira pela má collocação dos pronomes, tem-me parecido que, por fim de contas, tantas regras desconchavadas dos puristas, tantos preceitos incongruentes que se não acham nas grammaticas, se reduzem á certas regras na conjugação dos verbos, que em Minas se aprendia na aula de latim.

Dizia o professor de latim:

Na conjugação do verbo em portuguez em geral é mais elegante supprimir-se o pronome agente ou do nominativo.

E para corroboral-o dizia que nem mesmo as Magestades tinham a immodestia de usar á cada passo do *Eu* ou *Nós*. Começam com effeito as leis e decretos por *Hei por bem* e não por *Eu Hei por bem*; *D. Affonso*, *D. João*, *Rei de tal, Imperador de tal Mandamos* e não *Nós D. Affonso Mandamos* ou *Nós Mandamos*.

Observava mais o professor de latim que o emprego frequente do pronome agente ou do nominativo era *gallicismo*, ou em geral barbarismo. Nesta economia dos pronomes subjeitos o portuguez vai com os idiomas irmãos, castelhano e italiano; mas já não é assim no francez, que ahi vai com o inglez, o allemão etc: «*I* wish that *you* may be loved; *Ich* « will dass *du* geliebt werdest; *Je* veux que *tu* sois « aimé;—quero que— sejas amado;— quero que— seas « amado;—voglio che *tu* sia amato.»

Ora os senhores puristas do hodierno já lá vão para as bandas dos Teutões e dos Sicambros usando e abusando dos pronomes pessoaes no nominativo. Para vê-lo basta lêr os *classicos* modernos: notando-se porém

que do pronome da 3.ª pessôa (*elle, ella, etc.*) ha menos abuso, ao passo que delle abusam brazileiros e portuguezes na traducção do francez.

« Mas *eu* ainda aqui não paro; aqui tens *tu* um guapo rapagão; uma cousa não posso *eu* passar por alto, vou-te *eu* declarar, quero *eu* pedir-te; mas *vós*, se me não engano *eu*, conheceis; aqui tens *tu*, aqui vemos *nós*; n'isso que me *tu* dizes, que me *vós* dizeis, que te *eu* digo, etc.» O emprego do pronome agente serve muitissimo para dar insistencia e força á linguagem, tem por vezes muita graça, e com a suppressão delle muito perderia, em certas occasiões, a phrase; mas tudo isso desapparece desde que se abusa. Em geral elle não faz falta para a clareza da expressão. E' portanto inutil nos dizeres de G. de Amorim « é o que *eu* faço, *eu* não sou como « muitos senhores, *tu* não vês que a gente os compra; « que saudades que *eu* tenho, pois *eu* peço, *tu* apren- « deste, *eu* ainda não fui, *eu* não te faço a vontade? « desde que *eu* vier, *tu* queres arruinar-me, é a ma- « nia mais perigosa que *eu* conheço. » Isto é tirado ao acaso de duas paginas seguidas de um drama; nessas duas paginas apenas foi indispensavel o subjeito na phrase « se *eu* pensasse como *tu*, » porque *pensasse* podia ser tambem da 3.ª pessôa. Dirá ainda o meu bom amigo que isto é muito bonito, muito elegante, muito classico e digno de imitação? Pois olhe, para nós cá, que não viajamos pela Europa, como o doctor, isto...é insulso (*fade*, dizem os folhetinistas do hodierno, sublinhando o vocabulo francez).

Dizia mais o professor de latim: Quando se conjuga verbo transitivo nos tempos simples (devia dizer

«verbo não composto») o pronome complementar vai sempre para depois do verbo, quando ha ellipse do sujeito ou quando este é tambem posposto, e em geral quando começa a proposição pelo verbo.

« *Ama-o* deveras, *buscava-o* com cuidado, *fallei-te* ha dias, *achou-se* o livro, *alcançavam-nos* na matta, *pegaram-se-lhes* as febres (apesar das regras de J. S. Barbosa que não quer accento atraz da antepenultima), *enviem-m-o* bem cedo; *remettesseis-me* (apesar da concomitancia de consoantes increpada pelo mestre) o livro cedo e *fôra-vos* tolerado o mais; *encommendaram-se-vos* á tempo as cousas, mas *esquecestes-vos* de tudo. »

Vigora isto em todos os modos, mas principalmente no imperativo e nas linguagens de permissivo, de optativo, e no fallar interrogativo. Nestas linguagens é de rigor tambem pospôr-se o agente, no que vai o portuguez de accordo com as linguas co-irmãs do neo-latim « *queres-lo? busca-o; vaes-te? vaes-te tu? vae-se elle*, *vamo-nos nós*, *ide-vos*, *vão-se elles* para lá; *quizessem-no elles; queres tu? abraçai-me*; *agarremo-lo*; *trouxesseis-mo tu* e *agradecera-vos eu* muito (apesar das regras de J. S. Barbosa sobre concomitancia de consoantes, e accento atraz da ante-penultima) *procurasteis-lo* bem? *procurávamo-lo* com vontade (Não quer dizer que não se podesse dar outra forma á phrase, mas estatue-se a regra geral, apesar das restricções de J. S. Barboza). *Receba-a eu*, *leve-o elle*, *façamos-lhe* a vontade, *cheguem-se ellas*, *demo-nos* as mãos, *congraçassem-se* ás veras, *acudissem-vos* elles, *alcancassemo-lo* nós (com accento para traz da ante-penultima apesar de J. S. Barboza, o que

não importa affirmar que se não possa dar outro feitio á phrase para se evitar o italianismo.)

Esta regra milita ainda no infinitivo e no gerundio « *acha-lo* será difficil; *querendo-o* é impossivel.»

A mesma cousa se dá (ou *dá-se*), quando a linguagem é de futuro, com uma differença, que é: as desinencias de futuro não acceitam pronome enclitico, donde resulta que em portuguez quando o pronome deve ser enclitico, elle se torna meso-clitico (Não obstante entender o meu amigo que é absurda esta expressão, dê-me licença que eu a empregue para exprimir o facto; diga embora que não ha senão encliticas e procliticas e que em *ama-lo-hia* o pronome *lo* ou é enclitico de *ama*, ou proclitico de *hia;* teremos occasião de vêr que, é realmente meso-clitico, porque de facto póde pender para diante ou para traz conforme a accentuação da phrase mórmente metrificada). Paulino de Souza denomina de *futuro portuguez* á esta forma particular de conjugação.

« *Fallar-me-hão* os homens á respeito, ou os homens « *me fallarão* á respeito, ou á respeito *me fallarão* os « homens, á respeito os homens *me fallarão*; *amar-te-hei*, « *quere-lo-hia*, *fallar-lhe-hás*, *di-lo-hias*, *chamar-me-heis*, « *combate-lo-hieis*, *combinar-nos-hemos*, *obte-lo-hiamos*, « *adquiri-lo-hão*, *persuadir-se-hiam*.»

Aqui se evidencia um facto (que não fôra apontado pelo professor de latim). No futuro, o pronome que seria enclitico nas outras linguagens, torna-se mesoclitico, mas este futuro não é admissivel sinão quando por elle começa a phrase, de modo que elle não admitte antes de si nem o pronome agente: *elle leva-lo-hia* é inadmissivel,

segundo o uso classico, e seria preciso dizer-se *leva-lo-hia elle* ou *elle o levaria*.

Revertendo das vozes de futuro para as outras concluir-se-hia que, rigorosamente se-deve empregar pronome enclitico só quando a phrase começa pelo verbo, e si o precede o sujeito ou outra qualquer palavra é preferivel o pronome proclitico, conclusão diametralmente opposta á 2.ª regra de Castilho, e tanto mais rigorosa quanto realmente é regra que milita em todas as linguas neo-latinas.

Em todas ellas tambem subsiste outra regra: o pronome agente deve sempre ser posposto ao verbo na conjugação interrogativa; o mesmo se dá na linguagem de imperativo; e na de permissivo e de optativo faz excepção, porque não havendo modos especiaes serve para isto o subjunctivo.

Nas linguagens do modo indicativo, estando presente o agente, seja pronome pessoal ou não, e não sendo a phrase imperativa, permissiva ou optativa, em geral é livre a collocação dos pronomes complementares, e depende só da harmonia da proposição: «*eu me louvo* de dizer sempre a verdade, *eu louvo-me*, *louvo-me eu* (só não se póde dizer *me-louvo* começando a phrase com pronome proclitico); *elles a-queriam*, *elles queriam-na*, *queriam-na elles* (mas não *a-queriam elles*); *vós lh'o-levastes*, *vós levastes-lh'o* (apesar de J S Barbosa), *levastes-lh'o vós* (mas não *lh'o-levastes vós*); *elles me-procuraram*, *elles procuraram-me*, *procuraram-me elles* (exceptua-se *me-procuraram*)».

«*Eu o prézo* pelo que fez, *eu prezo-o*, *prezo-o eu*» e até ainda «pelo que fez *prezo-o eu*, *eu o-prezo*, *eu prezo-o*» Do mesmo modo «os homens *me fallaram ou fallaram-me* á respeito disso; *fallaram-me* os homens á res-

peito disso (começando pelo verbo milita a regra de se não começar pelo pronome proclitico); á respeito disso *me-fallaram ou fallaram-me* os homens; á respeito disso os homens *me fallaram ou fallaram-me.*»

Por esta regra do professor de latim que vemos? plena liberdade de collocação dos pronomes, e não delles só, licença de inversões em portuguez quasi tão grande como em latim, limitada unicamente pela clareza do sentido, e pela harmonia da phrase. E, bem considerado, a regra ainda vigora quando falta o subjeito, «á respeito *me fallaram* ou *fallaram-me,*» e ainda «*fallaram-me* á respeito» ficando em pé uma unica exclusão: não começar a phrase pelo verbo com o pronome proclitico e sim enclitico.

Na linguagem do futuro porem cessa a liberdade e o pronome deve ser proclitico como nas linguagens negativas: « *elles me procurarão, vós o advinharieis, nós nos entenderemos, elle no-lo trará.* » Se fosse imperativo, já vimos que seria o pronome mesoclitico, isto é, collocado entre o thema do infinitivo e a desinencia do futuro.

Afinal querem o pronome proclitico todos as outras linguagens, (até mesmo o admittem as do modo indicativo, quando começa a phrase, não pelo verbo ou pelo agente da oração, mas por outra parte qualquer da oração): «*cada qual o entende á seu modo*; *quer o-queiram, quer o não queiram*; *elles o chamaram e lh'o disseram* (como é do indicativo tambem podia ser *elles chamaram-no e disseram-lhe*); *quem m'o disse foi elle; posto que o deseje não o espero*; *embora m'o promettesse, eu me acho na duvida* (e por ser do indicativo *eu acho-me, acho-me eu*, ou só *acho-me*); satisfazendo ao *que me* pedes *eu lh'o dou (eu dou-lh'o, dou-lh'o*

eu, ou dou-lh'o; tal qual o querem o faremos, ou nós *o faremos* (ou *fa-lo-hemos*, por ser linguagem de imperativo ou permissivo.)

E note o meu amigo que este ultimo preceito do professor de latim voga, pode-se dizer, em todas as linguas neo-latinas, pois nellas é proclitico o pronome logo que ao verbo precede qualquer palavra. «Et je *vous* prie de *le* croire; e *la* prego di creder-*lo*; y *le* pido de creer-*lo*, e peço-*lhe* ou *lhe* peço que *o* creia.» No francez o pronome é anteposto ao verbo até no gerundio e no infinitivo.

Na conjugação negativa (continuemos com o que dizia o professor de latim) nunca se deve pôr o pronome complementar depois do verbo. Desenvolvendo-a diremos nós: na conjugação negativa não se admittem pronomes encliticos, e por conseguinte nem pronomes mesocliticos nas linguagens negativas de futuro.

« *Não no quero, não me estimas, não me tracta bem, nem o desejamos, nunca o procureis, jamais me fallam*; *nada lhe pedia* eu ou elle ou ella; *não no irrites* tu (pode-se antepôr o sujeito); *não na amavas* tu, (posposto sempre na interrogativa, e indifferentemente posposto ou anteposto nos outros casos); *não vo-lo entregavamos, nada me trouxesteis* ou *trazieis*; *nunca o maltratávam*; *não lhe fallei, não me avisastes*; *ninguem m'o declarou, jámais o proclamamos, nem na procurastes, nunca se deram por vencidos; não o farei, nem o levarão, nunca me contestará, jamais o admittiremos, nem vós o consiguireis, não no poderão; jamais o creria* (eu, elle ou ella), *nunca o obterias, nem um me obrigaria, nem nós o chamariamos, nunca vos aperfeiçoaries, nem se lhes queimariam as casas; não no faça eu, não me forces, nem lhe toques, não se amue*

elle, não se cumpra, não no louvemos, não no applaudais, não se ufanem, ninguem no-leve, não me fiasse, não te arriscasses, nem se fizesse, não no ajudassemos, não no amofinasseis, não se insubordinassem, nada lhe deixassem.» A cousa seria a mesma si a conjugação fosse tambem interrogativa, com a condição porem de, em geral, se pospôr o agente: «*Não no querias tu* então? mas tambem é licito: *tu então* ou *então tu não no querias?*»

Como o imperativo só tem em portuguez 2ª pessôa do singular e do plural, e isto só affirmativamente, as outras pessoas elle as toma do subjunctivo, e toma-as todas logo que é negativa a conjugação. As linguagens de permissivo e de optativo (modos não especiaes em portuguez), são feitas tambem pelas vozes do subjunctivo e pelas do futuro, que nas grammaticas denominam de condicional.

Si a conjugação fôr, alem de negativa, interrogativa, ou si a linguagem fôr de imperativo, de permissivo ou de optativo, o pronome agente deve sempre ser posposto, e isto vigora para todas as linguas neo-latinas. E' evidente que aqui se falla de *agente* qualquer com tanto que não seja pronome relativo (*que, o qual*, etc.) pois que nunca ninguem se lembraria de pôr um pronome relativo depois do verbo, nem em allemão ou inglez.

« *Não no offenda elle, não me faças tal, não lh'o dicesseis vós, nunca lhe déssemos* tal motivo, *não me amofinasseis vós, não no poderiam elles? não no obtereis vós? não vo-lo declarou elle?*

Continuando com as regras da conjugação dos verbos com os pronomes complementares, o professor de latim

dizia que estas mesmas regras vigoravam nos tempos compostos (aliás verbos compostos), fazendo applicação dellas ao verbo auxiliar, isto é, ao verbo que soffre as variações da conjugação. Isto porem, á rigor, só nos tempos compostos com o supino, porque nos compostos com o gerundio e com o imperativo é amplissima a liberdade, e podem os pronomes complementares ir até para depois do gerundio ou do infinitivo, ainda mesmo quando a linguagem é negativa, ou quando occorre qualquer outra cousa que na conjugação simples obriga á determinada collocação. « *Nós* o-*havemos de ensinar*, *nós havemos de* o-*ensinar*, *nós havemos de ensina*-LO, (e até *havemo*-LO *de ensinar*, nos classicos antigos, mórmente em Vieira). *Eu* A-*vou procurando*, *eu vou*-A *procurando* (fórma predilecta dos Castilhos e dos classicos hodiernos), *eu vou procurando*-A. *Nós* o-*tinhamos visto*, *nós tinhamo*-LO *visto* (apesar de J. S. Barbosa, porque no caso de faltar o agente *nós*, não admittiriam os puristas o castelhanismo ou italianismo *o tinhamos visto*) ; por ser de supino, neste ultimo exemplo não é possivel *nós tinhamos visto-lo*. *Não* ME *quiz abraçar*, *não quiz*-ME *abraçar*, *não quiz abraçar*-ME, (apesar de ser linguagem negativa) ; *assim* SE *vai passando o tempo*, *assim vae* SE *passando* (apesar do capricho dos hodiernos que no em tanto admittem os *vae-as*), *assim vae passando*-SE o tempo (tudo apesar do adverbio *assim*); *nunca* ME *tinha fallado*, ou *nunca tinha*-ME *fallado* (apesar do *nunca*, e apesar dos rigoristas) ; só não se admitte a enclitica ao supino (*fallado*-ME).

O professor de latim rematava os seus preceitos estatuindo que nas orações incidentes, subordinadas e condicionaes o pronome complementar é *sempre* proclitico. Mas isto vamos vêr depois.

« Ninguem poderá queixar-se »

E' uma phrase do dr. T. de Mello já transcripta acima, que foi dada como exemplo da regra do pronome enclitico ao infinitivo, e que o é para os escriptores hodiernos, (verdadeiro italianismo como notamos.) Mas si valem considerações logicas para os senhores rigoristas, ver-se-ha (preferivel ao *se verá* que segundo A. Barreiros é menos arrevezada) que é muito mais regular « *ninguem* SE-*poderá queixar.*»

1.° A regra da negativa, que não vem nas grammaticas é rigorosa nos classicos antigos. Não será preciso adduzir novos exemplos, e basta dizer-se que em virtude della se diria *não* SE *pode*, *não* SE *podia*, *não* SE *queixa*, *não* SE *pode* ou *não* SE *podia queixar.*

2.° Por isso mesmo o pronome *ninguem* (apesar de não figurar nem nos *collectivos*, nem nas *negativas* da tal grammatica citada por Fernandes Pinheiro Junior, nem nos preceitos dos outros) é tambem um dos que requer pronome proclitico ao verbo, «*ninguem* o *pode*, *ninguem* SE *queixa*, *ninguem* SE *podia queixar.*» Abundam os exemplos desta especie.

3.° « No futuro absoluto o pronome *regime* se col-
« loca sempre antes do verbo: *tu* NOS-*dirás*, *ella* LHE-*escre-*
« *verá*, *nós* o-*applaudiremos.* » E' a 2.ª regra do § 56 do cap. 4.° da parte 4.ª de Paulino de Souza, da qual não ha noticia em J. S. Barbosa, nem nos preceitos de Gama e Castro, de Castilho e dos outros rigoristas.

4.° « No futuro anterior (é esturdia a denominação
« mas não se pode obviar á tudo de uma vez) o pronome
« *regime* deve sempre preceder o auxiliar... *tu* NOS-*terás*
« *dicto*, *elle* TE-*terá escripto*, *nós* o-*teremos applaudido.*»
E' a 5.ª regra do § 6.° já citado de Paulino de Souza. Só

falta portanto provar que *poder* é verbo auxiliar (veremos isto em outro logar) para ficar assentado que é mais exacto dizer-se « ninguem *se*-poderá queixar » do que « ninguem poderá queixar-*se* » do dr. T. de Mello.

Em ultima analyse, porém, vê-se (ou *se-vê*) que é livre a collocação dos pronomes complementares.

Serão estas regras do professor de latim idoneas e convenientes? Como é que nas grammaticas de portuguez não vem nada expressamente estatuido sobre a conjugação negativa, e sobre a interrogativa, cousas de maxima importancia na comparação das linguas e que apresenta caracteres tão importantes para se julgar da indole de cada idioma? Como é que nada dizem da linguagem do optativo, do permissivo, etc. que em varias linguas tem modos especiaes?

Com effeito é aqui, que se apresenta já sensivelmente a differença que vai-se dando (*que se-vai*, ou *que vai dando-se*) entre o luso-brazileiro, e o idioma do Hodierno-Portugal, como tão categoricamente avançou e com optimas razões o sustentou o dr. Paranhos da Silva.

Os puristas condemnam a incorrecção dos brazileiros, que pospõem os pronomes pacientes até nas linguagens negativas. Pois bem; o ouvido brazileiro, pelo seu lado, não supporta a accumulação inutil de pronomes e de particulas determinativas, e o brazileiro pospondo os pronomes nas linguagens negativas (e condicionaes ou subordinadas como vamos vêr) evita até certo ponto a invasão do gallicismo, que se vai acclimando na phrase vernacula e de ũa (e não *uma*) maneira desastrosa. Parecerá esturdia e estranha esta asserção, porém tenha paciencia o meu amigo, pois espero mostrar-lhe, sem embargo das reclamações dos puristas, que é

exacta e bem exacta esta asserção. No Hodierno-Portugal pensa-se e falla-se em francez com palavras portuguezas; espero mostral-o na continuação dos RASCUNHOS.

A' incorrecção de se pospôrem os pronomes nas linguagens negativas se contrapõe a outra do *me parece*, *lhe digo*, *o supponho*, etc. não precedidos de pronomes ou de alguma outra parte da oração. Esta incorrecção, que realmente se-dá, ja vimos que não é tanto gallicismo, como italianismo e castelhanismo «*me pare*, *me gusta*» sem sujeito, ao passo que em francez é indispensavel o *il* ou *ce* agente. Será com effeito muito condemnavel a introducção no portuguez de algum phraseado italiano ou castelhano? Cuido que não, e me parece até (vernaculo *parece-me até*, ou *até me parece*) que mais do que o francez se adapta á indole do portuguez a phrase italiana e ainda mais a castelhana.

Muita gente de merito superior, entre outros o illustrado dr. Paranhos Silva já toma posição difinida e diz categoricamente. « Não posso, portanto, deixar « de fazer votos para que todos os deputados do Brazil « imitem aquelle nortista censurado por haver dito: ME- « *parece*; e para que nunca digam: *Parece*-ME *mesmo*. « Tambem faço votos para que todos os nossos jornalistas « digam NOS-*informam*, e não *informam*-NOS. »

Está satisfeito o desejo de S. S. Nas camaras não é só um ou outro que emprega o castelhanismo *me-parece*, são muitos; e na assembléa provincial o o emprega até um director de collegio, e faz muito bem. Festeja-se o 7 de Setembro porque nos deu a *Independencia*; qual o que! nem nos deu *independencia!* E si nos-deu, digam-me; no que? em que? em pensar? no fallar? O facto está fallando e é eloquente.

Alem de tudo aqui temos uma explicação que

de certo modo justifica essa innovação no fallar brazileiro, si é que é só brazileiro. E' o facto que já foi apontado: abuso dos pronomes pessoaes no hodierno portuguez, parcimonia delles no luso-brazileiro. E então perguntamos: considerada a cousa *grammaticalmente* e não com *grammatiquice*, qual é mais toleravel e justificavel: o arabismo *eu me parece?* ou o neo-latinismo *me parece ?*

Sem duvida o ultimo que admitte uma explicação logica pela ellipse do subjeito *elle.*

E que assim é, prova-o o modo de fallar dos caipiras e matutos não lidos em livros francezes, avessos mesmo aos gallicismos e que entretanto costuman dizer « elle me parece que o homem passou; « elle ha modo que já chegou; elle, eu cuido, que nos « serve: elle me servia bem, que mecê acceitasse; elle « me faz conta assim. »

Embora seja incorrecção d'aquellas que até o professor de latim já apontára, acho que o uso (suprema lex) e a logica nos auctorisam a commêtte-la consciente e conscienciosamente, e sem dar satisfacção aos que não podem justificar logicamente os seus arabismos « *eu é que não quero ir, nós é que não podiamos saber.*»

Retrogrademos um pouco, meu caro dr. e reconsideremos as regras ou instrucções que citei do professor de latim em Minas.

O professor Paulino de Souza no cap. 4.° da Parte 4.ª de sua GRAMMAIRE PORTUGAISE escreve a seguinte regra no § 73.

« Si, em vez de começar a phrase, o verbo é precedido da negação (digo *negativa*; *negação* é o facto, *negativa* é o qualificativo de certa palavra

que serve para fazer-se a negação), ou de outro adverbio, ou de outra palavra qualquer, por exemplo uma preposição ou conjuncção, o pronome *regime* se colloca antes dos verbos nos tempos simples, e antes do auxiliar nos tempos compostos, seja qual fôr o modo. »

Esta regra deita por terra ou prejudica a maior parte das outras que elle mesmo deu desde o § 56 até o § 80.

Esta regra prejudica a 1.ª e destroe a 2.ª de Castilho.

Esta regra destróe as do dr. Teixeira de Mello e Arthur Barreiros em relação ás conjuncções e á certos casos de gerundio e do infinitivo, prejudica a todas as outras destes litteratos e dos outros, e só vai de accordo com a 1.ª de Gama e Castro.

Esta regra afinal, á ser exacta, é regra que vigora, apenas com uma ou outra excepção, nas linguas neo-latinas. Não ha uma só que não anteponha o pronome complementar ao verbo nos modos conjugados, logo que o subjeito ou outra qualquer palavra tambem vai antes delle; e constitue este facto por si um caracter differencial das linguas latinas em respeito ás linguas germanicas, que pospõem aos verbos os pronomes complementares.

E lá foi-se ou (*lá se foi*) a liberdade, de que, d'entre as linguas neo-latinas só o portuguez gozava com mais amplitude; vem ella á ficar mais amarrada do que o italiano, e tão presa como o francez que nem ao gerundio e ao infinitivo pode pôr enclitícos os pronomes!

Entretanto qual a regra, que realmente voga em portuguez?

Em geral começando a oração pelo verbo, o pro-

nome paciente vai para depois, e tambem por vezes o agente; Mas começando por outra parte da oração existe mais liberdade na linguagem, e no portuguez até se admittem solecismos como *eu me* parece, *eu me* lembra, *eu é* que não quero, *elles é que* não dizem etc. e pleonasmos como: *a mim me* parece, *a mim* não *me* tôa, *á elle* não *lhe* serve, *á nós* não *nos* cabe, *á vós* não *vos* assenta, etc.

N'uma palavra, a regra mais geral, que determina a posição dos pronomes complementares nas orações principaes é, que elles vão para depois do verbo se ha ellipse do subjeito, ou si este está tambem depois; e precedam ao verbo se está anteposto o subjeito e principalmente si este subjeito é pronome (exceptuando o pessoal que admitte mais liberdade.) Tambem precedem nas linguagens negativas e nas do futuro.

«*Eu lhe remetti* a carta, ou *eu remetti-lhe* a carta, ou a carta *lhe remetti* ou *remetti-lhe.*» Supprimido ou posposto o subjeito deve ser forçosamente «*remetti-lhe* eu a carta», salvo si tambem estiver anteposto o complemento «*a carta*», porque nesse caso se deve dizer: a carta *lhe remetti.*

A cousa é a mesma fazendo-se a linguagem com os pronomes *tu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, *ellas*.

Com os outros pronomes temos, quando precedem os subjeitos ao verbo:

« Isto *se* deu assim; aquelle *se* chama; todos *o*-abraçaram; cada qual ou cada um *lhe*-perguntava; um por um *a saudou*; muitos *me* preveniram; poucos *o comprehenderam*; tudo *se move* em torno (Castilho); alguns *vos encantavam*; um certo *o cobiçava*, os taes *se foram* chegando; alguem *o* disse. Não se dá aqui

exemplo de *quem* e de *ninguem*, porque os relativos são subjeitos á regra mais invariavel, como tambem as negativas; da linguagem negativa já se tractou antes.

Pospostos aos verbos os pronomes subjeitos, temos com os mesmos exemplos « *Deu-se* isto assim, *chama-se* aquelle; *abraçaram-nos* todos; *perguntava-lhe* cada um; *saudou-a* um por um, *prereniram-me* muitos, *comprehenderam-nos* poucos, *encantavam-nos* alguns, *cobiçava-a* um certo, *foram-se* chegando ou *foram-se* chegando ou *foram chegando-se* os taes, *disse-o* alguem.»

Si alguns, dos exemplos tivesse linguagem do futuro ou do condicional o pronome complementar não iria para o fim do verbo, mas para o meio «*encontrar-nos-hiam* alguns, *comprehende-lo-hão* poucos, *for-me-hieis* vós isto, *dar-vos-hemos* :

« Em vista disto, ou, com isto, com estas palavras, depois de assentado o arranjo, etc. elle *se* deu por satisfeito e *se* retirou.»

Esta construcção exacta em portuguez o é tambem nas linguas co-irmãs. Mas em portuguez tem-se ainda a faculdade 1.º de pospôr o pronome paciente «elle *deu-se, retirou-se*»; 2.º de pospôr o pronome subjeito «*deu-se elle*, ou *retirou-se elle* 3.º de eliminar o subjeito «*deu-se, retirou-se.*»

Agora, si deste 3.º caso tornarmos ao 1.º, isto é, si antepozermos o pronome paciente ao verbo quando falta o subjeito, não no admittem os puristas: «com isto *se* deu por satisfeito e *se* retirou» Porque ? E' gallicismo, dizem ! e não se lembram que em francez é indispensavel o subjeito e que ahi então se reproduz justamente a proposição primordial, que é admittida como bôa!

Procurando fazer as maiores concessões possiveis ao

rigorismo dos puristas vê-se que, a regra mais geral que se póde formular é « Nas orações absolutas e principaes, todas as vezes que faltar o subjeito, ou quando fôr elle posposto ao verbo. é preciso tambem pospôr o pronome completar; *levou-o elle* comsigo; acabada a festa *fomo-nos*; achando-nos já molhados, *resignamo-nos* á caminhar apezar da chuva.»

De que serve porém esta concessão? Os complementos antepostos ao verbo sem subjeito e ainda mais ao verbo com subjeito posposto, dão quasi sempre intimativa á phrase e então vamos caír nos casos, que rigorosamente exigem a anteposição do pronome ao verbo. Basta considerar que muitos desses complementos são exactamente substituidos por adverbios.

« Com isto *se concluiu* ou *concluiu-se* o negocio. A mesma cousa é « deste modo *se concluiu* ou *concluiu-se* o negocio» e trocando-se de logar o subjeito «deste modo o negocio *se concluiu* ou *concluiu-se*, o negocio deste modo *se concluiu* ou *concluiu-se*.»

Perfeita liberdade de collocação sem a menor duvida, mas substitua-se o *deste modo* por um adverbio: « *assim se concluiu* o negocio» é como querem os puritas; e ai! dos brazileiros que dizem «*assim concluiu-se* o negocio.»

Os puristas depois do adverbio *assim* e outros não podem admittir que se posponha o pronome. O ouvido brazileiro mais delicado (é juizo dos estrangeiros) admitte perfeitamente essa posposição ás vezes tão euphonica, tão expressiva, que sem ella é impossivel variar-se o bello verso esdruxulo, que cáe em desuso. E dahi cada vez mais nos arredamos do musical italiano, e nos approximamos do francez, cujo prosaico

alexandrino foi vulgarisado modernamente e á conselho de quem ? do visconde de Castilho, do auctor da NOITE DO CASTELLO ! Não é sem razão que se diz que o grande poeta da Noite do Castello em vez de progredir foi caindo...caindo com os annos, até por fim tornar-se mero traductor.

Aqui tinha cabida, meu caro doctor, o tractarmos da sua regra *da attracção dos complementos*, que é muito mais generica e muito mais satisfatoria, mas examinemos primeiro o caso em que é rigorosamente obrigatorio o pronome proclitico.

Os Srs. Arthur Barreiros e Fernandes Pinheiro Junior me obsequiáram com algumas palavras, e muito galhardamente me contestaram alguns pontos. SS. SS. porem, foram apressados em replicar; cuido que si esperassem a continuação dos *rascunhos* as contestações ou deixariam de apparecer, ou seriam differentes. A consideração que me merecem SS. SS. me obriga á estas poucas explicações, pedindo-lhes se dignem lêr *os rascunhos* mais para diante. Ouso esperar que talvez, por fim de contas, fiquem de accordo commigo, e do meu lado.

COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES NAS ORAÇÕES INCIDENTES, SUBORDINADAS, ETC.

Na 1.ª regra (já transcripta) de J. S. Barbosa diz elle: « Em todas as proposições condicionaes, quer do indi- « cativo, quer do subjunctivo, o pronome sempre vae « antes do verbo, *si eu me amo*, *si eu me amar* etc.»

Sim senhor, é exacto o que diz o mestre, mas não é tudo: a regra é verdadeira, mas carece de generalisação: é preciso que se torne mais lata e que comprehenda não só as orações condicionaes, mas todas as subordinadas e complementares, e principalmente as incidentes, as orações de *que* tanto conjunctivo, como relativo. Addiccionando-se-lhes depois os casos da linguagem negativa, ahi temos com a maior generalidade possivel a regra que impõe e obriga á anteposição dos pronomes ao verbo. Além disso, esta regra generica no portuguez, ainda é mais lata pois que, vigora em todas as linguas neo-latinas, ou pelo menos é válida no castelhano, no italiano e muito principalmente no francez.

Por conseguinte a 1.ª regra de J. F. de Castilho (já citada) é exacta mas carece de latitude e de generalisação, e a 2.ª regra claudica, porque nas orações absolutas existe liberdade de collocação, que essa regra arbitrariamente pretende limitar: « *eu supponho-o* ou *eu o supponho* inteirado destes principios; este menino *perde-se* ou *se perde* com as más companhias; deste modo inconsiderado as finanças *se evaporam* ou *evaporam-se*; tu *divertes-me* ou *me divertes* muito com as tuas pilherias; eu *conheço-te* ou eu *te conheço* e sei ao que vens, e por isso *vou-me* ou *me vou embóra.*»

O ultimo exemplo: *e por isso me vou embora*» ser-

ve-nos para esclarecer a regra que exige a anteposição do pronome ao verbo. A expressão adverbial «*por isso*» será das que exigem a anteposição do pronome ao verbo? digam-no as regras de J. F. de Castilho e de Arthur Barreiros.

Mas a conjuncção *e*? Segundo Arthur Barreiros, ella, e tambem a conjuncção *mas*, exigem o pronome posposto.

Não é assim com tudo. Com as conjuncções *e*, *mas*, *ou* etc. depende a collocação dos pronomes da natureza das orações entre as quaes vem á ficar essas conjuncções.

Si as orações são principaes e não são negativas, a collocação dos pronomes é livre; si pelo contrario são negativas, ou si são incidentes ou subordinadas, ahi é que rigorosamente se exige a anteposição dos pronomes não só em portuguez, mas em hispanhol, em italiano e em francez.

« Quero-*o* e não *no* posso; buscavas-*lo* ou não *no* buscavas? desejo-*o* mas não *m'o* permittem.»

O que aqui obriga a anteposição dos pronomes não é nenhuma das conjuncções, é sim a negativa. A importancia da negativa é tal, que não é preciso o adverbio *não* para que seja obrigatoria a anteposição do pronome.

« *Ninguem o* quer; *nem* uma pessoa *lh'o* trouxera; *nunca nos* vimos em tamanho embaraço; *jámais te* perdoarei; *nada o* vence, *nenhures se* depara com elle.»

Quando uma proposição affirmativa não é simplesmente enunciativa, e sim apresenta-se com alguma cousa de intimativa, isto é, quando começa por algum complemento circumstancial, algum adverbio e mesmo

só o subjeito, a construcção grammatical toma uma fórma analoga á da proposição negativa. Dahi resulta que certos adverbios querem tambem os pronomes antepostos.

« *Já o* disse, *assim m'o* declararam, *sempre te* amofinas, *brilhantemente se* houve, *pouco nos* importa, *muito nos* prejudicaria, *mais se* penalisou, *bem o* busco, *mal o* comprehendo, *apenas vos* avistáram, *quasi nos* apanhastes.»

Isto, creio eu, é commum ao portuguez e ás tres linguas neo-latinas já apontadas. Podem ser vertidas litteralmente em qualquer dellas tanto as proposições negativas como as intimativas, trazidas acima para exemplo.

E' isto sem duvida que motivou a regra já transcripta de Paulino de Souza, que impõe pronome proclitico em todas as orações que *não começam pelo verbo*. Mas já notamos tambem que se realmente vigorasse tal regra no portuguez, estava acabada a liberdade de construcção, e a lingua portugueza estaria tão peada como o francez que não admitte pronomes encliticos, nem no infinitivo e no gerundio.

Não é assim porém.

Rematando os preceitos sobre o logar dos pronomes complementares na conjugação dos verbos, o professor de latim dizia :

« Em todas as orações incidentes e condicionaes ou subordinadas, isto é, em todas as orações complementares, o pronome vai anteposto ao verbo.»

Com effeito, o uso geral da lingua, authenticado pelo que se vê nos classicos, mostra que onde é rigoro-

samente obrigatorio o pronome proclitico é nas orações incidentes, subordinadas, e em geral integrantes.

« O homem *que me fallou* morava no arraial; amo á *quem me amava*, á pessoa *que me ama*; quero *que me obdeças*, é preciso *que se vd*, iremos amanhã *si o pudermos*; dize-me o *que te apraz*, esse *que te injuriou* é um malvado; *si me previnisses* fôra bom; *quando lhe falares* conta-lhe o caso; *onde o topares* agarra-o; procura e has de acha-lo *onde o pozestes*; *não vinha* com a faca, *quando o vi* (ou *quando o vi* eu, ou *quando o* eu *vi*, ou *quando* eu *o vi*), permanece a liberdade de collocação para o subjeito); levar-me-hia tudo *si me não oppuzesse; si me fizeres* tal cousa, zangar-me-hei; *si me não tivesse* chamado, eu de certo não viria.»

Já se vê daqui que a anteposição do pronome é obrigada nas orações, que não subsistem por si, e são ligadas á oração principal (e, diz-se, ligadas ao subjeito ou ao attributo da oração como complementos de um delles) por meio de uma palavra especial.

Esta palavra especial é em geral um relativo ou um conjunctivo, e portanto, ahi temos essencialmente certos pronomes e certas conjuncções, que exercem essa funcção de ligação, de connexão, de subordinação, etc., e que chamam o pronome para antes do verbo subordinado ou integrante. Isto é fundamental e generico nas linguas neo-latinas.

A mais importante das palavras que exercem essa funcção é *que*; e *que* ou é relativo ou é conjunctivo. Quer n'um, quer n'outro caso, nas quatro linguas neo-latinas o *que* exige sempre o pronome anteposto ao verbo.

«*Que*» relativo é pronome e por analogia muitos outros pronomes e talvez quasi todos vem á exigir a anteposição dos pronomes complementares ao verbo: «*Quem o* diria? que *me* querem? *isto me* apraz; *aquelle te* maltratou? *elles* o levaráõ, *esses nos* querem mal, *vós m'o* dissestes.»

Com muitos dos pronomes em portuguez, com tudo, fica livre a collocação dos complementares.

Obrigatoria é a anteposição, porém, de facto com o relativo, e portanto, temos nas orações incidentes.

« A casa *que se* queimou, o homem *que me* trouxe a lança, os salteadores *que o* atacaram, o mimo *que te* mandei, a festa *para que nos* convidáram, o relogio *que se me* deu, a tarefa *a que* nos temos entregado, a empreza *á que vos* propondes, o recado *que se lhe* mandou, o dente *que se nos* tira.»

Com a mesma força de relativo têm-se as orações nas quaes figuram adverbios: «*onde* (o logar *em que*) *se* acha o livro; *quando* (no tempo *em que*) *me* procurares; *donde* (do logar *de que*) *o* tenham de levar; *como* (o modo *por que*) *me* hei de haver.» Estes adverbios implicitamente contem sempre *que*.

Da mesma maneira, já por analogia de serem adverbios da mesma natureza (de tempo, de logar, de modo), já por darem elles intimativa á oração, o pronome é anteposto ao verbo com outros adverbios como:

« *Lá se* vão elles; *cá te* mostras emfim; *aqui nos* temos sempre; *ahi o* deitáram: *acolá nos* encontraremos; *em nenhures se* usa disto; *por algures o* topareis; *então m'o* declarou; *sempre me* dóe, *agora no-lo* trouxeram, *antes se me* tinha dicto, *logo o* alcançaremos, *breve se* amainará, *ainda me* mortificam.»

Generalisada e ampliada esta regra redunda na tal do § 73 de Paulino de Souza, que inutilisaria a maior parte das outras e coarctaria absolutamente a liberdade de collocação que existe no portuguez.

Demais disso o proprio Paulino de Souza se encarregou de destruil-a com a do § 76 que a limita extraordinariamente, e, o que é mais, vai expressamente de encontro ao que querem os rigoristas e usam os classicos do hodierno-Portugal. Diz essa regra :

« Nos verbos reflexos (eu diria reflexivos) póde ás vezes pôr-se o pronome regime depois do verbo etc. : *hontem lembrei-me, já tinha-se ferido.*»

E porque só nos verbos reflexivos, meu amigo ? e porque não tambem : *hontem lembrei-vos* ou *lembrei-te*? e porque não: *já tinhas-me fallado, já tinham-me ferido ?*

Obrigatoria anteposição do pronome ao verbo quer rigorosamente o relativo; isto sim, é o que *nos força* a construcção e *nos impõe* o pronome proclitico.

No mesmissimo caso está a conjuncção homonima do relativo, e como «*que*» conjunctivo pede o verbo no modo subjunctivo, justamente como *si* e outras conjuncções, dahi resulta que todas as conjuncções que costumam levar o verbo ao modo subjunctivo, querem tambem e sempre os pronomes antepostos á elle, ainda quando o verbo não è subjunctivo, mas condicional.

« E' preciso *que me* tragas o meu livro, é preciso *que m'o* restituas, disseram *que o* mataram, não admittem *que o* façamos, é justo *que nos* vinguemos, é impossivel *que vos* maltratassem.»

« *Si o* amas, *si nos* amas, *si no-lo* trouxessem, *si o*

alcançarem, *si lhes* perguntasse, *si se* conjugassem, *si vos* atrevesseis, *si se m'o* permittisse.»

Nem é preciso que sejam verdadeiras conjuncções; estão no mesmo caso não só as conjuncções compostas, mas ainda outras expressões que exercem na phrase a funcção de conjuncção: «*caso o* queiras, *contanto que no-lo* consintam, *supposto nos* enganemos, *embora se nos* diga o contrario.»

J. S. Barboza só dá como verdadeiras conjuncções as oito seguintes: *e* copulativa, *nem* copulativa e negativa, *ou* disjunctiva, *mas* e *porem* adversativas, *pois* conclusiva, *se* condicional e *que* subjunctiva. Alem destas ha phrases, adverbios e expressões adverbiaes que fazem funcção de conjuncção. Examinada a funcção ou ella se reduz á uma das acima enumeradas (copulativa, adversativa etc.) ou ella se explica por via de relativos (como as causaes e circumstanciaes.)

De que modo influirão ellas sobre a collocação dos pronomes?

A copulativa *e*, a disjunctiva, as adversativas e a conclusiva podem estar já entre orações principaes, já entre orações subordinadas e incidentes, por tanto não é dellas que depende o logar do pronome. Si Arthur Barreiros observou que *e* e *mas* parecem exigir o pronome posposto é porque frequentemente essas conjuncções figuram no meio de duas ou mais orações principaes.

« E' preciso *que o* alcances *e o* segures » Si fôsse exacto a regra de Arthur Barreiros deviam dizer « *e* segures-*lo*. »

«*Mas* si não *no* achamos, como *o* poderiamos trazer?» Pela regra de Arthur Barreiros devia talvez dizer-se com

o pronome posposto *achamo-lo*. O que é certo porém é que quem determina ahi o logar do pronome não é «*mas*», porem é em primeiro logar a negativa «*não*», e em segundo logar o condicional *si*.

« Mas nem por ser do mundo derradeira
« *Se lhe avantajam* quantas Venus ama »

Diz Camões com «*se-lhe*» anteposto ao verbo apesar de «*mas*» e muito rigorosamente; errado seria o contrario.

Das oito conjuncções enumeradas só tres têm a força de chamar a si o pronome, e de obrigar a anteposição delle ao verbo. Por ser negativa, a copulativa «*nem*» requer a anteposição, e do mesmo modo e essencialmente as duas: «*que*» conjunctiva, e «*si*» condicional. Estas duas ultimas são as que funccionam nas orações incidentes, subordinadas e condicionaes e dahi resulta a regra de J. S. Barbosa, que pecca como já dissemos por não ser, nem bem explicita, nem bastante generica.

Chegados á estes termos na nossa analyse, como formularmos a regra geral que deve regular a anteposição dos pronomes complementares aos verbos? Serão os relativos e os outros pronomes todos? Iriamos de encontro á regra 2.ª de Castilho e á outras. Serão as conjuncções? já vimos que não, e que até algumas, segundo as rigoristas, exigem pronomes encliticos. Serão os adverbios? pelo uso do hodierno portuguez parece que sim, mas á cada passo se encontram excepções e exemplos do contrario. Só militam e vigoram ainda os preceitos sobre conjugação, dados pelo professor de latim, mas ainda assim algum tanto vagos, e deixando maior liberdade á collocação dos pronomes.

Em conclusão portanto, meu amigo e mestre, acceito a sua *lei de attracção* e formulemos em geral :

« Os relativos (pronomes ou adverbios), os subordina-
« tivos e conjunctivos (conjuncções ou adverbios) que de
« uma fórma qualquer geram as orações complementares,
« chamam á si o pronome e em seguida o verbo, donde
« resulta que o pronome será sempre proclitico.»

Para se vêr si um vocabulo qualquer está nestas condições, bastará examinar si esse vocabulo póde ou não mudar de logar na phrase; si não póde, elle chama á si o pronome e o antepõe ao verbo, si póde, o pronome fica livre.

« A pessoa *que me busca* perde o seu tempo» o relativo «*que*» tem o seu logar determinado depois de «*pessoa*» e antes do verbo complementar; forçosamente temos «*que me.*» A mesma cousa em: «*quem me chama? onde se acha* o livro ? *quando me disseste* tal cousa? *quando me alcançaram* na rua; *si me não avisaste como o saberia? si m'o perguntarem* eu direi a verdade »

No seguinte, porém, *se-vê* ou (*vê-se*) que o vocabulo não tem força de attracção para o pronome, porque tambem elle póde mudar de logar: «*hontem o encontrei* na cidade, *encontrei-o hontem* na cidade, ou na cidade *hontem*» e portanto tambem «*hontem encontrei-o* na cidade; *aqui me acho* ás ordens, ou *acho-me aqui*» e portanto «*aqui acho-me* ás ordens.» Como os adverbios «*hontem*» e «*aqui*» podem mudar de logar, tambem não forçam o pronome; já não é assim «*como*» pois temos: «faze-o *como o entendes*, ou *como o entenderes*», onde o adverbio não pode mudar de logar; «não é assim *como se suppõe*, mas *assim o entendem, mas entendem-no assim*,» e portanto tambem «mas *assim entendem-no*», porque «*assim*»

podendo mudar de logar não tem a força de chamar a si o pronome.

Esta sua regra, meu illustre dr., parece-me bastante satisfactoria, porque até tem applicação á oração negativa e aos relativos e conjunctivos, que exigem pronomes procliticos ao verbo: «leio o livro *que me deleita*, mas *não no releio*»; nem «*que*» nem «*não*» podem mudar de logar; em «*já o li todo*» o «*já*» pode mudar de logar e portanto temos: «*li-o já todo*» e «*já li-o todo*»; mas «*já*» nem é negativo, nem relativo, nem conjunctivo.

« *Ninguem nos explica* este facto», *ninguem* é negativo, mas sendo tambem pronome o que se conclue para estes? «*alguem no-lo explicará* ou *explicar-no-lo-ha alguem.*» Já se vê que o pronome por si não obriga; é preciso que seja negativo ou relativo: «*quem vo-lo diz, quem lh'o disse, quem no-lo dirá.*»

Todos os pronomes, assim como todos os adverbios, podem ser submettidos á mesma regra. Os que não podem mudar de logar obrigam ao pronome proclitico, os que podem mudar de logar o deixam livre.

« *Tal o querem, tal o tenham*; *qual nos fizeram, qual lhes faremos*; *tanto se avantaja* aos outros, *quanto se esmera* em ser pequeno; por *cujo lettreiro se-vê*; *cujo poder se-estendeu*; o assumpto *do qual se tractava*; a pessoa á *quem te dirigiste*, tirou-me o relogio, *o qual me fôra* dado; aquillo *que me amofina*; *as que me procuram*; *os quaes lhe declararam.* Põe-no *onde o achaste, onde se achava, onde o quizeres, onde o mandares, onde t'o disserem, onde te parecer, onde nos ficar* á mão; *onde o guardaste*, ou *o guardaram?* Procurem-me *quando o queiram, quando te aprouver, quando lhes*

fôr opportuno, *quando me virem* de volta, *quando me veja* livre; *quando me trazes* o livro? *quando nos fallaremos? Quando o avistámos, quando nos entretinhamos. Como te aprouver; como o achas? como o achei* no outro dia.»

Nestes diversos exemplos o pronome ou o adverbio não podem mudar de lugar, e por isso é proclitico o complementar. Nos exemplos seguintes temos o contrario:

«*Alguem o chamou, chamou-o alguem*» e portanto «*alguem chamou-o; elle m'o declarou, declarou-m'o elle*» e portanto «*elle declarou-m'o; todos te estimam, estimam-te todos*» e portanto «*todos estimam-te; qualquer o faria, fa-lo-hia qualquer*» e portanto «*qualquer fa-lo-hia* (este porém não é admissivel por causa não do pronome «*qualquer*», mas por causa, do futuro condicional d'aquella forma, que só deve estar em começo de phrase); «*qualquer te vence, vence-te qualquer*» e portanto «*qualquer vence-te; alguns o affirmavam, affirmavam-no alguns*» e portanto «*alguns affirmavam-no.*«*Nenhuns*» é negativo e por isso não muda de logar; «*poucos o querem, querem-no poucos*» e portanto «*poucos querem-no* «*alguns me alcançaram, alcançaram-me alguns*» e portanto *alguns alcançaram-me; muitos o ambicionaram, ambicionaram-no muitos*» e portanto «*muitos ambicionaram-no; muitos fazem-lhe* festas, *muitos pretendiam-no, muitos avisam-nos.*»

« *Muito me dóe*, ou *dóe-me muito*» e portanto «*muito dóe-me; pouco se lhe dá, ou dá-se-lhe pouco*» e portanto «*pouco dá-se-lhe; mais nos importa,* ou *importa-nos mais*» e portanto «*mais importa-nos* fixar as regras; *mal nos tracta,* ó deus, ou *tracta-nos* mal» e portanto «*mal*

tracta-nos, ó deus; *menos me gabas tu* agora! ou *gabas-me* tu agora *menos*» e portanto «*menos gabas-me* (menos-cabas-me) tu agora !»

Objectaram-me meu amigo e sñr. dr., que, em relação á um certo numero de adverbios claudica a sua regra, e apontáram-me «*menos, mal*», cuja mudança de logar altera o sentido da phrase. Torna-se isto mais evidente com o adverbio «*bem*», no qual se caracterisa a differença de significado pela mudança de logar: «*bem nos diz* a consciencia o que devemos fazer», é muito differente de: «*bem-diz-nos* aquelle á quem consolamos».

Mas, no meu entender isto não infirma de todo, antes confirma a sua regra, e a unica cousa que se conclue é que «*bem, mal, menos*, etc.,» em vez de pertencerem á classe dos vocabulos que deixam livre a collocação do pronome complementar, pelo contrario vão para a dos que querem o pronome proclitico, visto como, mudando de logar, dão outro sentido á phrase. Aos grammaticos pertence o classificarem-nos, si o quizerem; que quanto á mim, quem falla ou escreve o sabe espontaneamente, como sabe quaes os vocabulos do diccionario que lhe servem para exprimir o que pensa ; a escolha dos vocabulos depende da instrucção, e do talento, e do criterio, e não das regrinhas de grammatica e dos rigoristas. Ai de nós si estivessimos adstrictos á devorar regras especiaes para cada palavrinha ou particula que entra no discurso !

A sua regra tem a vantagem de ser generica, e de deixar ao criterio de cada um a determinação do valor do vocabulo empregado, collocando-o conforme o uso e conforme o sentido que quer dar-lhe, (ou *que lhe quer dar*).

Mais séria porem me-pareceu a objecção em relação ás conjuncções, que realmente tem logar definido, e delle não podem sair. Mas, bem considerado, vê-se que ainda é applicavel ás conjuncções a sua regra.

Das oito conjuncções primordiaes vimos que, tres (*nem, si, que*) são as que tem a força de attracção sobre o pronome; a conclusiva «*pois*» pode mudar de logar; as adversativas «*mas, porem*» se equivalem, e a segunda pode mudar e muda de logar. Restam portanto *e* e *ou* que não podem mudar de logar, e para as quaes, comtudo deve ficar livre a collocação do pronome complementar.

Para estas vigorará porém a regra geral da conjugação dos verbos, e a collocação dos pronomes complementares será conforme o indicar a linguagem dos verbos conjunctos ou disjunctos por *e, ou*.

Bem examinados os usos da lingua portugueza, parece que não ha outro meio de explicar a liberdade que ella tem na collocação dos pronomes. Em todas as co-irmãs predomina realmente a regra de Paulino de Souza, que exige pronome proclitico ao verbo, todas as vezes que á elle precede uma palavra qualquer. A excepção que se dá é que, em italiano e castelhano não vigora a regra para o verbo nos modos invariaveis (infinitivo e gerundio) e pelo contrario nelles o pronome é rigorosamente enclitico. No portugez em geral se procede como nas duas ultimas, mas de facto existe mais liberdade, e para sabermos quaes as palavras, que exigem rigorosamente o pronome proclitico, não ha outro criterio além da regra que me forneceu o doctor; pelo menos é o preceito mais comprehensivel e mais generico.

SUMMARIO OU ANACEPHALEOSE

Compendiando e synthetisando os preceitos, que é razoavel se darem (ou *darem-se*) sobre a collocação dos pronomes, podem elles reduzir-se á algumas prohibições (ou *vetos* ou *vedas*.)

1.ª NUNCA SE DEVE COMEÇAR ORAÇÃO POR PRONOME PROCLITIVO: « *Me parece* impossivel, *o-digo* com franqueza, *te-faz* mal ou *te-fará* mal, e *a-farias* assim mesmo? *lhe-cabe* a vez agora, *se-tem* dicto por ahi, *vos-embaraçaes* debalde; *me-querendo* mal, *me-maltracta* sem motivo; *me-deixaste* ou *me-deixarias* assim? *nos-tirar* o que é nosso é mau; *me-perdôe* a offensa; *se-passaram* muitas cousas, *se-arrangem* por lá; *o-quizesse* Deus! *o-acharemos* em casa? ».

Destes castelhanismos com effeito não ha exemplo nos classicos. Mas basta que comece a phrase por outra palavra qualquer, e já é licito ir o pronome para antes do verbo; note o meu amigoque eu digo é licito,e não digo—é obrigatorio. « Este argumento parece que não tem facil solução, *mas eu o dou e respondo* » com o modo de fallar do padre Vieira (pag. 401 da VIDA DO PADRE VIEIRA por J. F. Lisboa) que me acontece agora ter á mão. Aqui se vê que a regra do professor de latim (mandando o *a* para depois do verbo, si se tirar o *eu*, ou si este tambem for para depois), é mais idonea que a do illustrado Sr. A. Barreiros (sobre *mas* e *e*), pois segundo esta devia ser «*mas eu dou-a*» (mormente attendendo á 2ª de Castilho), e segundo a outra é licito « *mas eu a dou* » e tambem « *mas dou-a eu* » ou simplesmente «*mas dou-a*» .A minha regra só veda « *a dou* » e não prohibe nem « *mas a dou* » nem « *mas a dou eu* ».

Este simples preceito geral dispensa regras especiaes para o permissivo, o infinitivo etc. para as linguagens interrogativas etc. Sejam pois riscadas (*borradas* diria o Castelhano) como inuteis as minuciosas regras dos grammaticos, que só servem de pôr em apuros os miseros examinandos na Instrucção Publica.

« Si deslisam do verdadeiro trilho é dever imperioso *arguir-lhes* as faltas » diz Castilho. Não seria licito *lhes arguir*, ainda mesmo no meio da phrase? Porque? Porque a ordem natural seria « *arguir-lhes* as faltas, si etc., é dever imperioso », dizem e lembram lá uma regra do infinitivo pessoal. Mas eu lhes ponho (ou ponho-lhes) os meus embargos.

« Á l'infinitif impersonnel, lorsque le verbe est precedé « d'un autre mot, le pronom regime peut se mettre « avant ou après le verbe, avant ou après l'auxiliaire.» Diz Paulino de Souza no § 76 (cap. 4º) e em vista do que preceitua o § 73, ainda esta regra se estende á todos os outros modos do verbo. Por conseguinte «as faltas *lhes arguir* é dever nosso» e ainda mais «é dever imperioso *lhes oppôrmos* embargos ao despotismo grammatico, grammatista, grammatical ou grammatiquistico (adjectivo muito legitimo visto que ha *grammatiquice*)». O padre Vieira, Filinto Elisio, Garret, e entre os nossos, Porto-Alegre tem predilecção pelo pronome proclitico de modo que nelles parece invariavel a regra do § 73 de Paulino de Souza ; as obras destes escriptores são protestos formaes contra a 2ª regra de Castilho, contra as regras dos outros sobre as conjuncções *e*, *mas*, e contra o uso que dão por classico os do *hodierno*.

2.º NUNCA SE PÕE PRONOME ENCLITICO (NEM PROCLITICO? na escripta parece) COM SUPINO, e evidentemente TEM-SE (OU SE TEM por causa do adverbio) DICTO TUDO

com isto só. Jamais *tem dicto-se*, ou jamais *tem se dicto* o contrario nem em portuguez de PUNG'ANDONGO, como diz o meu amigo.

Esta regra querem os classicos do *hodierno* ampliar ao gerundio com verbo auxiliar e assim o estatue a tal grammatica citada por Fernandes Pinheiro Junior (de certo fundada na *fatal* grammatica *philosophica* do J. S. Barbosa), mas acha-se em opposição com o que preceitua Paulino de Souza. Demais não tem cabida realmente; na conjugação composta o gerundio comporta-se mais como o infinitivo, do que como o supino, e assim deve ser porque o gerundio e o infinitivo são ainda modos verbaes, ao passo que o supino vale quasi tanto como uma desinencia. E portanto *vamos regulando-nos* (ou *vamo-nos regulando* á vontade) pelo que nos dictar o ouvido, e *vá-se cingindo* ou *fique-se amarrado* ao preceito do classico hodierno quem muito bem quizer (ou *o-quizer*), porque nós conforme a euphonia e as circumstancias jogaremos com o pronome á vontade, uma vez *pospondo-o*, outra vez *o-antepondo* ao gerundio. Só para ter o gosto de variar a phrase é uma vantagem esta liberdade; o ramerrão do hodierno ensurdece a gente, e faz doer (ou *doerem*) os ouvidos.

3.º NÃO SE DEVE PÔR (ou *não deve pôr-se*) PRONOME ENCLITICO AO VERBO DR ORAÇÕES negativas, INTEGRANTES, SUBORDINADAS E em geral PARCIAES E INCIDENTES. EXCEPTUAM-SE O INFINITIVO E O GERUNDIO QUE quasi sempre PREFEREM O PRONOME ENCLITICO, MAS ADMITTEM-NO (ou *o-admittem*) PROCLITICO, mormente EM ORAÇÕES INCIDENTES, INTEGRANTES, NEGATIVAS etc.

No hodierno portuguez nota-se tendencia (*uma tendencia*, diria em portuguez moderno á franceza) de generalisarem (sc. *elles* em portuguez antigo) esta regra

por maneira que : em havendo qualquer vocabulo no começo da phrase, principalmente em sendo adverbio, phrase adverbial etc, elles preferem o pronome proclitico, e coarctando a liberdade do *portuguez* querem amarral-o á um preceito, geral para as linguas neolatinas, menos para o portuguez ; « *lá se vai* a regra » é como querem os puristas, mas em vista do que diz Paulino de Souza no § 76 tambem é licito « *lá vai-se* ».

4.° NÃO ADMITTEM PRONOME ENCLITICO AS LINGUAGENS DE FUTURO QUER DO MODO INDICATIVO, QUER DO RELATIVO (á que chamam *condicional*), QUER DO SUBJUNCTIVO. Neste ultimo o pronome é essencialmente proclitico, nos outros dous póde ser proclitico ou mesoclitico (si o meu amigo acha absurda a expressão *mesoclitico* digamos *intercalado*, *interpolado* ; o adjectivo *interpolado* talvez satisfaça ao mathematico, mas o grammatista vai condemnal-o). O MESOCLITICO OU INTERCALADO PORÉM É ADMISSIVEL SÓ NAS LINGUAGENS DO MODO IMPERATIVO, PERMISSIVO etc., E NAS INTERROGATIVAS QUANDO COMEÇAM PELO VERBO. « *Entende-lo-ha quem o-quizer*, ou *quem no-quizer o-entenderá* e desse modo *o-fará*, mas nunca *fará-lo* ou *faria-lo* enclitico, e si *fize-lo* teimoso, vai irritar os nervos até ao mais bronco lapuz. *Pô-lo-hia* em duvida alguem ? Ás linguagens de futuro tambem se estende a prohibição 3ª, e por isso *si se-prestar* attenção *não se escorregará*.

A' estas prohibições cumpre apenas ajunctar alguns conselhos :

1.° O infinitivo e o gerundio em geral preferem o pronome enclitico, (á moda do italiano e do castelhano), mas quando regidos de preposição é melhor o proclitico (á moda do francez). Compostos com outro verbo os do hodierno portuguez gostam do pronome proclitico ao

auxiliar do gerundio, e enclitico ao auxiliar do infinitivo, ou enclitico ao proprio infinitivo. São gostos, mas subsiste a liberdade, e o grammatista que vá bugiar.

2.º O infinitivo pessoal, e assim tambem o gerundio, quando admittem o agente, o preferem posposto não só a si mas ainda ao pronome complementar ; *dizendo-lhe eu* a cousa. e *ao notar-lhe eu* essa circumstancia, está tudo feito.

3.º Tambem querem o pronome agente posposto do mesmo modo que no caso precedente as linguagens interrogativas e dos modos imperativo, permissivo ou optativo. O agente é posposto até nas interrogativas negativas, que no entretanto exigem o complemento anteposto: *não no alcançaste tu*? porque *não no admittem elles*? pois *não se vê isso* claramente?

4.º As linguagens de imperativo, de permissivo, e de optativo querem enclitico o pronome complementar, e tambem o querem as interrogativas quando não são negativas. Si a linguagem for de futuro o pronome não será enclitico e sim mesoclitico : *admitti-lo-heis vós ? pode-lo-ha* increpar o purista? *contestassem-no* embora, *temo-lo* por certo e *avenham-se* por lá os recalcitrantes.

5.º Quando concorre pronome objectivo com pronome pessoal de complemento indirecto é quasi inutil declarar que,este precede sempre á aquelle e se construe com elle: *m'o, t'o, lh'o, no-lo, vo-lo, lh'o, m'a, m'os, m'as* etc. Tambem é sabido que concorrendo os pessoaes com o médio-passivo *se*, é este quem vai (ou *que vai*) antes : *se-me, se-te, se-lhe, se-nos, se-vos, se-lhes.*

Não será máu observar que no portuguez classico não é raro jogar-se o pronome ou pronomes procliticos para traz da negativa ou de outro adverbio que precede o verbo « nós *o não podemos* negar, eu *lhe já fallei*,

vós *no-lo não arrancareis, elle me antes avisaria.* Ha exemplos até do pronome atirado para traz do subjeito, só com a condição de se não começar por elle a phrase: sobre isto *nos já temos nós entendido e lhe eu* quero poupar mais massada, que *nos nada adiantaria.*

Para mostrar que as quatro prohibições e os cinco conselhos formulados acima preenchem o essencial, para que seja regular a collocação dos pronomes em portuguez conforme o uso dos classicos, bastar-nos-ha passar uma vista d'olhos pelas regras de Paulino de Souza (as mais minuciosas á respeito). No já citado cap. 4° da Parte 4ª da GRAMMAIRE PORTUGAISE vem os §§ 47° á 55° marcando o logar do pronome agente ou subjeito.

Pelos §§ 47° e 48° é livre a collocação do subjeito quer nas orações affirmativas, quer nas negativas, tanto nos tempos (aliás verbos) simples como nos compostos, e nota-se que, não é só o pronome mas ainda o subjeito qualquer, que póde ir antes ou depois do verbo: *nós devemos partir, devemos nós partir, partir devemos nós.* A liberdade da inversão vai muito mais adiante do que facultam as regras e havendo ahi tres vocabulos que podem, quanto ao logar, fazer seis permutações, qualquer das seis collocações resultantes são admissiveis em portuguez, e a mais exquisita será por vezes a mais conveniente em determinada circumstancia. Si alguma cousa podia vedar-se é, que se separe o pronome do verbo á que rege, porém; *eu duvido muito, duvido eu muito, muito eu duvido, muito duvido eu, eu muito duvido* que se possa fazer isso, e os exemplos provam ser inutil esta limitação; *elles teriam vindo, teriam elles vindo, teriam vindo elles, vindo teriam elles, vindo*

elles teriam, *elles vindo teriam* á farta para prova-lo. Em logar de *elles* ponhamos *os taes*, *os subjeitos*, *os homens*, *os sobredictos* e dá-se a mesma cousa.

O § 50 dispõe que o sujeito vá para depois do verbo no imperativo e o 49° reza a mesma cousa para as linguagens interrogativas, facultando porém á estas a anteposição. Cabe isto nos 3° e 4° conselhos dados acima, porque como regra não se impõe nem no imperativo, e *vós*, ó grammatistas, *ficai* entendidos.

Parte do que dispõe o 51° para o subjunctivo, está no caso precedente, *queiram* os *rigoristas* atttender e o mais entra na regra géral a pezar do que diz o mestre; nada nos veda com effeito o dizermos: que *obedeças tu* ao senso commum ordena a lei. O « *que* » obriga o pronome complementar, mas não o subjeito. Ainda aquí a liberdade de collocação do *tu* ou *nós* é a mesma e cumpre que *obedeçamos* ao bom senso *nós* (ou que *nós obedeçamos* ao bom senso etc.)

O estatuido nos §§ 52, 53, 54 para o infinitivo e o gerundio é o que está nos conselhos 1° e 2°. As restricções ali impostas de nada valem ; *o terdes vós preceituado* isto não póde *aproveitar-nos*, sem embargo de *vós o terdes* preceituado, pois o subjeito pode ir para traz do verbo.

E á final o que manda o § 55 está logo na 1ª prohibição : *diz-se* e *faz-se* com o *se* o mesmo que com os pronomes *me*, *te*, *lhe* etc. ; e si ahi ha alguma outra palavra, principalmente a negativa, algum relativo etc. então *se-tem* ou *tem-se* a prohibição 3ª e a respectiva observação.

Pelo § 56 até o § 61 marca-se o logar do pronome *regime* quando o subjeito é tambem expresso.

Pelo 56 é livre a collocação do *regime*, mas em pri-

meiro logar falta-lhe uma limitação; si o subjeito fôr para o fim, com elle vae o *regime*, o qual então se torna enclitico, mas em todo o caso está implicito na nossa prohibição primeira; *recommendo-lhes eu* esta observação.

Em segundo logar, o que preceitúa para os futuros está dentro da prohibição 4ª e em parte na 3ª e *dir-nos-ha* o grammatico o que *lhe aprouver*, que nós *o iremos* deixando ahi; e assim *se terá* decidido a questão.

O que se diz para os tempos compostos está implicito no que se dispõe para os tempos simples, applicado aos auxiliares com a differença que, por causa das licenças que tem o gerundio e o infinitivo (elementos do verbo composto) é ainda maior a liberdade de collocação.

O expendido por Paulino de Souza no 6º preceito do § 56 mandando que jamais se colloque o accento na antepenultima, é copiado de J. S. Barboza, nada tem com a syntaxe e só entende com a phonetica; e portanto si obedecessemos á esse preceito, *achavamonos* alguma vez em apuros, (o imperfeito, empregado aqui impropriamente, é usado pelos classicos do hodierno.)

O estatuido para phrases negativas está implicito na prohibição 3.ª

Cáe tambem o 57º nas mesmas condições do precedente, porque o que chamam *condicional* é uma especie de *futuro*, é um futuro relativo, e *nós não o poderiamos* considerar de outra sorte; veja-se a prohibição 4.ª

O pronome enclitico preceituado no § 58 para o imperativo está implicito na prohibição 1ª e o pronome proclitico imposto pelo § 59 para o imperativo negativo, e pelo § 60 para o subjunctivo, entram na prohibição 5.ª

Os preceitos do § 61 não são preceitos, são conselhos e entram nos dois primeiros que apresentamos; *por no-los quererem impôr* os grammaticos, não; ainda só *por contrariarmo-los* nós, e *por querermo-los irritar*, ou *por os querermos irritar*, ou *por querermos irrita-los* riscamos a regra.

Vai depois Paulino de Souza marcar o logar do pronome complementar nas phrases, cujo subjeito não é expresso, e o faz nos §§ 62 á 80.

O § 62 diz que «nunca deve uma phrase começar pelo pronome *regime*.» E' a nossa prohibição 1.ª Tudo o mais que vem nos seguintes até o § 72 é apenas o desenvolvimento do § 62' applicado á diversos modos, e tempos. O que diz respeito á tempos compostos vai entender com as outras tres prohibições e com os conselhos.

O § 73 é o tal que ja vimos acima, o qual vigora nas linguas latinas, e é dellas caracteristico. Notamos tambem que elle é restringido sinão destruido pelo 76° (embora Paulino de Souza faça esta excepção só para os verbos reflexos) e observamos que si elle fosse exacto, no portuguez não haveria mais liberdade do que no francez para a collocação dos complementares; todos estes seriam procliticos logo que ao verbo precedesse pronome, adverbio, conjuncção, preposição e até nomes.

Os outros §§ desenvolvem a mesma regra applicada ao infinitivo e ao gerundio, e o caso mais especial do § 80 está no conselho 1.° Alguma cousa mais especial foi expendida na conclusão do que se disse á proposito do infinitivo, do gerundio e do supino.

Para que tamanho calendario de regras, quando pode a cousa ser precisamente estatuida com meia

duzia de preceitos? E' a mania dos regulamentos, que se desfiam por ahi (ou alem) fora n'um enorme rozario de artigos e paragraphos, que jogam as cabeçadas uns com os outros, que estatuem trinta mil cousas, e que no entretanto, no essencial são omissos! A terrivel mania de tudo regulamentar tambem faz *reinações* na grammatica, mas de modo muito mais desastrado, porque o grammatista é despotico, embirra lá com uma cousinha e não ha quem o tire dahi, e os grammatistas não se entendem uns aos outros, nem uns com os outros e cada qual lá tem as suas regras, em virtude das quaes decide: não sabe portuguez, é um apedeuta.

E' isso mesmo que me obrigou a rabiscar estes rascunhos.

Tive de me estender, tornei-me prolixo, mas não podia ser por menos porque era preciso apanhar, no exame dos factos, quaes as regras que regem a collocação dos pronomes, visto que «as dadas por *J. F. de Castilho, Gama e Castro, Arthur Barreiros, Dr. Teixeira de Mello* (e tambem por S. S. o Sr. Fernandes Pinheiro Junior na GAZETA DE NOTICIAS de 17 de Abril) *não tinham razão de ser*» (Textualmente do Sr. F. Pinheiro).

Tive de me estender porque « os portuguezes, qualquer que seja a sua gerarchia social, seguem sempre, fallando ou escrevendo, a mesma norma na collocação dos pronomes » diz o mesmo Sr. Fernandes Pinheiro, e eu apoio e muito mais ainda o seguinte:

« O que é certo é que *todos* o fazem *machinalmente* (o griphado é meu), e a prova é que *jamais* fixaram regras positivas a este respeito. » E graças á Deus que já vejo alguem enunciar uma proposição

que tenho emittido por vezes e que me tem sido contestada pelos *mestres de portuguez!* Já não sou eu só quem diz (ou *que digo)* que *elles*, si acertam na collocação dos pronomes é por mero effeito do habito, pelo mesmo motivo pelo qual dizem « ó Vento, fecha a porta p'rumór do bento », pela mesma causa em virtude da qual os allemães dizem *badada* em vez de *batata*, e *bacote* em vez de *pagode*. Os sobredictos dizem que é incorrecta a linguagem brazileira, mas em que, não no dizem; não sabem. São impertinentes e nada mais. Fui obrigado á transcrever os preceitos onde e de quem os poude apanhar, porque *os grammatistas* fallam sempre de ferula em punho, mas quando se lhes retruca, tergiversam, quando se lhes apresentam exemplos de classicos sophismam; quasi nunca querem escrever a regra, porque préviamente sabem que falha, e porque afinal criticam por criticar, por impertinencia.

Impertinente, ralhador e perluxo como todos os tios, porem mais caustico e á ponto que infernisa a gente, é o distinctissimo Camillo Castello Branco que nada poupa aos sobrinhos. O doutor permitta-me só transcrever um pedacinho do CANCIONEIRO ALEGRE, onde vem uma poesia do nosso Gonçalves Dias:

« Pois que farieis vós? Verter do peito
« O melhor sangue...pela patria acabar! (1)
« Imbecis! pois mais vale com proveito
« Da patria á custa a vida flautear. »

«(1) O segundo verso está errado.»

E na pag. 287 do Cancioneiro Alegre o Sr. Castello Branco diz:

« Não se entende como Gonçalves Dias fizesse versos deste feitio! »

Mas não se digna explicar qual é esse *feitio* condemnavel, e esqueceu-lhe dizer a mesma cousa na pag. 208, onde vem versos de Macedo Papança, que não é brazileiro e do mesmo modo errou no quarto verso do seguinte:

« E teu pai, se me falla, nunca falla
« Senão em pergaminhos, em fidalgos,
« Nas ligeiras matilhas dos seus galgos,
« No conde, na duqueza, na marechala. »

Digo pois eu o mesmo que disse o embirrante: Não se entende como Macedo Papança fizesse versos deste *feitio*! Si disserem que a syllaba de mais que tem o 4º verso se tira lendo-se «*mar'chala*», responderemos que isso não adivinham *os outros* que não capiscam do vernaculo, e que então tambem não fica com uma syllaba de mais o verso 2º de G. Dias lendo-se (até com mais razão) «*p'la*» em vez de «*pela.*» Isto serve tambem de resposta ao meu amigo, quando, defendendo o VERNACULO, disse que devemos pronunciar «*temo-nos...esmerado.*» Querendo apurar muito a phonetica deve reconhecer que a pronuncia vernacula seria «*tem'-nux exm'rado.*»

Erro de metrificação ainda achamos em outros, por ex. em Joaquim da Costa Cascaes que nos versos:

« Mas nascido um tal respeito
« D'interesse—que não do peito.»
(C. ALEGRE, PAG. 422.)

« As innocentes creanças
« Que d'interesse não cogitam,
« Do sabujo na amizade
« Cada vez mais acreditam. (C. ALEGRE pag. 423.)

Devia dizer «*d'int'resse*» para não ficarem errados os versos. E ainda em «Abraçado á uma vassoura (C.A. pag. 424)» precisava estar «*ũa*» para ter o numero de syllabas na conta.

De Donnas Boto (pag. 357) á cada instante se acha amostra de versos errados, que nem vale a pena apontar. Por fim até de Garret lá vem na pag. 303 este verso:

« Duas odes de Filinto, uma de Horacio»

Para ficar certo este verso é preciso fazer diphtongo em *duas* reduzindo isto á uma só syllaba; á não ser assim deve caír o accento em «*fi*» e deve ler-se o verso:

« Duas odes de *Fiiint'* uma de Horacio.»

Não; censura-se só o que é do Brazll. Ora! Que nos importa isso?

Para que aturar uns pernosticos destes, quando de lá mesmo ha quem se possa ler com summo prazer?

Sem fallar nos Adolpho Coelho e outros que escrevem para instruir, ha ainda os D. Antonio, os Julio Diniz, os Pedro Ivo, que escrevem para deleitar e o fazem com muita naturalidade, com sal proprio, sem affectar, «sobredoirando os seus merecimentos com o mais raro nestes ruins tempos, que vão passando, em que a ociosidade dos talentos se desfaz em maledicencias invejosas, como a podridão em tortulhos de sapo; isto é, não abusando do seu engenho para matar com veneno as reputações (Castilho na PREAMBULAR de D. Jayme).» Elles contam cousas de lá sem imposturas e despertam o interesse do leitor sem recorrerem ás chufas e ás lerias contra os brazileiros, que por fim de contas nem são *brazileiros*, são todos membros da colonia, os quaes

depois de ricos regressam á patria, e lá lhes vão levar os recursos accumulados para a aditarem com varios melhoramentos.

Em tudo e por tudo os homens chalaceam da falla brazileira (apodam o fallar brazileiro diriam elles). Mas ainda repetimos, dizem chufas e nada mais, pois elles não sabem o que censuram. Escravos do habito, ao ouvirem a phrase construida de um modo, á que não está habituado o seu ouvido *delles*, estranham-na, condemnam-na peremptoriamente, mas sem poderem explicar onde é que está a incorrecção.

Já tenho mostrado ao meu amigo, e sinto não poder proseguir nestes rascunhos, para desmacarar o que são reaes incorreções grammaticaes, verdadeiro transtorno das regras da syntaxe, postas em voga pelos taes puristas do idioma do Hodierno Portugal, e contra os quaes bradam a grammatica *grammatica* e o senso commum. Talvez mostrados em LETTRA REDONDA os erros, podessem ser confessados, pois os damnados é difficil serem apanhados porque não dizem cousa com cousa.

Entretanto são esses os pichosos que fazem questão do accento sobre a preposição *á* como usam os brazileiros! Ai! grammatistas! Não dão licença nem para a minima innovação (ainda que seja ella muito razoavel), logo que é feita pelos brazileiros! E' erro imperdoavel o *á* accentuado á não ser nos casos unicos em que fôr contracção da preposição com o artigo (*da*)! Nem reflectem que:

A preposição *a* existe em italiano e si não é accentuada é por não ser preciso, porque não ha outro *a* com funcção diversa. Em francez ha dous: um *a* simples, que é terceira pessoa de um verbo,

e outro *à* com accento grave (valendo agudo para nós), que é preposição e que assim se distingue do outro. Em castelhano apezar de haver só um, que é a preposição, esse um leva o accento agudo *á*. E em portuguez, em que ha tres (ou antes quatro), acham que é erro accentuar á castelhana a preposição para differença-la dos outros dous *a!* Para que o artigo e o pronome não sejam accentuados ha boas razões, e nem por isso haverá confusão; o artigo precede sempre á nomes e pronomes: «*a casa*, *a* tal, *a* qual é *a* tua, ou *a* comprada»; o pronome é posposto e é anteposto á verbos e á preposições: «Póde *vê-la* quem *a* quizer vêr; é *a* de que se tracta, e *a* com que se fixa a regra.»

A final a preposição é preposta á verbos, á nomes á pronomes, á adverbios, e até aos artigos, e com um delles chega á contrair-se, formando um quarto *a* differente dos outros tres. Pois não é tão simples, tão racional que seja accentuada a preposição (como o é no castelhano) para se differençar do artigo e do pronome? Não senhor, é erro; o *a* é só para a contracção da preposição e do artigo, e está dicto.

E' debalde querermos convencer *á* grammatistas, de que a distincção entre *à* contracto e *á* preposição não vale nada, é quasi intuitiva *à* vista dos casos, e que é muito mais importante o distinguir-se a preposição por meio do accento. Elles são grammatistas e estão armados de ferula. Tambem a intelligencia delles não dá para ver grande differença entre preposição e artigo ou pronome.

« Por isso *eu* digo *comigo*, *tu* dizes com *tigo*, *elle* ou *ella* (o matuto ou a matuta) diz *com sigo* que tudo isto é muito pequenino e bastantemente

frivolo. *Eu* repito isto *á ti* e *á elles*, *tu* replicas *á mim* e *á elles*, e elles (os caipiras) olham *para nós* e *se* mettem *com sigo* rindo-*se* de tanta *pernosticidade* ou *pernostiquice*. Como porém *você*, *vossa mercê*, *vossa senhoria* ou *vossa excellencia* quer que eu *me* dirija á você (*á si*!!?) com verbo em terceira pessoa faço-lhe (faço *á si* ou faço-*se* ?!!!!) a vontade e espero *de você* (*de si*) a graça e a licença de poder dar um pontapé não só na grammatica, mas ainda no senso commum. No mais em me submetto *á si* (á V. Ex.) e conto *com sigo* (com V. Ex.) e com o favor *de si* (de V. Ex.) para me perdoar a transgressão das regras dadas *por si* (por V. Ex. e por todos os *si* e *se* propugnadores da lingua vernacula). E si *de si* (de V. Ex.) puder eu merecer mais uma graça, peço ainda *á si* (á V. Ex.) que nos livre das impertinencias do *vernaculo*, que realmente é enjoado de si, em si e por si (estes ultimos *si* á brazileira).»

E hão de estar os matutos por todas estas impertinencias dos grammatistas, hão de abaixar a cabeça á todas as pequices dos *donos da lingua*, á todos os caprichos destes puristas,que não querem *um copo* D'*agua*, ou *um copo* DE *vinho*, e sim, *um copo* COM *vinho* ?! Pela mesmissima razão syntaxica e logica não poderiam e não deveriam vender-nos um litro *de* farinha, mas *um litro* COM farinha, nem uma libra *de* manteiga ou um kilogramma *de* carne, e sim *uma libra* COM MANTEIGA, *um kilogramma* COM CARNE. Nas suas empreitadas de excavação de terra não deveriam cobrar o importe de tantos *metros cubicos* DE TERRA mas sim tantos *metros cubicos* COM *terra*. Isto sim é grammatica, isto é que é conforme as leis invariaveis da syntaxe, que é immutavel, que deve ser a mesma (cá

e lá) pois MESMISSIMA *é a lingua* disse o meu amigo dr. T. de Mello.

Ah! meu caro dr., a incorrecção brazileira é ainda mais atroz, pois o matuto diz «rapariga, *me traze* um copo de vinho». Aquelle que falla linguagem vernacula deve dizer «moça, deixa veri um copo com vinho.» No Brazil, querendo satisfazer ao desejo do purista, a rapariga ou qualquer outra pessôa (inclusive o preto boçal), encheria um *copo de vinho* (ou *encheria de vinho* e não *com vinho um copo*) e mostraria esse *copo com vinho* ou *com o vinho* ao subjeito; *mostrar* é o que significa *deixar vêr* para nós outros os *colonos internados* e *matutos*.

De Camillo Castello Branco ou de outro (não me lembra; é penoso isto de tomar notas, e por vezes esquece-me marcar o logar donde as tiro) tenho este dizer «*Ao* fim de alguns mezes, *no* cabo da lua de mel» Ora nós no Brazil dizemos «*No* fim de alguns mezes, *ao* cabo da lua de mel.» As preposições empregadas inteiramente pelo inverso.

«Estava *na* janella, encostada *á* grade» dizemos cá; «estava *á* janella, encostada *na* grade» dizem lá. *E a lingua é a mesmissima*! dizem os meus amigos. Quanto á troca do significado e funcção das preposições; veremos (está bem visto, si puder continuar á imprimir os rascunhos) quem é que se arreda do uso dos classicos verdadeiros da lingua, e quem é que altera tudo fundamentalmente, até os significados das dicções! Sabe o doctor do caso do commendador, mas repito-lh'o: Respondendo á alguem dizia n'uma roda certo matuto—Tenho tres filhos—Então, é baucê quem nos tem, ou é a sua mulher? Diz á rir-se o commendador—Sou eu que os tenho de minha mulher, si o senhor deixa que outrem os tenha da sua, isto é cousa que se não usa por cá.

INCORRECÇÃO GRAMMATICAL NA COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES.

Chegados á este ponto, meu caro doctor, podemos determinar o em que consiste a incorrecção do luso-brazileiro na collocação dos pronomes. Vamos apontar, está bem visto, unicamente os casos em que a linguagem brazileira se afasta do uso constante dos classicos, e por classicos entendemos não os rigoristas e verdadeiros innovadores do hodierno, mas o maior numero dos que, nas pegadas de Camões, cultivaram as lettras portuguezas.

De tudo o dito SE SEGUE (padre Vieira pag. 99 da VIDA delle, escripta por J. Francisco Lisboa) que realmente as incorrecções se cifram:

1.º Em começar phrase por pronome proclitico, «*me parece* que assim é; *o vedes* perfeitamente: *o julgamos* razoavel; *nos dão* exemplos disso até directores de instrucção; *nol-o aconselha* o dr. Paranhos da Silva.» E' um castelhanismo ou italianismo, mas gallicismo nunca por que nestes casos, em francez, a phrase começa sempre por um subjeito, pelo menos por um pronome expletivo;

2.º Em empregar pronome proclitico, com verbos no infinitivo e no gerundio. Este em ultima analyse vem á dar no outro, pois o erro consiste em começar a phrase por pronome proclitico; no mais differe porque os censores querem e exigem em geral o pronome enclitico (italianismo), e o pronome proclitico, dizem, é gallicismo; mas gallicismo será então a anteposição do pronome ao gerundio e ao infinitivo em geral, e vimos que quando precedidos de preposição é isto muito admissivel e regular.

3.º Em usar de pronomes encliticos nas linguagens negativas, e principalmente com verbos de orações incidentes, subordinadas, condicionaes e em geral integrantes «*o que disse-me* elle, é exacto; *onde pôz-se* o lapis? *quem chamou-te*? *quando deu-se* isso? *si queres-me* fallar, *quando formo-nos*, etc.»

A infracção da regra consuetudinaria é real, mas á proposito della surgem diversas reflexões.

Como é que censurando isto á phrase brazileira dizem que ella é muito eivada de gallicismo? Em francez não se pospõem os pronomes assim nas orações subordinadas; antes pelo contrario, isto, como já notamos, será anglicanismo ou germanismo, jámais gallicismo.

E na realidade é engraçado! José de Alencar, defendendo-se de censuras que lhe faziam, diz em uma nota:

« E' tambem materia de escandalo a collocação
« dos pronomes pessoaes que servem de complemento
« ao verbo *me*, *te*, *lhe*, e *se*. Entendem que nós os
« brazileiros afrancezamos o discurso fazendo em geral
« preceder o pronome, quando em portuguez de bom
« cunho a regra é pospôr o pronome.»

Nem José de Allencar, nem os seus censores sabiam á quantas andavam!

Das neo-latinas, o francez, cuido eu, é a que menos uso faz de pronomes encliticos; nessa lingua é quasi que de regra absoluta o pronome proclitico e quasi que por excepção é admittido o enclitico nas phrases interrogativas e imperativas. Como é então que Alencar era afrancezado quando escrevia « que *faltam-me* as forças, ali *aninhou-se*, quando *fallo-te*, etc. »?

Ainda com pronome subjeito expresso (como é indispensavel em francez) não se diz «*quand je parle-te*» ou «*quand je parle-toi.*»

E depois, si o defeito de Alencar era a linguagem afrancezada, quem é que tem esse vicio em mais alto gráo do que Pinheiro Chagas (um dos censores), que pensa e escreve puro francez em quasi tudo quanto dá ao prélo?

Na realidade procede a critica, quando diz que José de Alencar escrevia linguagem afrancezada, mas o gallicismo não está na incorrecta collocação dos pronomes, está em outras cousas e até no geral dos enunciados, tal e qual tambem se vê em Pinheiro Chagas e outros, que entretanto se tem na conta de correctissimos na construcção.

Póde ser que me tenha escapado, mas não me lembra de ter encontrado uma só vez em Alencar incorrecção da classe primeira das que enumeramos. Demais nesse erro de brazileiros estão incursos até os afamados mestres do *vernaculo*. Pronome proclitico no começo de oração lá vem no CANCIONEIRO ALEGRE e é C. Castello Branco, que na pag. 163, quando dá a noticia sobre Theodoro de Sá Coutinho, principia:

« No conhecem os bibliophilos»; os incorrectos brazileiros prefeririam dizer « o conhecem » e talvez ainda « lo conhecem ».

Agora, si quizerem considerar como gallicismo o pronome proclitico nos diversos casos por exemplo citados pelo dr. Paranhos da Silva (REVISTA BRAZILEIRA de 15 de Setembro pag. 497) então não devemos dizer *gallicismo* e sim *neo-latinismo* e muito conforme com a regra de Paulino de Souza, § 73 que, notamos já, é

de immensa generalidade. Em virtude della « si o verbo é precedido de negativa, de adverbio, de conjuncção, de preposição e de qualquer palavra emfim, colloca-se o pronome antes do verbo. e antes do auxiliar si o verbo é composto. » Seguil-a é escrever á Vieira, á Filinto, á Garrett, á Porto-Alegre e outros.

Alencar não podia ser censurado por isto ; si o foi é porque os rigoristas tinham em mente a 2.ª regra de Castilho (Revista Brazileira de 1 de Julho pag. 79) que não é valida, si não para o classico hodierno, e isto mesmo claudicando á cada passo, como vimos nos exemplos transcriptos nestes rascunhos.

As incorrecções 1ª e 2ª são realmente frequentes na linguagem brazileira, mormente na dos homens que tractam de sciencias, mas não o foram em Alencar, e não o são realmente na maior parte dos nossos litteratos que até neste ponto se apuram, e nem nos infinitivos regidos de preposição ou de outro verbo se animam á appôr os pronomes procliticamente. Como se vê mesmo das regras do dr. T. de Mello e Arthur Barreiros, na generalidade do que se escreve hoje entre nós, ha manifesta tendencia para o italianismo (pronome enclitico á infinitivos e gerundios) e á ponto tal que até se-vae de encontro á regra de J. S. Barbosa (sobre tempos compostos) e contra o uso dos vernaculos, que vão nas pegadas do purissimo V. de Castilho. Como sabe o meu amigo, Castilho não gosta de encliticas com o gerundio quando elle está com verbo auxiliar, e *vae-as* puxando para depois do verbo que varia na conjugação.

A grave incorrecção de Alencar e da maior parte dos nossos homens de lettras é a 3.ª, e já não fallo da incorrecção do pronome enclitico em geral com os adverbios, porque é rigorismo excessivo e não

justificado pelos usos da lingua. « O corpo ali move-se » disse bem Alencar, porque «*ali*» tambem pode mudar de logar, e são licitas as collocações «*ali se move, move-se ali, etc*». E' isto que procuramos definir pela regra do meu amigo acerca dos vocabulos que podem mudar de logar.

A incorrecção de Alencar está nas seguintes phrases: «*quando*... o povoado *estendeu-se;* o primeiro pichelingue *que passar-me* por d'avante; suppoz *que* a *onça atirava-se*; uma lagrima *que desfiava-lhe*; *até que uma mergulhou-se*; *como fallou-lhe*; *quem disse-te*, *não disse-lhe*; *onde acha-se, etc.* »

Nesta incorrecção, (vá feito que o seja) mais ou menos incorrem todos os brazileiros, o meu amigo tem toda a razão; ainda mesmo aquelles que se apuraram em palestras litterarias, dando o maior apreço possivel ao castiço e vernaculo da linguagem e tendo por guias modelos do quilate de José Feliciano de Castilho, ainda esses mesmos, e ainda os proprios portuguezes, depois de residirem annos no Brazil lá vão escorregando e incorrem na mesma falta.

E, notou mui bem o meu amigo, si os que mais se esmeram e limam o estylo, conseguem na escripta evitar esta incorrecção, fallando, quasi que não ha um só que não caia. E o que devemos dahi concluir é que, a incorrecção passou em julgado, é lei para a lingua que fallam os brazileiros tão bôa e tão rigorosa, como as que governam as linguas neo-latinas, que não estiveram pelas regras do latim. O que não é admissivel de modo algum, o que é verdadeiro dislate é ter-se uma lingua para escrever, e outra para fallar; foi-se a naturalidade, foi-se o estylo e a gente depara com uma coisa bem estur-

dia: o discurso que arrebatou quando pronunciado, é frio depois de escripto, isto é, depois que foi emendado, castigado, concertado na collocação dos pronomes!

Querem que no Brazil se escreva differente do que se falla, é boa! E a gente á cuidar que a escripta foi inventada para se reproduzir e se fixar o que se falla!

Totis viribus o meu amigo se revolta contra esta minha conclusão, sustenta que incorrecção é incorrecção, e repete-me as palavras do dr. Teixeira de Mello: «a phrase deve ser a mesma, pois mesmissima é a lingua.»

Pois bem, admittamos: é incorrecção ; mas peço licença para notar que *os nossos tios* (acho magnifica esta designação que inventou o dr. Paranhos da Silva) tambem lá tem suas incorrecções, de outra natureza, é verdade, mas sempre incorrecções. Com o maior acatamento e respeito, pois, declaro que; assim como os *tios* fazem o que querem com a sua lingua lá delles, *os sobrinhos* tambem podem fazer o mesmo com a sua delles cá.

Responde-se-me que *elles são os donos da lingua!*

A' esta não é possivel dar resposta alguma. A resposta adequada seria.....

E neste caso, se tivessemos voz activa, diriamos aos patricios :

Deixemos lá *os tios* com «*as frescuras de lingua*, « *com phrases*.....*cheias de* PORCARIA VERNACULA *como* « *nenhum outro idioma da Europa os têm tão* ricos de « euphonia (Roberto Macario de C. C. Branco, pag. « 219)» deixemo-los apurarem a sua lingua castiça como muito bem lhes aprouver e.....

Vamos cá deleitando-nos com a linguagem incorrecta dos nossos homens de lettras, mas que apezar de incorrectos não nos maçam a paciencia como o remerrão classico e com as.... *bellezas vernaculas.*

Temos o direito de applaudir com todas as veras d'alma os homens de merito real, os homens d'alma e coração, que alliam aos dotes da intelligencia a mais elevada o dom de um verbo poderoso e arrebatador que subjuga e vence. De um delles, de José Bonifacio seja-nos licito inverter para o nosso fim palavras que entendiam com a constituição politica, mas que servem para a *constituição grammatical*, quer no que exprimem, quer na fórma em que é isso exprimido (ou expresso).

« Já disse *que* o direito e a posse do direito *identi-*
« *ficam-se*, assim como o exercicio e o modo pratico do
« exercicio.

« A qualificação não dá direitos, *reconhece-os* e
« todo o juizo declaratorio sóbe á origem donde nasce,
« ou retroage á data do seu nascimento.

« *Quando* a constituição *refere-se* aos direitos po-
« liticos do cidadão, *manifestamente refere-se* á objecto
« determinado, isto é, etc.

« *Póde-se alargar-los, não se póde diminui-los* ; porque, alargando *não fere-se* direito algum e pelo contrario restringindo, *tira-se á um* o que dá-se *á outros.*»

Arvorando-se os *tios* em *donos da lingua*, tira-se aos sobrinhos tudo, inclusivamente a liberdade de fallar e de pensar. E tanto é assim que:

O grande orador, o José Bonifacio da tribuna, onde elle se apresenta racionador rigoroso e estadista, sem

deixar de ser philosopho e poeta, já não é tão grande nas suas poesias, e porque? Porque quando escreve, apresenta-se-lhe o terrivel *vernaculo* que lhe cercêa as expressões as mais felizes, que lhe arranca os dizeres naturaes e caracteristicos, atira com elles fóra, e em logar delles ahi vai encaixando nos versos as safadas *chapas* do florilegio poetico, tal e qual no-lo impinge o classismo do hodierno.

Porto-Alegre! quem no ouvio em palestras, quem no ouvio quando elle discorria natural e livremente (antes de ser consul e barão lá) sabe que elle era um genio! Que resta delle? o COLOMBO, obra classica e artistica, mas onde.... nem sombras do genio que se chamava Porto-Alegre!

Nas BRAZILIANAS quiz elle exprimir as cousas que sentia perante as scenas novas de nossa terra, mas apezar de empregar termos do vocabulario brazileiro (sapé, emboaba, coivara, lote, tapera, paca, etc.) não pinta scenas do Brazil, faz o tropeiro e o boiadeiro fallarem lingua *vernacula*, fa-los arrazoarem e discorrerem como *pastores* e como alarves da Aldêa Gallega, ou como peralvilhos do Chiado. Qual coleoptero enredado nas têas da aranha, a inspiração, emmaranhada nas malhas do castiço, do vernaculo, não poude alar-se; o genio ficou atabafado e, debatendo-se em versos palavrosos, reduziu-se á méro *talento*.

Quanto pois á collocação dos pronomes, meu amigo, todas as vezes que ao enunciado e precisão do pensamento não prejudica esta ou aquella collocação, o que decide della é o ouvido. Isto vimos que era corroborado pelas proprias palavras dos puristas citados no principio; dizia um delles: «n'outros (sc. casos) porém varia « (a collocação dos pronomes), e como que fica dependente

« do ouvido de cada um. E' a musica da phrase, é a me-
« lodia e harmonia da expressão que, respeitada a inte-
« gridade e exactidão do pensamento, determinam a
« contextura das partes da oração, e a collocação dellas.»

E deste modo pelo simples decurso do tempo tem de apparecer necessariamente o *Phonetic Decay* dos linguistas e em seguida a *Dialectic Regeneration*, que fazem com que o francez de Lamartine seja tão diverso do de Voltaire, e o portuguez de A. F. de Castilho do de G. Dias, distanciado este do outro, não pelo tempo, mas pelo oceano e pela differença dos meios em que viviam.

Extravagante seria, muito pelo contrario, que no mesmissimo molde fossem vasadas impressões e concepções tão diversamente formadas. E demais, como muito bem notou o dr. Paranhos da Silva, *o idioma do hodierno Portugal*, o portuguez castiço tambem se tem adulterado lá mesmo, soffrendo modificações phoneticas taes, que o differençam em extremo do fallar brazileiro ; e seria ultra-extravagante que, amando os brazileiros uma linguagem mais fluente, mais facil de pronunciar-se, mais suave para o ouvido, admitissem *in totum* as construcções e a collocação das partes da oração á moda daquelles que, engolindo as vogaes do meio das dicções, precisam accentuar a pronuncia sobre as particulas e chegam mesmo á invental-as dizendo: *uk'andas á fazeri?* Não insisto no que tão proficientemente discutiu o dr. Paranhos da Silva, e tracto de rematar porque... emfim elles são os donos da lingua.

E' assim mesmo, não ha duvida nenhuma.....

Apezar da incorrecção de phrase, ao Bernardo Guimarães applaude todo o mundo, e não obstante me-

recer o Padre Corrêa o epitheto de Tolentino Brazileiro, conferido por um visconde de Castilho, para as bandas de cá tem elle poucos admiradores. O incorrectissimo J. de Alencar despertou enthusiasmo e não obstante certos desmandos do seu estylo e a condemnavel e condemnada *licença* das suas producções litterarias, foi o romancista mimoso, o mais querido em nossa terra, no emtanto que passam desapercebidos ahi tantos, que levaram ao maior apuro possivel a correcção grammatical e orthographica. São cousas....

« Escriptores ha destes, e não poucos, que empre-
« gando palavras todas da sua lingua, e na accepção
« propria; collocando-as com a mais escrupulosa ob-
« servancia da syntaxe; compassando-as com a pon-
« tuação, pouco mais ou menos como toda a gente, e
« encerrando em cada membro de periodo alguma coisa
« intelligivel, tem entretanto a singular habilidade de
« *entreterem* por espaço d'horas a seus leitores, sem que
« estes á final hajam colhido uma só idéa. Nada mais
« scientifico do que a apparencia de taes estilos; nada
« que mais imponha ás turbas; nada, que tanto des-
« console e humilhe os entendimentos sinceros e de
« bem—se assim nos podemos exprimir—mas nada mais
« vão, mais insensato ou mais ridiculo. E' a *gira* dos
« contrabandistas; é o vasconço dos ciganos litterarios.
« Os estudos modernos não têm maior peste nem a boa
« eloquencia mais fatal inimigo, que esta moda.» Quem disse isto foi o visconde de Castilho. Si quizerem respingar é contra elle, COLLOQUIOS ALDEÕES PAG. XIV. Notarei só, por demais, que este trecho em *vernaculo*, irreprehensivel, e no qual não se aponta um *galliciismo*, lembra muito a leitura de livros francezes, muito prin-

cipalmente de *Rien de plus scientifique que* etc., em diante. Por minha conta ainda digo que está contra a regra o infinitivo pessoal «*entreterem*», e que no Brazil se usa dizer «*giria*» e não «*gira*» porque isto significa outra cousa.

Vem aqui á pello o que me disse um meu amigo, engenheiro allemão, homem illustrado e distincto cultor das lettras.

— O portuguez é dos diabos, é uma lingua que não presta para nada.

— Porque?

— Ora! Bons discursos, interessantes escriptos, que leio, acho que merecem ser conhecidos em minha terra, quero mandá-los para lá; mas primeiro vou conversar sobre elles, consultar a opinião em que são tidos. E dizem: Sim é bom; Fulano (o auctor) tem talento, é muito instruido, mas... não sabe portuguez, não falla, não escreve em portuguez. Peço então que me indiquem livro em que leia bom portuguez. Vou ler... é palha, palha secca, não se tira nada dali. E depois ás vezes não se entende, e quando se entende é uma cousa pesada,grosseira, bruta como uma cortezia de toucinheiro; alem de haver muito termo que não vem no diccionario, que é preciso adivinhar, não tem grammatica nem logica que o estrangeiro possa comprehender.

E para prova mostrava-me trechos de diversos, e entre outros alguns de C. Branco « Credo, que não,que « não; que a não deitasse á perder; que o mundo aca- « bara para ella quando casou; que não queria famas; « que era amiga do conego, como se fosse sua irmã; e « mais nada; não queria dar desgostos ao mano barão; « quant'é do marido não se lhe importava; e que a ca-

« bra da cunhada, se soubesse que o conego lá passava,
« ia dar á lingua, pô-la pela rua da amargura. »

Em outro logar:

« Deu informações consoantes á pessôa do conego:
« baixo, costas largas, com uma bengala muito grossa
« de castão a fumar cigarro, homem de meia idade, cara
« d'alarve, com os beiços grandes, muitas bochechas,
« com uma barbella vermelhaça, um feio diabo. A CORJA pag. 279».

E me punha em embaraços o meu amigo para destrinchar as phrases arrevezadas,e pôr em trocos miúdos a semsaboria vernacula, de modo que tivesse sentido e concordancia em lingua culta.

« Não temos (em Portugal, está bem visto).....
« livro serio com que possamos provar que n'este paiz
« alguem commungára com os grandes pensadores e
« dera á poesia, menosprezada por futil, a força de uma
« alavanca no desmantelamento do edificio velho.(CAN-
« CIONEIRO ALEGRE pag. 153) »

Fallou um dos mestres, ao qual

« Depois de oitenta livros, com oitenta
« Raladoras paixões ainda escapam (C. Al. pag. 549)».

Historias finas e *sentimentalismos* dos mais subidos quilates, como não ha outros.

E depois que mais? é que, pelo gosto de lêr versos harmoniosos e cheios d'alma, e romances cheios de vida e de naturalidade, de muito bôa mente perdoamos ao Bernardo Guimarães... perdoamos o que? de todo o coração acceitamos as incorrecções ou nem nas vemos ahi nos:

Mas Sophia *lhe responde*:
Onde
Quereis agora que eu vá?...
Ah!

.....

Depois nesta sua escrava
Crava
Um olhar de que *morri*;
Ri,
E *me* diz: eu serei teu
Eu!
Serei tua: *lhe* respondo
Pondo
A mão sobre coração.

.....

Anjo *que* traz-*me* em delirio;
Lyrio,
Cujo seio puro extreme
Treme,
Se a brisa *da-lhe* sobejos
Beijos.

.....

Antes n'uma masmorra
Morra
Do que vêr quebrar os bellos
Élos...

.....

Bem conheço esse insolente
Ente
Que insuflou-te tamanhas
Manhas

.....

Emquanto a pobre netinha
Tinha
Nos olhos cheios de magua
Agua.
Lhe diz a vovó materna
Terna:
.....
Tambem dentro desta casa
Casa,
Qu'eu darei á teu esposo
Pouso.

Transcrevi estas estrophes da *Gentil Sophia* (NOVAS POESIAS de B. Guimarães) só para mostrar que, apezar das *invernaculidades*, tem mais graça do que muito verso *chuê* do portuguez castiço. Sublinhei as incorrecções, entre as quaes figura o preterido «*morri*» que um grammatista qualificou de ABSURDO, declarando que o verbo «*morrer*» não admitte a 1.ª e a 2.ª pessoa do preterito !!!

« No seio lá do paraguayo sólo
« Sanhudo leopardo *se aninhava*,
« Com a pata feróz calcando o collo
« D'uma nação escrava
.....
« Mas vede lá na esquerda ribanceira,
« Onde em crescente *encurva-se* a barranca,
« Do rio seu com horrida tranqueira
« As portas atravanca,
.....
« Da riba ao longo, o bastião sombrio
« Em vasto semi-circulo *se encurva*
« E o sinistro perfil no longo rio
« Estampa a sombra turva.»

Não tenho á mão outros livros de B. Guimarães nem de algum outro poeta nosso, meu amigo, e por isso tiro das NOVAS POESIAS estas amostras de incorrecção, que não minguam a belleza dos versos.

Bernardo Guimarães nesta ultima poesia duas vezes emprega o mesmo verbo incorrectamente, devendo estar, conforme os puristas « *se encurva* » onde está « *encurva-se* » e vice-versa. Mas para todo aquelle que tem « *ouvidos*, » para quem capisca de versos « *com poesia* » e não está estragado pelos versos ôcos e chochos, isto é, sem poesia, é louvavel a transgressão da regra. Si o B. Guimarães quizesse collocar os pronomes á moda classica como ficavam esses versos? Mas o grammatista

Da-lhe *que dá-lhe* co'o tacão das botas
Traz do ministro largando á correr.

Disse Gonçalves Dias ainda incorrectamente, mas de maneira que posso apropriar-me das palavras delle para applica-la ao grammatista, tão despotico no reino da grammatica, como o ministro o é na administração. Ambos os dois (á italiana) *mandam* (são *manda-chuvas*,dizem no norte) contra o senso commum, contra os factos, contra tudo; ambos os dois levam sovas e levantam reclamações e berreiras, mas ambos *elles* vão por diante imperterritos.

Pozeram em voga os taes senhores classicos do hodierno o muito prosaico verso *alexandrino*, triste revelação de máu gosto e de falta de senso poetico, que ainda se sobreleva pela raridade dos versos de seis syllabas tão apto para a musica! D'esse verso de seis syllabas (assim como do de cinco e do de sete) usou o melodioso Gonzaga, *introductor do bom cos-*

tume (V. de Castilho: METRIFICAÇÃO PORTUGUEZA pag. 144 4ª. edição) das estrophes á moda italiana, uns primores...que se devem á *Italia e nomeadamente ao popularissimo Metastasio.*

Esse verso, muitissimo musical, arrasta insensivelmente a gente á transgressão da regra de collocação dos pronomes e por isso é de certo que não gostam delle os versificadores classicos. Não é só isto; o verso mais usado nas redondilhas, era o de sete syllabas, e é esse o verso estropiado hoje em cantigas roubadas de *óperas* (como na JOVEM LILIA ABANDONADA, na VÊ Ó BELLA ÁS TUAS PLANTAS, etc) estropiando-se ao mesmo tempo a musica. E, agora é que são ellas! visto que na musica o concreto de consoantes é obrigado á vocalisar-se, ahi temos os homens desfazendo na musica o que fizeram na falla, salvo si topam consoantes que produzem não o som de *cascata* como dizia Mme. Tastu, mas o som de *uma duzia de frigideiras*, como optimamente o explica o dr. Paranhos da Silva, (Parte 1ª. do IDIOMA DO HODIERNO PORTUGAL pag. 21.)

Dahi resulta uma cousa bem exquisita. As cantigas dos caipiras com as suas toadas singelas, e perfeitamente accentuadas onde o devem ser, nem sempre são feitas nos taes versos com accento na setima syllaba, ou antes quasi sempre são feitas em versos de seis syllabas, porem com os ouvidos mal amanhados os versejadores á classica, não habituados á esse verso, o alteram (ou corrigem), quando podem, para o verso de sete syllabas, e quando não podem o deixam como está. E então quando são trazidos á imprensa os taes versos de caipiras ahi os vemos por via de regra de *pé quebrado!* E porque é isto? é porque o grammatista está com a cabeça cheia de

regras, não enxerga e não estuda as cousas como são e como se apresentam á quem não está cheio de preconceitos, e leva o descoco á ponto de alterar o que ouve, corrigindo o que pode, e deixando o mais *com o pé quebrado*.

Qualquer que tenha um pouco de talento para metrificar, como o tinha o impagavel e in-olvidavel Laurindo, reconhecerá (o que já dissemos), que a propria indole do verso de seis syllabas convida á deslocação do pronome, cousa que o purista não pode perceber porque não tem ouvidos, ou os tem educados de outro modo. A prova está justamente no que diz Castilho (pag. 41 da METRIFICAÇÃO PORTUGUEZA) « Os melhores versos de seis syllabas são os que se « reduzem a tres metros de duas syllabas » Dá o mestre como melhor justamente o mais monótono dos tres padrões, e como o menos bom um dos melhores! Bem mostra que é o auctor das CARTAS DE ECHO E NARCISO que deixaram á perder de vista o inspirado auctor da NOITE DO CASTELLO!

Peccam pela má collocação dos pronomes os seguintes versos; podiam ser corrigidos para vernaculo, porem...

Que diz-te o coração,
Querida minha, dize,
Quando ólhas para o ceu
Co'a face assim na mão?

Será uma esperança?....
De que, meu bem, de que?
Será de *cousa* almejo
Que nunca a gente alcança?

Temor será da morte?
Tens medo de que tudo
Se acaba aqui....ahi....
Na tumba tudo aborte?

Ai! ai! estou scismando,
Qu'a minha já *pegou-te*
Cruel, fatal doença,
Que vai sempre lavrando!

A triste epidemia
Que desmantela crenças....
Os sonhos desencanta....
E mata a poesia!

Cuido eu que tua fé
Fraqueia....em outra vida
Cuido que tua crença
A mesma não mais é!

Duvidas! ai! duvidas!.....
Por isto ficas triste!
Qu'acabe tudo temes
Com estas nossas vidas.

Não mais no padre crês,
Que vida lá...*promette-te*;
E scismas, pois, na cova
Sumir-se tudo vês.

Tua fronte anuvia
Do seculo a descrença;
Desmaia-te o sorriso
Crúa melancolia....

Pois olhas no futuro,
Não vês coisa nenhuma!.....
Não vês sinão sumiço
N'um temeroso escuro!

Embóra !.. Pereçamos !
Sumamo-nos, mas junctos !
Com tanto que fiquemos
Unidos sempre.... vamos !

Um todo só formando,
Fundidos um no outro,
Um n'outro aniquilemo-nos
Um ao outro logrando.

A construcção vernacula condemna muita cousa aqui e exige varias mudanças de collocação. Vejamos só algumas.

« *Que diz-te* » é grave incorrecção em vez de «*que te diz.*» Quando falla «*de cousa almejo que* » cumpria estar «*almejo de cousa que.*» Ha completo transtorno em « *a minha já pegou-te* » « *cruel, fatal doença* ». Em logar de «*tua fé fraqueia*» os rigoristas gostam mais de «*a fé te fraqueia* ou *fraqueia-te*» Em vez de « *cuido que tua crença* » elles gostariam mais que se dissesse «*cuido eu que a tua crença*» No 4.º verso da 7ª quadra elles prefeririam «*cá n'esta nossa vida*» Condemnam peremptoriamente o «*que...lá promette-te*», e adiante diriam «*a fronte te anuvia*» e não «*tua fronte anuvia*» No modo vernaculo diriamos *pois olhas p'r'ó* (e não *no*) *futuro.* Finalmente elles admittem raras vezes os versos esdruxulos e ainda mais com vozes como «*aniquilemo-nos*».

Gosto de me servir das palavras dos *mestres* para externar o que penso, e aqui vem á proposito uma tirada de Pinheiro Chagas, que transcrevo apenas com uma ou outra correcção á meu modo.

« Estamos...hoje atravessando uma crise...e os

« talentos, que despontam *em* nossa patria, parece virem
« já corroidos por uma lepra original, que os não deixa
« expandirem-se livremente ao sol claro e puro do nosso
« firmamento. A affectação, a turgescencia, o pedantismo,
« e, o que é peior ainda, a imitação pouco sensata dos
« menos imitaveis modelos estrangeiros, dão á nascente
« litteratura todos os symptomas de uma decrepidez pre-
« coce. Nos escriptos dos talentosos moços que se estreiam,
« debalde se procura um grito que parta do coração,
« uma idéa que *bróte* espontaneamente, como flor da
« madrugada, no... espirito illuminado pelo sol do en-
« thusiasmo; em vez disso encontram-se apenas phrases
« pomposas, pensamentos... atirados á circulação por
« escriptores francezes que tem modernamente procu-
« rado... popularidade *em* certa extravagancia que por
« cá se aprecia muito. Espiritos juvenis, mas falseados
« por uma leitura sem discernimento, acceitam como
« oiro de lei essa moeda falsa, e devolvem-na ao publico
« apenas galvanisada por um estilo, cujo esplendor fic-
« ticio *mal* póde deslumbrar *por* um instante *aos* que
« não fazem differença entre o scintillar das lentejoilas e
« o refulgir dos diamantes. Novos Ensaios Criticos pag.
« 228.»

INSUBORDINAÇÕES GRAMMATICAES

Os tios usam sempre para com os sobrinhos de um tom magistral, e não perdem nunca occasião de ralhar e de puxar pela férula. Por exemplo nos Ensaios criticos pag. 221 de Pinheiro Chagas lê-se :

« O defeito que eu vejo nessa lenda, o defeito que
« vejo em todos os livros brazileiros, e contra o qual
« não cessarei de bradar *intrepidamente* (bravo !), é á

« falta de correcção na linguagem portugueza, ou
« antes a mania de tornar o brazileiro uma lingua diffe-
« rente do velho portuguez, por meio de *neologismos*
« arrojados e *injustificaveis* e de *insubordinacões*
« grammaticaes, que (TENHAM CAUTELLA) chegaráõ a ser
« *risiveis* se quizerem tomar as proporções d'uma
« insurreição em regra contra a tyrannia de Lobato. »

Vê, meu caro dr., como falla o intrepido tio? elle ameaça até: TENHAM CAUTELLA! Mas entendamo-nos; insubordinações *grammaticaes,* ou insurreição contra a *tyrannia* de Lobato?

Quando a algebra diz que a differença entre duas quantidades *a—b*, tem o signal da maior, isto é, que essa differença é positiva quando o termo maior é o positivo e vice-versa, diz uma verdade, estabelece uma LEI, contra a qual não ha insubordinação possivel.

Quando porém se diz (ou *diz-se*? que é o que (ou *o que é que)* governa aqui o pronome? é o *quando* ou o *porém*?...) Quando porém se diz que a differença negativa, por isso que resulta de ser o termo negativo maior que o positivo, é menor que zero, diz-se uma asneira, e o virem cá impô-lo é uma tyrannia de algebrista, contra a qual se insurge o bom senso.

Nem todos são Benjamin Constant; nem todos têm valia e valentia para desmascarar e debellar petulancias de inculcada lei, que não passa de tyrannia. Mas é dever de todos e de cada um fazer o que puder em prol da verdade.

Não se devem confundir as *regras de grammatica* com os *despotismos de grammaticos.* As regras *da* grammatica são ou devem ser baseadas sobre a observação dos factos; logo que ellas não estão de accordo com esses factos, não passam de tyrannias *dos* grammaticos.

Seguindo, ainda que de longe, os passos do meu amigo o dr. Benjamin Constant, e imitando o seu espirito investigador, embora em um ramo de estudos muito menos precisos que a algebra, temos procurado vêr si nos será possivel mostrar que : querem impôr-nos tyrannias de *grammaticos* á nós outros brazileiros, e que a nossa *grammatica*, si em alguns pontos desgarra, em outros está mais de accordo com os factos da lingua portugueza, do que aquella, em nome da qual Pinheiro Chagas e com elle muitas outras pessoas illustradas, condemnam os nossos neologismos e insubordinações grammaticaes.

Contra a tyrannia tem-se insubordinado diversos, e entre elles alguns muito distinctos, como José de Alencar e outros. Batendo, porém, com razão e com a razão a tyrannia *dos grammaticos*, ou antes dos *grammatistas*, e procurando reconstituir as regras *da grammatica*, ha poucos ; neste ponto merece especial menção o dr. Paranhos da Silva, á quem já me tenho referido por vezes. No seu opusculo O IDIOMA DO HODIERNO PORTUGAL elle deu em muita *balda certa*, e apontou muitas incorrecções *do portuguez* genuino.

Entre os que condemnam a insubordinação dos brazileiros tenho o desprazer de contar a sua pessoa, meu amigo sr. dr. S., que com a distincção e meritos que tem em alto gráu, rompe lanças em prol do vernaculo e castiço, e profliga os vicios de linguagem dos patricios, em cujo numero desgraçadamente me conto eu. Digo *desgraçadamente*, porque tendo ao meu patricio e amigo na conta de mestre, e de mestre muito auctorisado e competente á quem acáto e respeito, comtudo neste ponto sou obrigado á *insubordinar-me* contra a sua auctoridade, e á dizer-lhe : Não, meu caro doutor, não queira impôr-nos esse *vernaculo* e *genuino*, que não é o ver-

naculo de Camões e de Herculano, e que só serve para esterilisar as lettras portuguezas d'aquem e d'alem mar.

O meu bom e illustrado amigo, irado contra as insubordinações, depois de arrazoar contra ellas muito proficientemente, costuma alludir ás seguintes palavras de Max Müller.

« Presidindo á dieta de Constança o imperador « Sigismundo dirigiu-se á assembléa em um dis- « curso em latim, exhortando á ella que extirpasse o « schisma dos Hussitas:—*Videte Patres, ut eradicetis* « *schismam Hussitarum*, disse elle. Foi porém chamado « á ordem com muita sem-cerimonia por um monge, « que reclamou—*Serenissime Rex, schisma est generis* « *neutri.*—O imperador com tudo,sem perder a presença « de espirito,perguntou ao impertinente monge—Como « é que sabeis disto?—O mestre-escola da Bohemia re- « plicou:— Dil-o assim Alexandre Gallus.— E quem « é Alexandre Gallus ? accrescentou o imperador. « O monge respondeu:—Era um monge.—Bem, re- « trucou o imperador, e eu sou imperador de Roma; « e a minha palavra, entendo eu, valerá bem a palavra « de qualquer monge.» Não ha duvida de que estavam « com o imperador, os que se riram; porém, apezar de « tudo *schisma* ficou sendo neutro, e nem mesmo um « imperador podia mudar-lhe o genero ou a termi- « nação. (pag. 41 *Lectures on the science of language*).»

Allude o meu amigo á este pedacinho (que é de ouro) para bater de rijo a incorrecção dos brazileiros no emprego dos pronomes; mas veja como são as cousas, á mim me elle serve muito mais, e muito melhor. Com effeito, si nem um imperador póde mudar a terminação do genero neutro, como é que vem o purista impôr

um neologismo anti-grammatical á titulo de vernaculo, quando delle não sabem as gentes de cá, quando é apenas usado no reino lá, e quando elle é condemnado pela grammatica e pelo bom senso (*si* applicado á segunda pessoa)? Como é que vem o grammatico, mais despotico do que o imperador romano, averbar de incorrecção de phrase o fallar singello e natural (dá-me um copo d'agua), e quer impôr uma linguagem que se inculca castiça, mas que é puramente exótica (dá-me um cópo com agua)? Como é que em nome de mestre Jeronymo Soares Barbosa se pretende corrigir Camões, e se estatue a tyrannia de regras (sobre infinito pessoal, sobre collocação dos pronomes etc.), que o proprio mestre transgride inconscientemente?

Em nome dos sensatos preceitos da grammatica é preciso debellar a tyrannia do grammatista, sob pena de vêr-se a lingua atrophiada pelo imperramento das molas (o estylo inculcado *vernaculo*), pela ferrugem das peças (os archaismos desconchavados), pelo desengonçamento do machinismo remendado (com os neologismos, e principalmente os gallicismos.)

Cá e lá mais fadas ha, é verdade. Tambem incorrem nas mesmas culpas os brazileiros, não ha duvida alguma, e até incorrem muito mais em certos pontos, é exacto. Principalmente na côrte e nas cidades, onde parece haver maior civilisação, faz-se grande mistura de grelos e a lingua anda ás cabeçadas, sem tomar forma algma bem definida; pullulam os barbarismos e muito principalmente os gallicismos, porque os nossos homens de lettras e de sciencia (como os de Portugal) o que aprendem é quasi sempre em livros francezes.

« E o que é de admirar, são quasi todos estes se-
« nhores...os que tem introduzido o plató (em vez de

« *chapada* ou *planalto*), todos elles litteratos, instruidos
« nos estudos classicos, conhecedores da lingua que es-
« crevem e do dialecto que fallam; mas infelizmente todos
« tão modestos que, em vez de darem a lei com a auto-
« ridade que lhes communicam estudos e talentos, lá vão
« pela corrente abaixo na esteira dos pedantes francelhos
« da rua do Ouvidor. (Estudos lexicographicos do Dr. Macedo Soares)...

Da cadeira de professor e de lente falla-se aos alumnos *lingua cassange* (conforme a expressão dos rapazes), é certo. Mas com ser isto certo e por ser certo, não se deve dizer que o brazileiro é um portuguez degenerado, e tende á formar um dialecto; degenerados são ambos, e ambos estão-se corrompendo, cada um á seu modo talvez, mas corrompendo-se, ou modifican-do-se.

Si, como disse Gama e Castro, *a pureza da lingua* (*a pureza da lingua!!!*) *é o mais seguro thermometro da civilisação das nações*, na realidade o pobre Brazil ainda está na barbaria, porque pureza de linguagem, dando de mão embora ás exigencias de collocação dos pronomes, realmente não ha em certas regiões ou da parte de certas personalidades, que entretanto pertencem ás classes instruidas. Nas escolas de ensino superior ha lentes que fazem as prelecções em cassange; na camara e no senado ha representantes *que em ordem* (in order to) á justificar a demora do parecer da commissão, allegam que estiveram *guardando a cama* (*gardant le lit*). Em documentos officiaes do governo o ministro expede ordens ao *general em chefe, ao engenheiro em chefe* de tal estrada, e com a maior incongruencia possivel despacha avisos ao almirante e ao chefe de esquadra, mas não ao *almirante em chefe*, nem ao *em chefe de esquadra*; na mesma columna do diario official em que o

ministro relata os serviços do *engenheiro em chefe* de uma estrada do norte, falla de outro *engenheiro chefe* (e não *em chefe*) da commissão da exploração de tal rio, do desembargador *chefe de policia* (e não *em chefe* de policia), do capitão commandante (e não *em commandante*) do destacamento, do barão presidente (e não *em presidente*) da assembléa, e do engenheiro fiscal (e não *em fiscal*) da companhia tal etc. Em fim nas collecções das leis se vêem *directores de directorias*, e *directores* que não são de *directorias*, *inspectores de inspectorias* e *inspectores* simplesmente de qualquer cousa.

Incorrecções destas não se acham no idioma propriamente brazileiro; esse fallar hybrido e mascavado é proprio da gente que se diz culta e dos *habitués* da rua do Ouvidor, como disse o dr. Sylvio Romero. Esse fallar hybrido voga nos jornaes, na grande imprensa que tem á seu cargo o instruir-nos, vem-nos de lá dos nossos tios, no *ror* (é de C. Branco) de romances francezes traduzidos para vernaculo, que entupem as estantes do Gabinete Portuguez e as da Bibliotheca Fluminense.

Não ha muito tempo, os jornaes se divertiram com a phrase «fracturar arvores» em uma circular do chefe de policia. Essa exquisitice foi sem duvida oriunda da mania de *vernaculice*, de que se-eiva a nossa gente litterata, lendo os classicos do hodierno.

Castello Branco diz «sentiu impetos sanguineos (im-« petos sanguineos! para distinguir de *impetos lymphaticos* ?) de pegar no Trigueiros e *fractura-lo* contra um dos frades de pedra da Praça Nova.»

Dahi é natural que se vá diffundindo a eiva, que invada pouco á pouco as outras camadas do povo, que se infiltre por fim no fallar singelo e natural dos *colonos*

internados e lhe dê outra feição. Em todo o caso é uma força que actúa, e que necessariamente tem de influir na *resultante*, tanto mais quanto *essa força* tem intensidade consideravel ; basta considerar que ella vem da *elite* (a *nata* diriamos nós) e da imprensa.

E contra ella é que devem combater realmente os verdadeiros amigos da linguagem patria, que quizerem vê-la seguir a sua evolução natural e não na quizerem *torcida* á capricho de *grammatistas* ou de *escrevinhadores*, que se dão ás mãos para cada vez mais corromperem o idioma patrio.

Afora disto as simples condicções climatericas e geographicas são mais que sufficientes para determinarem fundamental differença entre o fallar brazileiro e o fallar portuguez.

Por fim de contas o resultado será com effeito a formação de dialectos, de dous dialectos, um lá e outro cá; e seria até mais cedo si não fosse a imprensa (á isto, meu amigo, voltaremos depois). E neste caso os que fallam o dialecto de lá, e os apreciadores do inculcado *vernaculo* não tem o direito de chamar de corrompido ao de cá, ou si o tem, os de cá podem retrucar-lhes na mesma moeda e tambem estão no seu direito. E' o que fez o dr. Paranhos da Silva, e note o meu amigo, com mais graça e verdade do que Castello Branco que, na sua quígila com os brazileiros dá por páus e por pedras, assaca-lhes todos os vicios, mas em primeiro logar não sabe apontar os defeitos de linguagem que lhes attribue, espicha-se pondo na bocca do brazileiro phrases que elle nunca diz,e em segundo logar os odiosos brazileiros, que apresenta em scena, os commendadores Bentos, os Hermenegildos e outros que taes são filhos da lusa terra que vieram cá fazer dinheiro, e que só ficam

brazileiros quando regressam abarrotados d'aquillo com que se compram as commendas e baronias (elles dizem varonias).

Si, como se me disse, elles são os *donos da lingua...* (é uma pulha que me não canso de admirar), tomando ao sério a cousa, que vale essa allegação? O meu amigo vê que não vem nada ao caso o facto de ter nascido lá a lingua. Por identidade de razão estamos bem vendo que então só o italiano teria o direito de se dizer filho unico genuino do latim, e poderia chamar de corrompidos e espurios á todos os idiomas co-irmãos. D'ahi é evidente a sem-razão e dislate da escapadela do purista, que me deu a tal resposta, que desafia retruques.

E muitissimo bem corta a questão o dr. Sylvio Romero dizendo: « Não ha uma lingua mais correcta « que outra; porque não ha uma lingua typica e no « seu proprio desenvolvimento um mesmo idioma pode « ser mais ou menos opulento, porem nunca mais ou « menos *correcto*. Não se trata pois de elogiar ou vitu- « perar a linguagem de Portugal ou a do Brazil. De « resto um povo fala e traja como quer, e os pedantes « da lingua se parecem com os pelintras da moda. »

Ha só uma differença: a aggressão foi dos pedantes, que averbam de apedeutas aos que não estão pelas suas regras de *portuguez*; a aggressão veio de lá; com tanto martelar desarrazoado dos rigoristas é que começou, á modo de represalia, certo movimente em sentido contrario. Não é aqui, nem ali, é em todo o Brazil que havia sincero culto ao vernaculo e castiço: liam-se os classicos em todo o imperio, manuscava-se não só Camões, Herculano e Garret, mas ainda Filinto, Bocage, Castilho etc., etc. A imprensa do Maranhão é conhecida e notavel por apresentar escriptos em optimo

portuguez, irreprehensivel para os classicos. No imperio corria como mestre de rhetorica o livro de Freire de Carvalho; no collegio de Pedro II foi professor Tiburcio Craveiro, e nesta côrte, do collegio Victorio da Costa saíram os mais eminentes homens de lettras, e distinctos parlamentares e estadistas.

Mas a impertinencia dos pedantes que nos não deixam dizer—*dá-me um copo d'agua*, é que revoltou os mais pacatos, que estão no seu pleno direito rejeitando *as frescuras de lingua cheias de porcaria vernacula* (Castello Branco podia dizer mais genuinamente—*com porcaria vernacula.*)

Castello Branco não falla em brazileiro,que não lhe dê á valer, e larga sobre elle *o tom espivitado, a farofia, a tezura, o ar enfedorentado, cheio de* NAO PRESTA (EUSEBIO MACARIO) do seu estylo viruloso (permittirme-hão o neologismo? quezera-o, porque não é *virulento* que eu acho que é o homem);

Pois bem nos seus «diamantes comprados no Jequitinhonha *onde ha elles mais preciosos no Brazil* (o sublinhado é do proprio C. Branco no Euzebio Macario p. 239)» o illustre classico hodierno errou cuidando que o commendador Bento (oriundo de lá) fallava como os de cá, porque ainda o mais mattuto dos caipiras, ao fallar das riquezas de sua terra, referindo-se aos diamantes do Jiquitinhonha diria muito naturalmente: «onde ha d'elles os mais preciosos dos Brazis». A exquisitice grammatical é pulha do Sr. Camillo.

« Vossê parece que não veio *bô* da rua » Na *Corja* pag. 158. Quando é que no Brazil se ouviu esse *bô* em vez de *bom*? os que pronunciam mal dizem *bão*.

« Fidalgo sou eu da casa real, hein? Quero uma minina honesta e pobre. Rico sou eu...Mi amará ella?

Percorra o sr. Castello Branco o Brazil inteiro do Oyapock ao Chuy, do cabo Santo Agostinho ao Javary,e aposto o que quizer em como não ouvirá de bocca de brazileiro esse « *fidulgo sou eu da casa real* »,esse *rico sou eu* » e muito principalmente esse « *mi amará ella* » enjoada e affectada phrase traduzida de romances francezes, introduzida nos corrilhos da gente da moda, mas completamente desconhecida na linguagem geral. Não ha quem não o saiba, em vez do verbo *amar* o nosso povo usa de preferencia do verbo *querer bem*, mesmo do verbo *estimar* e outros, mas não do verbo *amar* e ainda mais empregado de um modo tão sem graça.

José de Alencar, cujos conhecimentos pela maior parte forem bebidos em livros francezes, e cujo torneio de phrase tinha muito *que* de francez, empregou por vezes esse verbo nos seus romances, o que lhe valeu uma critica desarrazoada de Cincinato, que já se apontou em outro logar destes rascunhos. E na realidade Castello Branco imitando e mettendo á ridiculo a falla brazileira, põe na bocca do inculcado brazileiro (commendador Bento) um fallar (*mi-amará*) que desmente o cacophaton (*m'amará*) attribuido por Cincinnato ao auctor dos CINCO MINUTOS.

Sempre armado de ferula o purista malha nas incorrecções do brazileiro, mas á cada passo cae nas mesmas incorrecções. N'um poemeto dizia um poeta nosso :

« Nho Juca, alteando o peito e passeando
Os olhos p'l'assembléa, ou antes digo,
Por cima das cabeças do auditorio
Começou á deitar palavreado. »

E salta um dos admiradores do vernaculo de C. Branco e diz (alem de outras censuras mais): *en promenant les yeux*—gallicismo intoleravel.

Entretanto o classico Castello Branco fallando de João de Deus no CANCIONEIRO ALEGRE diz :

« Eu esperava que elle, alteando o peito e cruzan-
« do os braços, *passeasse os olhos no azul* e nas papoilas
« dos taboleiros ; e assim na attitude dos inspirados, me
« declamasse um improviso. »

Descascando este trecho á maneira de Cincinnato diriamos :

« Esperava que passeasse os olhos no azul» mais on menos como cá no Brazil nós «passeamos os cavallos no « picadeiro» ou «como a ama das crianças as passêa na « horta.»

Quanto ao *azul* eu o sublinhei para coteja-lo com o seguinte :

« *A manhã desdobrava o seu manto de azul* (*azul*
« é alguma fazenda? perguntou o doctor), *por entre a*
« *cerração*. De maneira que o *azul*, que está gallicamente
« aqui pelo céo (*l'azur*) estava entre a cerração. QUESTÕES
« DO DIA XLVIII PAG. 128.»

Não se irrite, meu caro doutor, não reclame ; eu sou da sua opinião tambem ; cada qual sabe lá o que quer dizer e á cada qual é livre o externar o seu pensamento do modo pelo qual muito bem lhe parece, e diz sempre bem aquelle, que se exprime *ex-corde*. Não censuro por amor de censurar, detesto a critica. Sabe o meu amigo que eu preferira mil vezes *produzir*, offerecer obra na qual podesse metter o dente a critica, e morder á vontade, do que estar aqui á esmoer as *verna-*

culas frescuras de lingua dos classicos rigoristas. Mas o qne ha-de ser ? São mesmo estes bichos que nos não deixam pôr pé em ramo verde, e que nos troteam por «da cá aquella palha.»

« O azul em versos meus tambem figura;
« No azul eu vejo a estrella tão ridente
« Que me manda de lá suave lume!...
« De lá do azul ella allumia a noite
« Do torvo scepticismo que nos cerca,
« E atenúa os negrumes asphyxiantes
« Do realismo, que nos escurece
« A vida e nos embaça as illusões.»

E quem nos despoetisa o *azul* são elles mesmos, e quando José de Alencar rasgava, ou pelo menos com muita galhardia procurava rasgar o belbute e o baetão das roupagens classicas, *e a manhã* (da nova litteratura) lhe *desdobrava o seu manto de azul*, saltava-lhe pela frente Cincinnato e lhe perguntava: *azul é alguma fazenda*?

Podia e devia responder o gabado escriptor que diz na CORJA pag. 211.

« Aquellas palavras chãs, humildes, sahiam de « conflagrações reconditas, vulcanicas, como singelas « boninas que o convulsionado Etna atira ao *azul*.»

Não posso resistir á tentação de transcrever por inteiro de J. F. de Castilho o seguinte trecho:

« O número *um*, logo neste 1º capitulo, de que « ainda me não foi possivel arrancar-me, apparece 600 « vezes, e o autor lá tem suas razões: — Bizarria de « *um* principe—por *uma* rechan—*um* grande manan- « cial—*um* tom opaco—*um* sol esplendido—o firma-

« mento é *uma* terra—*uma* dessas occasiões—*um* car-
« deal—*uma* palmeira—*um* poncto além—*uma* lividez
« — *um* homem—com *uma* camisola—*uma* das bando-
« leiras—*um* bacamarte—*um* dragão—*um* gesto de
« contrariedade—*um* arco mixto—*uma* travessura—
« *um* passo—*um* bem a mim—*um* arquejo—*um* pulo—
« *um* fungar... E isto tudo, logo n'um capitulinho, de
« meia duzia de linhas, o primeiro, e o mais aprimorado
« do livro!

« O que isto significa é *um* desprêso da lingua; é
« *uma* incorrecção pouco decente; é *um* gallicismo de
« legua e meia. Se não todos, pelo menos as tres quar-
« tas partes destes *uns* seriam supprimidos por quem
« soubesse escrever. O francez (por outros motivos) se-
« gue lá outra regra, que lhe derrama nas suas pagi-
« nas esse diluvio de *uns*; mas no portuguez, constitue
« este surdo martellar, menos ainda uma ingrata mo-
« notonia, que um erro grammatical. O *um* em portu-
« guez, não é cavilha, particula sem sentido, arbitra-
« riamente entremeada nas orações, como os cantores
« italianos entremeiam *ad libitum* o *si*, quando lhes
« faz conta: o nosso *um* tem missão especial, e é a de
« limitar o respectivo nome individualisando-o, isto é,
« separando-o dos da mesma especie. Com esse adjec-
« tivo articular deve pois ter-se cuidado, porque gera
« — ou incorrecção, quando empregado desnecessaria-
« mente—ou erro formal, quando desvirtuada a sua
« indole. »

Pois bem, do proprio irmão do censor achamos:

« Tinha *um* corpo fragil e mesquinho, e *uma* esta-
« tura pouco acima da adolescencia (queria dizer *da da*
« adolescencia) Tinha *uma* voz gasta e doentia, manei-

« ras (porque não *umas*?) maneiras sympathicas e in-
« sinuantes... Dir-se-hia ao vê-lo: é *um* infeliz (por
« oras é o unico «*um*» bem cabido) .... E' *um* infeliz, e
« é *um* poeta » (Trecho citado no CANC. ALEGRE pag. 254, sobre cujo final podiamos clamar como J. F. de Castilho: « pois quantos infelizes e quantos poetas havia de ser o homem? »

E ainda no proprio censor de vez em quando como nas QUESTÕES DO DIA pag. 16: «é a guerra das classes que *uma* tal theoria infallivelmente traz comsigo» lá vem «*uma*» perfeitamente inutil, e de mais á mais com torneio afrancezado «*qu'une telle theorie* etc.»

Em Ramalho Ortigão, escriptor de incontestavel merito, á cada passo encontramos trechos como:

« *Um* tal consumo de raparigas bonitas destinadas
« á enriquecer o pessoal das congregações religiosas,
« torna-me um pouco mais meditativo que o consumo
« das materias inflammaveis destinadas á virgular
« com relampagos os sermões de quarta-feira de trevas.
« E no fim de contas (*au bout du compte* censurou-se
« á Alencar nas *Questões do dia*) eu não vejo para estes
« excessos de devoção outro remedio que não seja mais
« devoção ainda. »

Não é só aquelle «*um*» *empregado desnecessariamente* que *patentêa* (*um*) *desprêso da lingua*, *(uma) incorrecção pouco decente* (metto entre parenthesis *a cavilha que deve ser supprimida por quem sabe escrever*, CASTILHO); é o periodo inteiro que é francez de principio á fim, alem de ser esturdio e um pouco difficil de se entender. Cincinnato perguntaria «que vem á ser *consumo de raparigas bonitas*, *consumo de materias*

inflammaveis, e estas *destinadas á virgular* (*!!!*) *sermões com relampagos*! !? etc.! etc.!!!

Pinheiro Chagas que chegou á dizer-nos—*tenham cautella*, e que nos ameaçou com as risadas dos sabichões offerece-nos pedacinhos impagaveis. O meu bom amigo veja; eu apenas intercalo entre parenthesis umas phrases de Cincinnato criticando Alencar, (*umas phrases* digo de proposito, mas o meu amigo vê que aqui não é a cavilha franceza *um*, *uma* e até com ella não se reproduz em francez o que eu disse, pois ninguem diria *unes phrases*.)

«Apezar dos muitos talentos que avultam na nossa
« antiga colonia americana, não se pode dizer que o
« Brazil possúa *uma* litteratura (talvez tenha tres).
« Litteratura nacional é aquella em que se reflecte o
« caracter *d'um* povo (e não de dous ou cinco), que dá
« vida ás suas tradicções e crenças; é a harpa fremente
« em cujas cordas geme como *um* sopro (não como sete
« sopros), a alma de *uma* nação (e não a alma ou as almas
« de tres nações), com todas as dores e jubilos que, atra-
« vez dos seculos, a foram retemperando.»

Nestas nove linhas entrou quatro vezes a cavilha, *o gallicismo* de *legua* e *meia*, *que facilmente seria supprimido por quem soubesse escrever* (CASTILHO). E esse gallicismo de legua e meia á cada passo se acha nas paginas dos NOVOS ENSAIOS CRITICOS (que me acontece ter agora á mão).

La vai :

« O Brazil...não tem ainda *uma* existencia bastante caracterisada (*n'a pas une existence assez cara-*

clerisée). Não tem tido que atravessar, como as republicas hespanholas, o periodo laborioso de *uma* gestação difficillima, nem tem tomado, como os Estados-Unidos, *uma* tal iniciativa no movimento civilisador do mundo que possam na sua litteratura deixar profundo sulco (por milagre não vem aqui *um profundo sulco*) as grandes questões, em que se debate a humanidade (*Il n'a pas eu à traverser, comme les republiques espagnoles la periode laborieuse d'une gestation très difficile, ni n'a pris, comme les Etats-Unis, une telle iniciative dans le mouvement civilisateur du monde, que les grandes questions, où se débat l'humanité, puissent laisser dans sa littérature un propond sillon.*)

Tractava unicamente da cavilha «*um, uma*» e insensivelmente, das amostras desse *gallicismo de legua e meia* vemos surdirem outros gallicismos em chusma, porque, repitamos, P. Chagas pensa em francez e traduz depois em portuguez mascavado (embora vernaculo, visto estarem os pronomes no competente lugar ?)

A tal cavilha «*um, uma*» ! Não ha classico do hodierno, que não a empregue á valer. N'um folhetim qualquer destes estylistas, no primeiro que se apanhe á mão, ahi temos :

« A verdade é que ninguem ama *um* talento, *uma* « competencia, ou *uma* capacidade; o que se ama no « homem é *um* caracter.» Não sei porque milagre não veio ahi tambem *uma* verdade, *n'um* homem. A cousa ia do mesmo modo.

E si a gente, espicaçada por essa vernaculice, seguindo o exemplo, exclamar : E' para escancarar *uma* bocca ! Salta de lá um Cincinnato que brada : « Pois quantas (boccas) havia de escancarar ? o rapaz era alguma faca velha cheia de boccas ? (QUESTÕES DO DIA XLIII pag. 34.) »

E a gente (de cá, está visto) ainda escancara mais a bocca, porque fica sabendo que «*faca velha cheia de boccas*» significa «*faca velha cheia de dentes*» e que «*bocca*» em Portugal é «*dente*» no Brazil.

E' isto; e ainda assim o meu amigo não *faz ideia* (*uma ideia*) do que é o VERNACULO. «Isso espolinhava-se na cama que o padre João *não faz uma idéa*! (A CORJA pag. 148.)» Não se sabe o que é *espolinhar-se*, não vem nos diccionarios; alem de refundir-se a grammatica, é preciso refazer-se o diccionario.

Camillo Castello Branco diz não sei si na CORJA ou no EUZEBIO MACARIO: « achavam-no indigno de *apparelhar* com homens de bem » ora! *apparelhar* em vez de *emparelhar*! demais á mais um essencialmente transitivo, e o outro quasi sempre intransitivo.

Em outro logar o Camillo falla de uma *langroia*, ou uma *lamecha*, uma *croia*, uma *sostra*, uma *mondonga*, ou uma *não sei quê* (não me lembra), mas emfim uma *femea de energia barrosã* (qne vocabulos! e nem ao menos usa do systema das NOTAS, como costumam os nossos quando empregam termos tupís, abundas, caipiras, etc) e diz que ella *cruzava as pernas* D'UM *torneio esculptural*. Si fossemos fazer perguntas á maneira de Cincinnato não acabariamos: *d'um*? e não de *dois* ou *trez torneios*? e depois: *pernas de torneio*? *torneio esculptural*? Pois esse *torneio* de phrase não é gallicismo, e muito mais que o de Alencar « eram cinco horas da tarde, estava quasi noite» que Castilho increpou, traduzindo « *Il était presque nuit*» ?

O homem é inexhaurivel; parece ter phrase mais vernacula que P. Chagas, mas é tambem afrancezado. A cada passo apparece a cavilha de que fallou Cincinnato:

« Adormecera na molleza *d'uma* poltrona, *n'um*
« *grande* esmero de toilette, *n'uma* grande pacificação,
« com *um grande* estilicidio de rapé, *n'um grande*
« desalento, com *uma grande* voracidade (francez até
« no frequente uso do *grande*), recuando com *umas*
« pausas cavas, cheias de drama e de maldições (que
« diabo vem a ser *pausa cava*, e ainda *cheia de drama?*
« *as pausas* eram bacias ou potes ? pergunto parodiando
« Cincinnato que, phrases como «*chorava de balde*»
« repinicou « *chorava de cacamba*) »; de tamancos, sem
« meias, com *uma* saia de chita ; *uma* noite immensa,
« *uma* escuridão, impenetravel á luz de *uma* esperança,
« *uma* cocega deleitosa no pescoço, *uns* gritos infantis,
« *um* prurido *muito* sensual (*muito* tambem repetido
« como o *grande*), com os beiços *grandes*, *muitas* bo-
« chechas (!!! até sem concordancia !), com *uma* cauda
« *muito* esfolada, com *um* certo acanhamento *muito*
« *goche*, *uma* negrura de nuvem (outro phraseado
« francez), natureza forte *d'uma* masculinidade ple-
« thorica (deixando de parte o cacophaton *mamas*), com
« *uma* barbella vermelhaça, *um* feio diabo, phrases
« *d'um* madrigalesco de bordel, allusões *d'uma* nitidez
« de luz electrica, *muito* lidas e saboreadas; *uma* graça
« *muito* gaiata, *umas* brazileirices (que será *brazilei-*
« *rice* ?) *muito* inflammatorias que pareciam feitas de
« aromas de bananas, trillos de sabiá e essencia de
« moscas verdes.»

Tudo isto esparramado nas paginas escriptas pelo famoso purista; e note o meu amigo que só faço menção dos *um*, *uma* quando são *cavilhas*, *que facilmente seriam supprimidas por quem soubesse escrever*, e não dos que são bem empregados em portuguez. Os «*grande*»

e «*muito*» tambem são dispensaveis pela maior parte, e quando não o fossem podiam ser substituidos, mudando-se o phraseado para não ficar com esse geito esturdio e afrancezado.

N'outro lugar elle diz: « Felicia... com *uma* suspeita pungente da verdade... bufava dentro da sege *uns* gemidos *muito* do interior.» Chama-se isto realmente fallar francez em vernaculo. E ainda: « gemidos muito do interior! » pois donde mais haviam de ser elles?

E de que nos admirarmos, si até no D. Jayme logo, na 2.ª oitava la temos a cavilha em « Eu tinha *um* coração e era teu filho! » Olhe que já deixei passar a 1.ª oitava na qual um rigorista ainda podia averbar de cavilha o *um* no verso:

«Meu vergado pomar *d'um* rico outono.»

Gallicismos! O emprego do artigo (*o a etc.*) em logares em que o bom portuguez (de Camões, de Herculano etc.) prefiria, impunha a suppressão delle (*a sua suppressão* á P. Chagas) é tambem gallicismo, e gallicismo muito em voga no hodierno classico.

« E ter *a* bondade faz perdoar muitas outras cousas que se possam ter » Que fim tem ahi o artigo *a*? O que quer R. Ortigão determinar com elle?

« Ao tanger da campainha fez-se *a* claridade su-« bita no templo, e vi os olhos della cravados nos « meus. Os BRILHANTES DOS BRASILEIROS pag. 83? » Aqui temos *fez-se a claridade*, onde não sei que serventia tem o *a*, ainda mais quando se diz *claridade subita.*»

Lá vai um pedaço que me gabaram de sublime, e que não passa de chapa (*de uma chapa* á P. Chagas), e chapa (lugar commum) muito sediça.

« Effectivamente os povos que se estorcem nas « convulsões immensas que precedem a sua formação « definitiva, inflammam a sua litteratura com todo o « fogo do combate; o ardor, a vehemencia, o enthu- « siasmo respiram na sua poesia, e os rapsodes febris, « que sentem todas as commoções da lucta, soltam ao « vento do futuro as paginas dispersas d'uma epopéa « sublime, que um Homero depois coordenará talvez, e « de que se formará a Iliada gigante desses povos que « ha cincoenta annos cercam a Troya dos velhos erros « do passado, sem terem conseguido ainda conquistar « a liberdade, essa formosa Helena que jaz dentro dos « muros sitiados (Novos ENSAIOS CRITICOS) pag. 213).»

Esta combulhada de phrases bombasticas, com esse seu torneio hoje tão em voga, e tão apreciado pelos critiqueiros (não é meu o neologismo, é d'um classico hodierno, não me lembra qual) é francez da gemma, francez genuino e vernaculo.

« En effect les peuples qui se tordent dans les con- « vulsions immenses, qui précèdent leur formation « définitive, enflamment leur littérature de tout le « feu du combat; l'ardeur, la véhémence, l'enthousiasme « respirent dans leur poésie, et les rapsodes fiévreux, « qui sentent toutes les émotions de la lutte délivrent « aux vents de l'avenir les pages éparses d'une épopée « sublime, qu'un Homère ensuite coordonnera peut-être « et dont on formera l'Iiade géante de ces peuples « qui, il y a cinquante ans, assiégent la Troie des « vieilles erreurs du passé, sans avoir pu conquérir « la liberté, cette jolie Hélène, qui gît en dedans les « murs assiégés.»

Já não é *um* gallicismo de legua e meia, são muitos, são novecentos e noventa e nove mil gallicismos esparramados pelas paginas de Pinheiro Chagas (e outros), que estendidos em fileira iriam d'aqui até á lua.

Tenha paciencia o meu amigo; eu já disse que não pretendo e nem gosto de censurar, mas é um direito a represalia, Pinheiro Chagas é um dos que censuram *neologimos arrojados e injustificaveis e insubordinações grammaticaes.*

Pois haverá neologismo mais injustificavel do que esse modo de arranjar a phrase á franceza, sem elegancia nenhuma, monotona e diametralmente opposta á aquella variedade e harmonia que se deparam nas magnificas paginas do EURICO?

Seguindo as pegadas do traductor do MISANTHROPO e dos COLLOQUIOS ALDEÕES cuido eu que muitos dos nossos puristas e o proprio Pinheiro Chagas, si achassem o trecho acima em francez e não no portuguez de Pinheiro Chagas, para evitar a pecha de gallicismo traduziriam; «*qui précèdent leur formation définitive*, que lhe precedem a formação definitiva; *l'ardeur, la véhémence, l'enthousiasme respirent dans leur poésie*, ardor, vehemencia, enthusiasmo respiram-lhe na poesia.» Já não quero dizer nada do facto de estar o verbo para o fim; o vernaculo de Castello Branco e que taes não gosta de variar as collocações, e vai-se pondo o verbo sempre no fim, e nunca no principio « respiram-lhe na poesia ardor, vehemencia e enthusiasmo.»

O vernaculo zela só a collocação dos pronomes, mas não se importa com a collocação do verbo, das orações complementares, etc., de modo que em prosaica e corriqueira phrase franceza o hodierno desmancha o terso e brilhante portuguez antigo.

Fazendo de conta que Pinheiro Chagas tinha escripto em francez e que depois fosse vertido em vernaculo, o trecho «qui précèdent leur formation définitive, que *lhe* precedem a formação definitiva», vê-se ahi um *lhe*, destinado á evitar a traducção de *leur* por *sua*. Este *lhe* é um esturdio (digo *um* porque não são dois, nem quinze) que deu no gôto aos amigos do vernaculo, mas agora não temos remedio sinão deixal-o de parte, porque precisamos vêr *insubordinações grammaticaes* de outra especie no tal trecho de Pinheiro Chagas.

Em primeiro logar note o meu amigo que, si ha escriptos á que se possa applicar aquella critica do visconde de Castilho (que transcrevi na pag. 148), no rol d'elles estão sem duvida os de Pinheiro Chagas. Lêem-se paginas e paginas, e chegando ao fim não sabe a gente o que leu.

Em segundo logar, (já disse que nem gosto de criticar, nem de pôr limitações ao pensamento do escriptor; si o homem para mim falla bem applaudo-o, sinão deixo de parte o livro; mas aqui muda o caso de figura); Pinheiro Chagas censurou incorrecções; como é porém que não as aponta, nem explica? Demais, criticando de que modo se exprime?

Pois realmente em vista de regras expressas dos grammaticos, e em vista dos usos, como se acham nos classicos, é portuguez o que escreveu Pinheiro Chagas? Onde é que se viu em auctor classico esta linguagem *o ardor, o enthusiasmo, a vehemencia respiram na sua poesia*? Que vem fazer ahi os artigos *o, a*?

Ainda mais, «*respiram*», pelo que se vê na phrase, não é verbo activo no sentido de «*soprar*», nem neutro no de «*tomar folego*», ou pelo menos não se concebe como

é que possam *tomar folego* na *poesia o ardor, o enthusiasmo, a vehemencia.* Parece tambem que não lhe quadra ahi o significado que tem em «*respirar o dia, respirar delicias, respirar lições do ceu* etc.»

Parece que «*respiram*» nesse logar equivale á «*transpiram*» ou antes «*spiram*» referindo-se ao *ar* ou *halito,* como em sentido parallelo se diria «*rescendem*» em relação á *olor,* «*vaporam*» em relação á *gazes,* «*fumegam*» em relação á *fumo* etc.

Sendo assim torno á repetir: o que é que vem fazer ahi o artigo? Sem duvida alguma vem fora de proposito, tal e qual se apresenta no vernaculo «*ao proposito*» que á cada passo empregam pela phrase adverbial «*á proposito*» Assim está elle na CORJA pag. 116 «o padre João de Lucena escreve *ao proposito* de S. F. Xavier prophetisar o breve passamento de Garcia de Sá, que o padre etc.»

Da regra 1.ª de J. S. Barboza sobre o uso dos *determinativos geraes* ou *artigos* (pag. 100 da 6ª edicção de Lisbôa) se vê que o artigo deve appôr-se ao appellativo quando a significação geral deste deve ser restringida e dá o seguinte exemplo: «*Pedro foi tratado com honra*» sem artigo, «*Pedro foi tratado com* A *honra que lhe era devida*« e aqui o artigo.

Appliquemos e façamo-lo dando á phrase uma collocação mais portugueza: «*na sua poesia respiram ardor, vehemencia, enthusiasmo,*» tudo sem artigo; ou então «*o ardor, a vehemencia, o enthusiasmo* da adolescencia, da juventude (do que quizesse Pinheiro Chagas)» com artigo.

A's vezes é bem cabido o artigo, mas botam-no ahi á franceza, sem preposição e de um modo in-

teiramente *chuê* em portuguez: «Paulo ergue-se de juba eriçada e *a injuria* no labio» gallicismo inadmissivel de Eça de Queiroz; quando menos era preciso ahi uma preposição «*com a injuria*» visto não construir a phrase toda á portugueza, para dispensar o artigo.

Eis ahi insubordinações formaes, meu caro dr., contra a tyrannia de Lobato; e não é de brazileiro, é dos classicos hodiernos; e não é só isto, é d'um que puxa pela férula para punir as insubordinações grammaticaes.

Querem então os taes senhores impôr-nos a tyrannia de Lobato e Soares Barboza, mas ficando elles livres e desembaraçados para fazerem o que quizerem? «Faze o que mando, não faças o que faço» E' o dictado antigo attribuido ao *bom prégador*.

Fazendo critica nas QUESTÕES DO DIA, Cincinnato transcrevia Alencar e ia dizendo:

« No fim de contas (*au bout du compte*) meus sustos não têm razão de ser (*mes craintes n'ont pas raison d'être*). QUESTÃO DO DIA XLVI 89.» Gallicismo já não haveria, dizendo-se «por fim de contas» ou «no fim das contas» ou «no fim da conta»? Esta ultima fórma porem é a traducção litteral.

Este «NO FIM DE CONTAS» eu achei em C. Castello Branco, e em livros e folhetins escriptos pelos classicos do hodierno, como vimos n'um trecho de R. Ortigão já transcripto; porem temos cousa ainda peior (quasi disse *melhor*).

« Dous subjeitos corriam á retalhar-se *ao sabre* nas sombras do Bosque de Bolonha». N'um folhetim de Eça de Queiroz.

Retalhar-se *ao sabre*, picar-se *ao facão*, esgrimir-se *ao espadão*, expelli-lo *ao cachação*, moê-lo *ao soco*, toca-lo *aos pontapés*, sova-lo *ao páu* e manda-lo ao diabo. Que portuguez vernaculo e bonito!

Tenha paciencia. Aqui vai mais ũa amostra do como se censura e depois applicarei o mesmo processo ao trecho que tomei de Pinheiro Chagas, trecho que tomei ao acaso, e que podia ser apanhado em outros escriptos do *hodierno*.

« O eu humano é como a sua besta» E' ainda phrase de J. de Alencar, que J. F. de Castilho dissecou assim:

« *O eu humano* para distinguir do eu cavallo, do eu perequito, do eu albarda; não lhe vejo outra utilidade. *E' como sua besta.* Sua de quem?»

Antes de applicar-se o mesmo processo ás phrases de P. Chagas, notemos umas cousitas do proprio censor. 1.ª Não pode passar despercebida a escorregadela do mestre: Si lá estivesse «*o eu homem*» estaria na regra «o eu perequito»; mas si a expressão é «*o eu humano*», á isto deve corresponder «*o eu cavallar*, *o eu periquitano*, *o eu albardeiro* ou *albardado*».

2.ª O remate do que disse Castilho é: «*Sua de quem?*» do subjeito, do *eu*, a besta do *eu* ou que o *eu* cavalga » Responde J. S. Barbosa, o mestre da grammatica philosophica, e todos os mestres e grammatistas que vão pelo mestre. « O cavalleiro andante é como o *seu* cavallo» SEU de quem? do cavalleiro, responde qualquer menino de collegio. Grammaticalmente a cousa está na regra, agora si racional e logicamente não está, é caso differente, e então ahi temos, para alarde de erudição e muita leitura em toda essa palha da litteratura hodi-

erna, destemperos aos punhados, e nos versos da Lysia poetica (e tambem da Brazilia poetica, valha a verdade) charadas e hieroglyphos estapafurdios á mais não poder ser.

3.ª Nos escriptores do *hodierno* e até no *correcto* C. C. Branco frequentes vezes topa a gente com trechos como este: « Elle espiava os passos da baroneza com a « pertinacia de duas vinganças—*a sua* (1) e a de Feli- « cia, por causa da cunhada expulsa *de* casa do irmão, « e por *sua* (2) bocca diffamada como amante de um « padre.» *sua* de quem? dizemos com Castilho. A 1.ª « *sua* » está conforme, refere-se ao subjeito, é a *sua vingança* delle o padre Justino (pag. 272 da CORJA); mas a 2ª «*sua*?» á quem se refere? *por sua bocca diffamada*, ou antes *diffamada por sua bocca*, de quem? bocca do padre, do subjeito, como devia ser grammaticalmente, não é logicamente (*não no é*, dizem com pleonasmo os puristas); bocca da Felicia? bocca da cunhada? bocca do irmão? tudo pode ser, e quem *no* sabe são elles, os taes grammatistas.

E ainda «por causa da cunhada expulsa de casa do irmão» pergunta-se: que cunhada? cunhada de quem? qual irmão? só pode fallar assim um negro boçal, fallando portuguez de Pung-Andongo; tudo vago, tudo no ar, e tudo incongruente nessa linguagem vernacula! Veja só mais isto.

Cincinnato increpou o dizer «no omnibus *de* dez horas» e com razão (QUESTÕES DO DIA pag. que m'escapou), pois devia ser «no omnibus *das* dez horas»

Mas como é que incorre na mesma culpa um escriptor correcto dizendo «expulsa *de* casa do irmão» quando devia dizer « *da* casa do irmão»?

4.ª do Castilho «não *lhe* vejo outra utilidade» ; ahi temos o embirrante *lhe*, muito em regra, não contesto, mas noto somente que aqui o «*lhe*» vale por «*n'elle*»

Agora appliquemos o mesmo processo de analyse ao que diz Pinheiro Chagas.

Para contrastar como «*eu humano*» basta a «*Iliada gigante*» naturalmente para não se confundir com a Iliada pigmea, a Iliada liliputiana, etc. Depois ainda temos «a Iliada gigante desses povos que ha cincoenta annos cercam a Troya» para distinguir da Iliada gigante (ou pigmea) etc. dos outros povos, e especialmente dos que «não cercam a Troya ha cincoenta annos», etc. etc.

« O ardor, a vehemencia, o enthusiasmo, respiram na *sua* poesia.»

«*Sua*» de quem? perguntemos com Castilho.

E basta, porque no mais, tudo isso é sybillino, e não se sabe o que o homem quer dizer. Parece que « a Troya dos velhos erros do passado» podia ser a Lusitania, mas do principio do periodo se vê que «o Brazil não tem uma existencia bem caracterisada» para ser «um desses povos que inflammam a sua litteratura com todo o fogo do combate»; e lá para o fim do periodo ha modo que o Brazil é um (dos taes povos) que «ainda não conseguiu conquistar a liberdade, a formosa Helena que jaz (como no cemiterio?) dentro dos muros sitiados da sobredita Troya.» Emfim é uma embrulhada, como quasi tudo quanto se lê nas 275 paginas dos Novos ENSAIOS CRITICOS (que me acontece ter á mão.)

« E o mais eram uns cantares em prosa chã, sem « as amphibologias *hebraicas* de Salomão. A CORJA « pag. 497.» *Hebraicas* por serem de *Salomão*, e não *cabindas* ou de *Pung'Andongo*? (pergunto á moda de Castilho.

Sybillino e por vezes não menos afrancezado é C. C. Branco tambem, como ahi se vê. E ainda lá vem no CANCIONEIRO ALEGRE outro exemplo pag. 378.

« Os sobrinhos do visconde para *desbalizarem* (*esbulharem*, parece que é o que quer dizer o purista) da herança o *producto* (é o *filho*) da viuva, allegaram que a criança era filho adulterino.»

Para nós os engenheiros brazileiros (e tambem para os lusitanos—Na REVISTA DAS OBRAS PUBLICAS se escreve como no Brazil, sem fumaças de *vernaculice*) *desbalizar* é tirar as balizas; o *filho* é sem duvida um *producto*, mas dizer *producto da viuva* por *filho da viuva* é esturdio e de máu gosto, parece assim vontade de mostrar novidades; está tão cançado e estafado o vernaculo, que na carencia de idéas, começam os homens á fazer *des jeux de mots*.

« Sabes que sou o homem o menos ponctual que ha neste mundo » E' phrase (*uma* phrase, fallando á moda de P. Chagas *et reliqua*) de Alencar, na qual sublinháram o artigo «*o*» por ser demais na nossa lingua, por ser gallicismo. Ora no hodierno portuguez, conscienciosamente fallando, a gente não sabe quando é qne se deve empregar o artigo e quando é que não.

Como com muita razão ponderou o dr. Paranhos da Silva, no Brazil não se usa do artigo anteposto ao adjectivo possessivo e se diz (ou *diz-se*): «*minha* mãi e *a tua* lá estavam, quando chegou *tua* mulher *e a minha*». No portuguez hodierno arrumam sempre com o artigo atraz do adjectivo, de modo que não ha differença do pronome, e como a phrase portugueza moderna é toda franceza, ahi temos uma mixordia, visto como no portuguez teremos invariavelmente «o meu, a minha, o teu, a tua, o seu, a sua, etc.», quando em francez se distingue «*mon, ma, ton, ta, son, sa, etc.*» de «*le mien, la mienne, le*

tien, la tienne, le sien, la sienne». A mixordia torna-se ainda maior porque «*seu sua*» servem ainda para traduzir «*leur*» e até «*en*».

Não é só. Applicando ao proprio Castilho as censuras que fez ao outro, perguntamos: não são de mais os artigos nas seguintes phrases?

« Quem mais do que tu teve *a* imaginação potente, *a* phantasia arrebatada, *o* intimo enthusiasmo?»

« Morreste porque faltava *o* ar á teus pulmões. »

Si me não engano vem isto nas QUESTÕES DO DIA XXXIII. e a fallar a verdade a suppressão de «*o*, *a*» nessas phrases até dava-lhes (*lhes dava* no vernaculo) energia e concisão.

Outro purista diz: «Tinha irmãos briosos que *lhe* impunham *á elle* o casamento á ponta *da* (devia ser *de)* espada». Grifei o pleonasmo «*lhe á elle*» não para censura-lo, porque elle ahi vai bem e é até indispensavel; griphei para lembrar que é gosto dos puristas a repetição pleonastica dos pronomes.

Agora veja o que é capricho! Repetem pronomes pleonasticamente, empregam artigos quando não são necessarios, e, quando bem lhes parece, supprimem o artigo que é indispensavel. Castello Branco diz: «Despediu-se... e foi para casa (em vez de para a casa)» Evidentemente tambem se podia dizer «foi para campo, foi para cidade, foi para rio, foi para rua, foi para Praia do peixe chingar os brazileiros, ou chingar brazileiros» No emtanto é o mesmissimo escriptor que diz: «a bandeja *dos* licores, os calices *dos* cremes, a gamella *dos feijões*» Parece que si no Brozil dissessemos «traze-me um copo *do* vinho, ou *dos* vinhos, *a vernaculidade* perdoaria o emprego de *de* em vez de *com*.

O meu amigo se exaspera sempre que vou fazendo estas minhas observações; e diz que cito auctores não qualificados e verdadeiros puristas; mas tenha paciencia e veja que, si formos eliminando todos esses nos quaes aponto incorrecções, e que o doutor entende não serem puristas, por fim de contas só restará Latino Coelho como unico escriptor que hodiernamente sabe e escreve *portuguez*.

E note mais que este *unico* é tambem um dos raros que não mette á bulha o fallar brazileiro.

Torno ainda á repetir: faço estas observações não por gosto ou por capricho de fazer criticas, nem por entender que realmente ellas procedam e valham para elles lá; faço-as por necessidade. Entendo e já disse por vezes, que cada qual póde e deve exprimir-se como muito bem quizer, com tanto que se entenda, e que agrade ao maior numero (a maioria dá a lei); e si vou esmiuçando certas cousinhas é só para reagir contra os que não perdem vasa de chasquear da falla brazileira, e para convencer aos puristas de minha terra de que, o *purismo*, como o entendem, não passa de um capricho, mais que desarrazoado.

Limito-me á imitar o methodo de critica, que seguia o illustrado e correcto J. F. de Castilho, e prefiro-o não só porque era menos ferino, mais cordato na critica, realmente sabia bastante portuguez, sabia apontar, pelo menos mais que Pinheiro Chagas e outros, aonde estava o erro, mas ainda, *no mais* era brazileiro e pugnava em prol dos interesses de sua patria adoptiva e hoje de seus filhos. Depois, em geral, na sua critica não empregava, tanto como outros, *os toques duros de graça portugueza genuina, os lusitanismos ricos que dão ao estylo um cheiro de cavalhariça* (palavras

textuaes da CORJA pag. 143) em escriptos *notaveis de peçonha e chalaça muito biliosamente adjectivadas.*

Eis ainda outras amostras, do como é que elle fazia a critica, não ha ainda muitos annos.

« *Noites involtas de nevoeiro e cerração.* Não é « bom portuguez, a preposição *de* está mal cabida, « porque não corresponde á relação que pretende ex- « primir. A' parte a figura de *noite involta* devera « preferir-se a preposição *em*. QUESTÕES DO DIA XLIX « pag. 138. »

Tomemos ao acaso qualquer escripto do hodierno. Aqui temos na CORJA pag. 288: E entrou a chorar, a soluçar abraçado *no* Motta Prego!! Pois a preposição *em* tem lá cabida nesta phrase *abraçado no Prego*!!?

Ainda na CORJA pag. 197: « o suave enlevo ideal de « identificar-se *ao* sexo por excellencia, como o perfu- « me *á* flor e a flor *ao* sol. » « A preposição *á* está mal « cabida (é Castilho quem falla) porque não corres- « ponde á relação que pretende exprimir. A' parte a « *metaphysica* de identificar-se *flor* com *sol*, e *perfume* « com *flor* devera preferir-se a preposição *com*. »

Na mesma pagina lá vem: «apontava-se *ao* dedo o conego e dizia-se...» «Pois não, disse Castilho nas QUESTÕES DO DIA, *on montrail au doigt*. Adeante, que a molestia dos francezes pega-se, dizem, horrivelmente.»

Em folhetins de Ramalho Ortigão e de Eça de Queiroz achamos tambem:

«Quando alguem pessoalmente o encommodava elle apontava *ao dedo* o individuo. » E' mais que certo que

a preposição *á* (em vez de *com*) está mal cabida, não corresponde á relação que pretende exprimir.

« Um duello no bosque... *caminham um sobre o* « *outro de pistola alta.* Fogo». E nós fazemos echo: *fogo*! um *em cima* do outro, talvez *cavalgando* um ao outro! caminham e vão de *pistola alta*! magnifico! No Brazil nós diriamos em portuguez mais *portuguez*: Avançam um para o outro (ou contra o outro) de pistola erguida (engatilhada, ou de pistola em punho, etc). Si é portuguez o «*pistola alta*» admittam tambem «*chapeu baxo* ao marquez de Carabas,» e nós cá os incorrectos brazileiros *tiramos nosso chapéu* aos sabichões do vernaculo, e isto com o maior acatamento e respeito!

A's vezes a preposição é tão mal cabida, que até devia ser pura e simplesmente eliminada: » E se offere- « ceu ao barão para *o* liccionar *no* canto. CORJA pag. 251». «*Canto*» devia estar em accusativo, e portanto não admittia preposição, e o pronome «*o*» referindo-se «*ao barão*» devia estar em dativo e não, como está, em accusativo; isto sabe qualquer menino e podia *lecciona-lo ao* grande escriptor na sala, no quarto, na cosinha, no quintal e até *no canto* da janella, ou em outro qualquer *canto*, pois é ablativo *o lugar onde*. Ainda mais *leccionando-lhe canto no canto* da aula, com alguns puxões de orelhas podia *leccionar-lhe* tambem menos *presumpção* e *philaucia nas suas vernaculices.*

«Nem o codigo, nem o bom senso...impedirão jamais « que o homem...injuriado, salte *sobre* a *sua* espada, « gritando á turba: *ca vou* defender a minha honra.»

Queriamos achar um exemplo de *preposição mal cabida, que não corresponde á relação que pretende exprimir*; achamo-la (saltando *sobre* a espada, o homem, o *injuriado* se cortaria ou se espetaria), mas

achamos ainda outras cousas. Ahi temos um *sua* descabido e desnecessario e ao qual se podia applicar uma pergunta de Castilho, que já citámos por vezes. Tambem achámos nessa quichotada ou hespanholada. « Cá vou defender a minha honra» esse cacophaton *cavou* que lembra as seguintes criticas de Castilho.

« *Quiz seguil-a mas ella*... (quantas vezes *mazellas* meu Deus! QUESTÕES DO DIA XLVIII pag. 124. »

« *Devia ter-lhe dado o prazer de ver-me*, nas QUES-« TÕES DO DIA XLVIII pag. 128—*prazer de verme*, que « cheirava á minhoca ou bicho da terra.» E' como lá vem o commentario.

Quando na pagina 67 fallei do cacophaton *m'amar* attribuido á Alencar guardei uma nota sobre este outro cacophaton *ver-me*, que apanhei em folhetins do classico hodierno e em outros, reservando-me apontal-o opportunamente; perdi, porém, a nota. Agora lembro apenas ao meu amigo o que referi d'um purista na pag. 46. Com cacophatons não se deve importar um escriptor serio. e pergunto—Castilho era escriptor serio ou não?

« Unico homem que lhe dera tantos annos de amor « bonançoso *á* mistura com os tormentos do ciume, « CORJA pag. 196» Este *á* em vez de *de* não serve, é inadmissivel.

Na mesma pagina: «*Muito* lavado e barbeado (sc. o conego), trajando de preto, com apontada decencia, fato de *muito* bom talho, capote farto, azul, *muito* (já tres vezes o *muito*) lustroso, com bandas de velludo, a meia escarlate, a fivela de prata rutilante no sapato esmerado, côres sadias, talvez resultantes da honestidade e do iodureto (que chiste de linguagem!), a robustez dos seus quarenta e dois annos, *a* abstinencia

(com artigo) *dos* vinhos (com artigo) fortes, uso moderado (sem artigo) de genebra (sem artigo), frugalidade *na* carne de porco (*na* carne? porque não tambem *abstinencia nos vinhos?*), tudo concorria a dar-lhe (no Brazil *para dar-lhe*) ao espiritual uma phase nova etc.» Duvido muito que qualquer examinando destrinche e analyse este pedaço na Instrucção Publica ; e nem sei si o faria até mesmo o examinador, muito embora armado com os modelos de analyse do professor Bento José de Oliveira.

E custa-se á crêr! E' este Sr. C. C. Branco o escriptor de quem fez um elogio de arromba o conselheiro J. F. de Castilho nos seguintes termos :

« A' testa dessa aguerrida phalange fulgura com « deslumbrante brilho Camillo Castello Branco, não só « de infatigavel e assombrosamente fecundo estro, mas « (sobretudo nos ultimos doze annos) de valentia de « imaginação, elegancia de phrase, graça e mimo de « expressão, originalidade e naturalidade de inredos, « riqueza de pensar e sentir, harmonia da prosa, ver- « naculidade do dizer, inthesourar de termos pittores- « cos desingastados da linguagem popular ou das pa- « ginas dos bons livros, termos e locuções que opulen- « tarão os nossos lexicons; o que tudo o colloca em « altura inaccessivel nessa especialidade.» E remata-se este magnifico encomio com a enumeração de oitenta e tantas ou noventa obras do eximio escriptor (Nota da pag. 182 no XXXII das QUESTÕES DO DIA.)

A' este trecho podiamos applicar o mesmo processo de analyse, empregado por Cincinnato ao analysar obras de Alencar, e então desfiariamos tambem *insurreições contra a tyrannia de Lobato* e *insubordinações gram-*

maticaes condemnadas pelo mestre J. S. Barbosa. Iria longe porém com estes rascunhos.

Sómente diremos acerca do *deslumbrante escriptor que fulgura á testa de aguerrida phalange* que:

Quem se der ao massante trabalho de ler C. C. Branco principalmente no *Sentimentalismo* verá realmente muita novidade esturdia, muito *termo pittoresco* (o singular aqui é á moda delles), *desengastado* não sei donde, que vem enriquecer o lexicon classico de *frescuras* e *nudezas abandalhadas de lingua* e de *porcaria vernacula* (são palavras DELLE MESMO que por minha propria conta jamais saberia eu empregar), *com vocabulos acidulados, mordentes, com ditos violentos* (tudo delle na CORJA pag. 201) e até com *barbarismos* e GALLICISMOS de que se não lembraram nem os traductores de romances francezes, mandando-nos do reino essas obras de carregação, que inundam os gabinetes de leitura. Daria panno para mangas a collecta dessas vernaculidades e não ha papel para tanto, e é melhor deixarmos que se fique para lá o homem, *arregaçando o seu sorriso alvar,* com o seu parolar *sensaborão*, *incolor*, *goche e chocho* (A CORJA peg. 201). C. C. Branco embirrou realmente com o Brazil e com tudo quanto é do Brazil inclusive os compatriotas da colonia, que aqui ficam ricos e que quando para lá voltam endinheirados tem c alcunha de *brazileiros*; *alcunha* sim porque são sempre uns *Hermenegildos*, uns *commendadores Bentos*, umas *Paschoelas* e outros typos deste quilate que o homem inventa, para metter á bulha e chasquear do Brazil. Nem aos seus poupa ; referindo-se á elles diz : « *Andar na onça* o mesmo que não ter « dinheiro, andar á lebre. Dizeres importados do Brasil, « e bons para Portugal onde são muitos os *trouxas* e os

« *matutos* e não menos os que *andam á onça*». Tambem nos emenda a phrase, não quer «*andar na onça*» e sim «*andar á onça*» que para nós significaria outra cousa, como: «andar *á gato*, *de manso*, *sorrateiramente*.»

Demais, o escriptor *que fulgura á testa da guerreira phalange*, sáe-se ás vezes de modo que a gente não sabe si elle *sabe*. Na CORJA pags. 114, 115 (na parte *Tragedias da India*) vem:

« Corte Real.....bastantemente realista, diz que « alguns sujeitos

« ..... no pensamento vão medindo
« A proporção igual, maravilhosa
« Das partes perfeitissimas quo a roupa
« Avara de ciosa lhe escondia

« Estas *partes* parecem ser *o veo dos lirios roxos* « *pouco avaro* de Camões. » (o griphado é delle mesmo, delle C. Branco)

E esta!!!! *As partes*... que a roupa escondia, parecem ser *o véo!!!!* e os matutos á cuidarem que são «os lirios roxos» dos quaes «é pouco avaro o veo»!

Não é só no emprego da preposição que os classicos do hodierno se desgarram do classico antigo, e differem dos brazileiros. No mais, em tudo, se vê (ou (*vê-se*) a mesma cousa, isto é, capricho em affectar vernaculidade, incorrecções esturdias, e de mistura (á mistura, diz C. Branco) com isto gallicismos e mais gallicismos.

O pronome «*se*» correspondente á «*on*» francez e servindo de subjeito é *um dos mais asquerósos solecismos* apontados por Gama e Castro (*Revista Brasileira* Tomo V pag. 82) e attribuido aos brazileiros. Injustiça; n'elle incorrem os classicos do hodierno, e de lá foi elle

importado nas traducções das novellas francezas, e escarrapachou-se nos annuncios do Jornal do Commercio e nas taboletas, d'onde se vai propagando á final pelo povo. No dialecto brazileiro propriamente não se usa de «*se*» e sim de «*a gente, uma pessôa, um homem, cada qual, cada um, alguem, ninguem, todos, quem* etc.» para traduzir o que se diz em francez com «*on.*» Conforme o uso dos classicos «*se*» não póde ser nominativo, entra em phrases de voz medio-passiva e portanto é admissivel só em verbos transitivos que são os que dão uma conjugação com o verbo *ser*, chamada nas grammaticas conjugação da vóz passiva.

Eis-aqui insubordinações reaẽs dos classicos hodiernos contra a tyrannia de Lobato: «*Falla-se* como *se pensa*» é de Castilho e tambem « vive-se como se póde». Os matutos diriam «cada qual ou a gente vive como póde.» e ainda « como a gente póde».

Ainda é de Castilho ou de outro: «Quando *se é* muito feliz, mal *se póde* etc.» Na roça se diz (ou diz-se) «uma pessôa é muito feliz quando póde etc.».

E' de R. Ortigão o seguinte: «Não *se póde* realmente vir almoçar com a consciencia serena, quando «*se deixou* (pela construcção ainda é «*on*» subjeito, não «obstante ser transitivo e regular *se deixou*) um «homem a agonisar n'uma poça de sangue; mas é triste «tambem que para *se poder* gozar com a alma tranquilla «a omellete (gozar a omellete!!!) do almoço, *se deva* «voltar do campo *de* ventre rasgado ou com a clavicula «em pedaços.» Francez genuino de principio a fim.

E' de R. Ortigão tambem «Não póde ser Emilio qualquer, com a mesma facilidade com que *se é* marquez». Em lingua de caipira se diria «com que *qualquer um é* marquez».

«Que será pois, visto que é necessario *ser-se* «alguma coisa, uma vez que *se existe*. PREAMBULAR do « D. Jayme pag. XCVIII» Brazileiro não sabichão diria «é preciso *a gente* ou *uma pessôa ser* alguma coisa, visto como *uma pessôa* ou *a gente* existe (ou antes *vive*)».

Na CORJA pag. 207 vem: «Desculpava-a, considerando-a illudida pela idéia de que *se era* honesta *sendo-se* casada com quem quer que fosse. »

Diz-me o meu amigo que nestes casos é admissivel o emprego do «*se*» porque entra só em phrase de verbo impessoal, de subjeito indeterminado, e que é apenas uma ampliação do phraseado «diz-se, *conta-se* etc». Ora valha-nos Deos com os malditos preceitos que se estão á estender e á encolher á capricho do grammatista.

Pois não se póde tambem dizer que é ampliação do phraseado impessoal o «*vende-se* livros, *aluga-se* casas, *compra-se* biscoitos, *acha-se* bichos e homens»?

Em vez de affectar *vernaculice* é melhor acceitar o facto novo que se apresenta, em vez de increpa-lo aos brazileiros, deve admittir-se o phraseado posto em voga, não pelos caipiras e matutos (que tem outro modo de fallar) mas pelos homens de lettras, pelos parlamentares e muito principalmente pelos cultores de sciencias que bem á proposito dizem: «*estude-se* os factos, *observe-se* bem os objectos, *faça-se* experiencias repetidas para *concluir-se* leis que mereçam tal nome.» Em conclusão vejamos com Adolpho Coelho que:

«A lingua tem perdido muito do caracter de passi- «vidade d'essas construcções; dahi vem o emprego do «verbo no singular com o subjeito no plural (*sabe-se* «*noticias, conta-se casos*, etc. por *sabem-se noticias*, «*contam-se casos* etc.) tão frequentes no fallar usual

«e na linguagem descurada das folhas periodicas. «N'essas phrases incorrectas «*se*» adquire quasi a «funcção d'um indefinido, empregado como sujeito «da proposição e corresponde apparentemente ao «*on*» «francez». O linguista observa melhor as cousas e os factos, e vê-os de um ponto de vista mais lato.

Além desse gallicismo (de *se=on*) attribuido aos brazileiros, ha outros muito peiores em que incorrem os classicos do hodierno. Já temos visto muitos, já temos visto amostras de phraseado todo em francez puro, mas ainda quero mostrar ao meu amigo outras incorrecções e alguns gallicismos de particular predilecção dos *soi-disant* escriptores puristas, gallicismos dos quaes os ha, que tambem têm voga no Brazil.

Cá e lá o gallicismo se apresenta no abuso do «*seu, sua*» com a differença porem qne no Brazil os nossos littteratos não abusam dos artigos antepostos (observação do dr. Paranhos da Silva) dizendo «*os seus* incidentes, *a sua* literatura, *a sua* formação, a voz *dos seus* escriptores, *as suas* tradicções, *a sua* côrte, *os seus* impassiveis capellães, *o seu* meigo coração, etc.» (Tudo tirado do livro de Pinheiro Chagas).

Cançados (os de lá e os de cá) com o massante e monotono «*seu, sua*», de que abusaram até os de cá, os Mont'alverne e Salles Torres Homem (dous estylistas), e reconhecendo ainda que o «*seu, sua*» não podia satisfazer á todos os sentidos do francez «*son, sa, leur*» e ainda menos á traducção do «*en*», como o fizeram muitos estylistas *de primo cartello*, sairam-se á final com o «*lhe*», outra cavilha, como o «*um, uma*», porem mais esturdia, e caracteristica do vernaculo, porque com ella cuidam que evitam o francezismo da phrase, e vão arrumando para ahi artigos inintelligiveis de

palanfrorio chocho, e palanfrorio todo á franceza. Até na *Revista Brasileira* vem alguns destes!!!

Este embirrante «*lhe*» se intromette desageitadamente na phrase vernacula, e lhe dá (*e dá-lhe*, dizem, e eu preferia *dá á ella*) um feitio insupportavel, além de torna-la frequentemente equivoca, anti-grammatical e por vezes *bestialogica* (pedindo eu licença aos puristas para este neologismo usado no dialecto do Brasil, diz-me o meu amigo que devo dizer *bestio-logica*, pois que não se diz *psycha* e sim *psycho-logica*, *physia* e sim *physio-logica* etc.; mas o brazileiro é *insubordinado*.)

O tal «*lhe*» não se contentou com substituir o não menos enjoado «*seu*, *sua*» e o genitivo por vezes equivalente «*d'elle d'ella*»; mas exorbitando ainda das suas funcções de dativo «*á elle*, *á ella*», deu em servir de accusativo «*quero-lhe* como á irmão, *chamou-lhe* de bobo», aboletou-se no ablativo e substituio-se assim ao pronome *in totum*, seja qual fôr a preposição que reja esse pronome. Com o «*lhe*» querem deitar fóra todos os «*elle, ella*» que o vernaculo considera brazileirismos, e assim figura nas pilherias de C. C. Branco, quando quer arremedar a falla brazileira.

Servindo de «*n'elle*» já o vimos acima na phrase de Castilho «não *lhe* vejo outra utilidade»; applicando-lhe a interpretação grammatical ahi temos asneira, pois isso quer dizer «não vejo outra utilidade *á* ou *para elle*» o que não é.

Servindo de «*para elle*» ahi o temos em: «o estylo *foi-lhe* maromba admiravel» Dizendo-se *para elle* em vez de *lhe* era mais correcto, mas C. Branco se riria do brazileirismo.

« A ingerencia do barytono na intriga tambem *lhe* era uma novidade. Na *Corja* pag. 297 » Queria dizer «era uma novidade *para elle* ».

O uso porém mais geral que fazem do «*lhe*» é pondo-o em lugar da «*seu, sua*» e «*d'elle, d'ella*», e assim o vemos em:

« Põe o teu dinheiro a juro e depois vai para onde queiras *comer-lhe* o rendimento » isto é, o rendimento *d'elle*.

Eis ainda o tal «*lhe*» sem proposito (*sem o proposito* á moda delles) na phrase.

« Tivera um caixeiro que expulsara quando *lhe* descobriu capacidade para o adulterio. CEGO DE LANDIM, pag. 40.»

Em brazileiro em vez de «*lhe*» diriamos *n'elle*. Nessa construcção viciosa podemos perguntar quem é o subjeito de «descobriu» (o caixeiro ou o amo) e á quem se refere o «*lhe*».

Mais bonito ainda temos:

« O Fistula... pegava da guitarra e arpejava « umas cousas muito choradas; e ella punha-*lhe* a ca- « becinha adorada na perna e adormecia *n'uma* grande « pacificação.»!!! Merece um doce o grammatista que nos disser «a cabecinha de quem, e a perna de quem». Os outros «*lhe*» temos decifrado serem ora por «*á elle*» ora por «*n'elle*» etc., mas aqui pode valer por «*sua*» (*a sua cabecinha*, e então ficava mais em regra e mais claro que *ella punha a sua cabecinha na perna d'elle*) e pode valer por «*d'elle*» (e então á brazileira tambem ficava claro que *ella punha a cabecinha d'elle na perna sua* D'ELLA. está visto, A SUBJEITA, o subjeito de « *punha* »).

« Tão á ligeira *lhe* averigou a vida, que declara ignorar,etc.» Na HISTORIA FINA pag. 127 «Aqui o «lhe» em vez de «d'elle» torna a phrase equivoca, pois póde ser «a vida *d'elle*» e tambem «averigou *para elle*» Com

effeito elles dizem tambem «preparou-lhe o jantar, o quarto, a cama» etc.» podendo significar «preparou *para elle* o jantar, o quarto, a cama ou preparou o jantar *delle*, o quarto *delle* etc.»

Nos BRILHANTES DO BRAZILEIRO pag. 29 (si rite recordor) C. C. Branco põe na bocca d'um dos por elle denominados *brazileiros* o seguinte: «Physica e mo-
« ralmente fallando, sua mulher, amigo Hermenegildo,
« vendendo os brilhantes, e dispondo do dinheiro, deve
« dizer o que *lhe fez* (*fez delle* se diz no Brazil; e porque
« já d'uma vez o Sr. Camillo não disse tambem *dispondo*
« *ao dinheiro?*) por força ou por geito. Eu cá por mim
« pegava d'um arrocho e dizia-*lhe* (*dizia á elle* tambem
« no Brazil,sem ser errado embora o contestem): ó minha
« amiga, você diz o que fez *ao dinheiro* no Brazil,
«(*do dinheiro* no Brazil) ou acaba-se aqui hoje o mundo».

Na pag. 195 de CORJA: «colera mal retrahida pelo desdem com que *lhe* recebeu a prenda»; o «*lhe*» póde significar «*d'elle*» e «*para elle.*» Estes equivocos entram no rol das *vernaculices.*

Na mesma pagina ahi temos ainda «que não *lhe* comprasse nada de luxos»,onde o desengonçado «*lhe*» se presta á significar «*d'ella, á ella, para ella*»; isto na tal pagina, em que se refere á Paschoela, porque em geral ainda podia servir por «*d'elle, á elle, para elle.*»

São uns damnados os taes que sabem *portuguez*, e por isso dizem «*comprou-lhe* um cavallo» tanto quando se compra um cavallo *á elle* ou *d'elle*, como quando se compra *para elle* e talvez até *por elle.*

A confusão e embrulhada não pára ahi; vai ainda adiante, do «*lhe*» vai até o «*me*» e o «*te*» assim como o «*lhes*, *nos* e *vos*», pois dizem: «compra-me o relogio» quer no caso em que offerecem á venda *o seu* relogio, quer quando pedem *para si* a compra do relogio.

Nos COLLOQUIOS ALDEÕES pag.280 lá vem isto:«Ou *me* « hão de ressussitar ou lhes hei de tirar a pelle com es- « fregações». O que quer dizer o auctor aqui é que «*os fulminados* ou hão de ser ressuscitados *por mim* ou etc.»; mas quem é que adivinha isto? Litteralmente ahi se lê que «*elles* hão de *resussitar-me á mim* (*me* em accusativo).

Na PREAMBULAR do D. Jayme diz Castilho pag. XCIC: « E' uma composição...que *me* está quasi decorada » E aqui temos este «*me*» valendo «*para mim*» ou «*por mim*.»

Ah! meu caro dr. S., pois realmente é este o vernaculo tão gabado, que os brazileiros devem imitar e não *sabem*? é isto que faz com que *os livros portuguezes sejam mais artisticos*, e os brazileiros sejam de uma forma *espantosa, phantasista, doida*, como disse o distincto patricio nosso A. Barreiros?

Não podemos ser juizes em causa propria: appello para os estrangeiros; elles preferem o fallar brazileiro, e temos dicto tudo.

« A baroneza... não tem dez reis para mandar tocar um cego» CORJA pag. 271». O estrangeiro não percebe e por via de regra interpreta *racionalmente*, mas de modo que não é o que diz o homem na sua. Elle interpreta «*mandar expellir o cego*, o importuno» por que para exprimir o que deseja o homem seria preciso dizer á brazileira «não tem dez reis para mandar *um cego tocar*» Seguindo logicamente para diante o brazileiro diria «não tem dez reis para chamar o cego e mandar *elle tocar*». E ahi teremos uma gargalhada do purista, todo *cheio de não presta* (C. C. Branco).

A manifesta antipathia aos «*d'elle, della*» porém, por um contrasenso extraordinario se desmente quando menos se espera. Na pag. 274 da CORJA, tractando da

troca de cartas entre o tenor e a baroneza,diz o correcto escriptor «e ella lhe passava *as d'ella* dentro d'um livro de musica que elle ia folhear *para* a janella». Diz «*as d'ella*», quando justamente a grammatica exigia «*as suas*»! tambem tem graça aquelle «folhear *para* a janella»; parece assim folhear para o sobredito vêr ou lêr. »

Olhe, meu amigo devemos confessar, que pelo menos na grammatica da lingua que se falla no Brazil, fazem-se certas distincções, que o vernaculo não respeita, donde resulta embrulhada e confusão na phrase. Assim por exemplho «*me. te, se*» se correspondem como accusativo com os verbos pronominaes ou reflexivos e dizemos: «interesso-*me*, interessas-*te*, interessa-*se* pelo bom exito da empreza»; *me*, *te*, *o*, *a*, se correspondem como accusativo com os verbos transitivos, e assim dizemos: « interessam-*me*, interessam-*te*, interesssam-*no* ou interessam-*na* nos lucros da empreza»; *me*, *te*, *lhe* se correspondem como dativos, com verbos transitivos e com verbos intransitivos, que requerem (como dizem os grammaticos) complemento terminativo, e assim: «interessa-*me*, interessa-*te*, interessa-*lhe* a leitura do bello poema»; ou com verbo transitivo: «*deu*-me, *deu*-te, *deu*-lhe a prebenda de destrinchar as incorrecções da lingua vernacula.»

Com isto de todo não se importa o vernaculo e dahi temos:

« Nada *a* interessava na terra se não as horas dos remedios, » E' de Eça de Queiroz que poz «*a*» onde justamente cabia «*lhe*». Evidentemente não se tratou aqui de *interessar a mulher nas horas dos remedios*, como o amo *interessa o caxeiro* no negocio. Com a mania porém de tudo trocarem no vernaculo, estou vendo que

Eça de Queiroz em outra ciscumstancia diria: «interessou-*lhe* (e não *interessou-o*) nu n'gócio dux vótex e du paixe.»

Diz outro: «o capitão... ousava *aconselha-lo* e fazer-lhe profecias». Devia ser *aconselhar-lhe*, e si neste caso poude dizer «*lo*» tambem podia continuar «e *faze-lo* prophecias».

Vejamos ainda alguns gallicismos; o verbo *meltre* entre os muitos significados que tem em francez, tem as de *pôr e metter*,mas os escriptores do hodierno muito exquisitamente empregam *pôr* em vez de *metter* e vice-versa. R. Ortigão diz: «a corôa que então lhe *metteram* na cabeça»; no Brazil diriamos «lhe *puzeram* na cabeça» porque «*lhe metteram*» seria reservado para alguma *agulha*, *sovela* ou *etc.* e não para *corôa* que seria *posta* e não *mettida*.

Pelo contrario na CORJA pag. 294 vem: «A sua paixão *puzera-lhe* no espirito esta tolice» No Brazil nós diriamos «*meltera-lhe* no espirito, ou na idéa»; é frequente por cá o phraseado «*metteu-se-lhe* em cabeça ensinar aos mestres, *metteu-se-te* na idéa esse preconceito etc.»

Nestes dous exemplos vemos não só impropriedade no emprego dos dous verbos, mas ainda inversão e o emprego de um quanto deve ser o outro o empregado.

Agora veja o meu amigo só e unicamente o descabido emprego de *pôr* e isto *gallicamente* (adverbio de Castilho).

« O Fistula *punha-lhe* beijos ideaes na macieza da meia» Ora esta! *pôr beijos* !... e ainda *beijos ideaes*, e ainda muito mais *pôr* os taes *beijos na macieza*, e *na macieza das meias*! Ah! Cincinnato, que mina para as tuas censuras si o Camillo não fosse aquelle que *fulgura á testa da aguerrida phalange* etc. etc., e que é *de va-*

lentia de imaginação, elegancia de phrase, graça e mimo de expressão etc. etc. como ninguem !

« Esta visão pôz uma saudade no coração de Custodia». Leia o meu amigo na pag. 306 da CORJA e m'esclareça, porque não sei realmente si o homem quiz dizer *mit un souvenir*, ou si *a saudade*, que elle poz no *coração* (era um pouco difficil) da Custodia, era a flor do genero chamado *scabiosa* da familia das *dipsaceas*. A cousa vem lá de modo que não entendo; é sybillina.

O verbo «*fazer*» tambem é empregado pelos classicos do *hodierno* á troxe-moxe e gallicamente.

« *Fez-se* um grande espanto quando o viram etc.» é de Castello Branco. Idem os seguintes.

« *Fez-se* fóra a rutilação de um relampago» TRAGEDIA DE INDIA pag. 105.

« *Fez-se* uma grande indignação muda», Idem pag. 106 e reporto-me ainda ao *fez-se a claridade*» já citado acima.

As vezes é bem cabido o verbo «fazer» mas em phrase muito mal arranjada, insupportavel por ser *gallicistica* e até incorrecta, *insubordinada contra a tyrannia de Lobato.*

« Tudo que *se faz* aqui *no ventre* das academias
« *são factos imperfeitissimos* que deviam *de* acabar *na*
« *madre* antes de sahirem á luz ao lado das elaborações
« primorosas, immorredouras dos Thierry, dos Macaulay,
« Niebuhr e A. Herculano ».

Está isto lá na pag. 128 das TRAGEDIAS DA INDIA, e o que é mais engraçado é que na mesma pagina um pouco mais acima se escreveu «os grandes caboqueiros da penedia da historia patria acabaram com Alexandre Herculano ! ! ! O *eximio* escriptor escreve por escrever

falla por fallar, nem *se lembra de se lembrar* do que *disse* para não *se desdizer*.

Desbragado e muito desavergonhado porém se apresenta o gallicismo na phrase vernacula quando dão á «*fazer*» o significado de «dizer, fallar, retrucar, replicar etc.» E' hoje cousa habitual no classico hodierno; não ha escriptor que não empregue o safado «*fit-il, fit-elle.*«

« Has-de de estrear o broche amanhã no theatro... *fez elle* com uma doçura muito postiça». A CORJA pag. 195 onde ainda temos «*uma*» cavilha, e «*muito postiça*», que a'em do «*muito*» já apontado ainda tem o «*postiço*» que lembra o que disse Castilho» *O timbre doce e avelludado* é palavra franceza empregada por qualidade da voz — deixem passar o neologismo. QUESTÕES DO DIA XLIII pag. 71.

Ainda mais: quero mostrar-lhe e vai o meu amigo vêr á que ponto chega o capricho d'um *dos donos da lingua,* que quando muito bem quer, assenta um pontapé na grammatica e a revira de catrambias. Aqui temos:

E' o proprio fautor do Cancionario Alegre que rematando a collecção dos auctores alistados, faz menção da sua propria pessoa nas pags. 645 e 646. Esse sujeito (é elle mesmo quem se diz sujeito) fallando de si (do mesmo Camillo Castello Branco em corpo e alma) diz:

« De certo tempo em diante começou á dizer que « morria e mandava adiante *delle* (!!!) um volume de « versos á voragem do esquecimento».

E' inconcebivel este capricho de empregar o antipathico «*delle*» justamente no logar em que mais cabia o sympathico «*de si*»!

N'outros logares não se entende o que diz o homem. Assim na pag. 104 da CORJA (na parte HISTORIA):

« Uma grande dama goeza, casada, deu-lhe um fi-
« lho ; porém como os appellidos do filho adulterino
« eram os do marido de sua mãi (Castilho não devia
« perguntar aqui «*sua*, de quem ?) deshonrada, o moço,
« cuidando que a salvava, nunca permittio que o
« infamador d'essa mulher casada se aproximasse *d'elle*
« como amigo».

D'elle? si se sefere ao «moço» devia dizer «*de si* »; si porém é outro o «elle», digam os grammatistas quem seja, ou ainda melhor, quem é o tal.

Aquelle «deu-lhe um filho» grammaticalmente está na regra; porém como o purista tem a petulancia de invadir o dominio da logica, e se intromette á dar leis ao modo de pensar, notaremos que não é muito natural que a mãi *dê ao pai*, e sim que este *dê á ella* o filho; assim pensavam até os selvagens americanos que tinham dicções differentes para «filho», designando — quando falla o pai «o que elle dá»—quando falla a mãi «o que ella toma, o que lhe é dado».

Não tem conta as exquisitices do vernaculo, que, examinadas conforme as verdadeiras regras da grammatica, redundam em disparates.

« A constituição fazia baronezas *onde*, no seu tempo,
« as pessoas de bem faziam *as* mães *dos* seus bastardos
« e *as* esposas *dos* seus lacaios.» La vem na pag. 140 da Corja, onde o « ONDE » parece que vale por « Á QUEM », e *onde* não menos de quatro artigos seriam dispensados *por quem soubesse escrever* (fallando á moda de Castilho).

« Vem *onde* á mim, vai-te *onde* á elle, etc.» é um modo de fallar. do qual não se póde dar explicação grammatical, e o qual se depara á cada passo em escriptos de C. Branco e outros.

« Porque *o* seu irmão Bento, que estava no Brazil,
« tinha-lhe mandado escrever (ou *tinha-lhe escripto* ?
« ou tinha mandado *escrever-lhe* ?) que, assim que es-
« tivesse com loja sua, *a mandava ir para* onde *á elle*.»

« *A volta* » vale por « *em redor*, *em de redor* », e assim se diz « *á volta* do mundo, *á volta* da casa, ou do *quinteiro* (nós dizemos *quintal*)» Ainda se dissessem «em volta da casa» passe ; porém mais incongruentemente ainda em outros casos dizem «á *volta* dos cincoenta annos casou » querendo dizem « *por cerca* dos cincoenta annos ». Ora si á « *volta* », que já tantos significados e empregos, ajuntamos mais estes, que resulta ? real empobrecimento da lingua.

A' cada instante ahi temos outras phrases esturdias como :

« E quem ha de ficar *á beira* de V. Ex. ? *A' minha beira* estava sempre triste ; sentou-se *á beira* della ; tambem se sentia enjoada *á beira* da Filicia ». Peço ao meu amigo, que me explique o que vem á ser este « *á beira* » e tambem os « *que*, *que não* e *que sim*, *que qual* » espalhados nas paginas de C. C. Branco e outros.

« *Que sim*, *que não* estava muito bom ; *que qual*,
« *que* tinha feito asneiras *que* farte ; *que não* lhe ba-
« tesse, *que não* remediava nada, *que não* valia a pena;
« *que sim*, *que* uma familia..... não podia andar em
« desordens; *que* elle com um vergueiro nas unhas era
« um barra ; *que* era a vergonha de sua cará ; vossê
« percebeu ? *que não* ; quando eu lhe disser *que* a burra
» *que* é preta olhe-lhe para o cabello.»

Como o « *lhe* » é tambem o maldito « *que* » um tranbolho, no qual vai a lingua tropeçando quando se lê *portuguez*.

Como estes muitos outros bordões, que tornam o fallar do hodierno portuguez monotono e sem-saborão, e os quaes mereciam tanto como os «*um*»,os «*lhe*» os «*a*» (preposição) a denominação de *cavilhas* dada por Castilho somente á «*um*». Tanto mais desgraçado é este uso de cavilhas e bordões, porque além de dar em empobrecimento da lingua, a torna esturdia e chué.

Admittem lá idiotismos os mais extravagantes e censuram a falla brazileira ! ora ! Quando não se dá realmente incorrecção grammatical e é livre á cada um o enunciar-se deste ou d'aquelle modo, com que direito vem de lá o grammatico dizer—está errado, tome cautella, é rizivel ! ? Que importancia póde ter a *deslocação* dos pronomes, quando ahi temos tantos contrasensos no fallar vernaculo, que de mais á mais é duro e enfezado ?

Note o meu amigo que não faço estes reparos si não como represalia. Lendo romances de Julio Diniz, ou passeando com D. Antonio «No Minho», ainda que deparasse com exquisitices destas não as censuraria; pelo contrario gostaria de vêr scenas naturaes descriptas e narradas com singelesa, e tendo tanto prazer como ao ler cousas de nossa terra. Mas aquelles contra os quaes reagimos, são os que se armam de ferula para punir incorrecções, são aquelles que mentem attribuindo aos brazileiros phraseados de que elles não usam.

« Pega nisso e *leva em fogão*, Corja pag. 188» onde e quando jamais se ouviu dizer isto no Brazil ? o que se diria aqui é : « Pega nisso e *bota no fogão*.»

Como não reagir-se contra estas e quejandas ? Até o proprio J. F. de Castilho, homem de reconhecidos meritos, e que pugnou em prol do Brazil como verdadeiro cidadão e patriota, fazia criticas desarrazoadas como esta:

« *Acabava o menino de fazer uma das costumadas*
« ESTREPOLIAS. Termos de taberna por bocca de litte-
« rato..... onde ouviu o... culto, o illustrado parlamen-
« tar.. .. a palavra *estrepolia!* E' essa a corrupção
« plebea do termo *tropelias*, oriundo de boa fonte
« grega..... «Questões do dia XLII pag. 37.»

Termos de taberna! Comparados com os que se acham nas paginas de C. C. Branco, como qualificariamos estes? Demais *estrepolia* vem já nos diccionarios, e não parece tal ser corrupção de *tropelia*, e este é tanto de fonte grega (*turbe*) como de fonte latina (*turba*); e quando a etymologia se pode referir ao latim mais proximo, para que remontar ao grego mais distante? só ostentação de sabença.

O capitão *da aguerrida phalange, de infatigavel e assombrosamente fecundo estro, de valentia de imaginação, elegancia de phrase, graça e mimo* (GRAÇA E MIMO !!!) *de expressão*, é justamente um dos que mais gosta da *porcaria vernacula*, e é opulentissimo de termos, não já de *taberna*, mas de covís de brutos, e de lupanares. Basta lerem-se OS DIAMANTES DO BRAZILEIRO, SENTIMENTALISMO, HISTORIAS DA INDIA etc.

Pinheiro Chagas increpa os neologismos arrojados do idioma brazileiro. Pois, meu caro doctor, haverá mais destemperados neologismos do que os que se acham no idioma do hodierno portuguez?

Um *defeito* que Pinheiro Chagas *encontra na linguagem do livro de Julio Cezar Machado* (patricio do autor dos NOVOS ENSAIOS CRITICOS pag. 154) é tambem defeito do proprio Pinheiro Chagas, *que não reproduz bem o seu pensamento*, porque, *impregnando-se a phrase no espirito estrangeiro, veste com difficuldade as roupas nacionaes que se lhe não ajustam ao corpo.*

E querem por força que no Brazil se falle exactamente como em Portugal! Bem aviados estariamos nós si, fallando de cousas de cá, de nossa terra, fossemos obrigados á dizer *aldeões* em vez de *roceiros* ou *caipiras*, *choças* em vez de *ranchos*, *páu* em vez de *chifre*, *cagão* em vez de *calice de vinho*, *eira* em vez de *terreiro*, *ilha* em vez de *cortiço*, *ripada* em vez de *paulada* ou *sóva de pau*, *chispe de porco* (no diccionario *chispo*) em vez de *pé* ou *mocotó de porco*, *sapatos de polimento* em vez de *sapatos de verniz* ou antes *envernizados*, *arrefecer* em vez de *resfriar-se*, *aziumar-se* em vez de *zangar-se*, *estarrecido* (não achei no diccionario) em vez *interdicto*, *moinante* em vez de *vadio* ou *peralta*, *verguèiro* em vez de *vergalho* etc. etc. Não poderiamos dizer *cuia de leite* ou *cuia de mate*, porque lá o termo *cuia* designa *a rede de retroz*, que aqui as senhoras e as modistas designam por *invisivel*, e os nossos folhetinistas, descrevendo toucados, é que se veriam em apuros dizendo que ellas traziam *cuias* na cabeça. E fallando do moço que tomou um *tilbury*, seria precizo dizer tomou *uma tipoia*, embora *tipoia* (termo do nosso vocabulario) originariamente significasse *camisa de mulher*, depois *capa* e *facha suspensa ao hombro* ou *aos hombros*, e afinal hoje *facha* ou *suspensorio*, em que se mette o braço doente.

OBSERVAÇÕES

Muitas cousas, que apenas aponto, desejava eu considerar mais largamente; queria discutir um bom numero de incorrecções grammaticaes intoleraveis, admittidas no *portuguez hodierno*, que querem impingir por *vernaculo*, mas sou obrigado á dar, por emquanto, o

basta. Com tudo convém ainda serem externadas algumas considerações.

Arrenegue-se muito embora o meu amigo contra a minha ousadia, assevero e persisto na intenção de mostrar e demonstrar que não é valida, e que não podemos admittir *in totum* a seguinte regra geral, que citam á cada passo e que é dada da cadeira de professor.

« Fixada a syntaxe de uma lingua, ninguem a póde « alterar; augmente-se embora o seu vocabulario, mo- « difiquem os sons, *innovem algumas de suas formas*, « a syntaxe é immutavel, e si assim não fôr a lingua « deixa de ser a mesma.»

Ahi mesmo na regra existe contradicção. Dizendo-se «innovem algumas das (e não *de*, vernaculamente) *suas formas*» tem-se dicto tudo; quem innova algumas, póde innovar muitas, póde innovar todas. E assim o fazem os propugnadores do vernaculo, os taes puristas — que, já vimos, mudam até o valor das preposições e dos pronomes! mudam tudo! Não menos de tres ordens de considerações me desafia esse theorema ou apophtegma dos grammaticos, cada uma das quaes me daria uma centena de paginas para estes rascunhos. Mas não posso dar vasão á tantas reflexões e restrinjo-me.

Si a Syntaxe é immutavel como é então que o v. de Castilho ousou dizer: «A linguagem dos Lusiadas foi « a melhor que se podia para o seu tempo; mas o seu « tempo já lá ficou para traz ha tres seculos; e fallar « hoje como fallou Camões, nem a um velho tonto e pir- « rhonico se desculparia, quanto mais a um viçosinho « de sete ou oito annos; e isto é ainda no presupposto de « que elle a podesse entender e tomar; mas não a in- « tende, nem rastreia. (pag. CXII da PREAMBULAR).»

E mais adiante « A grammatica mesma, esse senso « commum da linguagem... é frequentes vezes offen- « dida nos Lusiadas.» ?!!!

E ainda mais « Nenhum bom poeta dos nossos dias « ainda que inferior á Camões, se resignaria á... as- « signar como sua uma unica estancia inteira de todos os « dez cantos».!!!

Eis-aqui ao que chegaram *os donos da Lingua* ! A vista disso diremos com o dr. Paranhos da Silva: «Não « se póde negar que tenham o direito *vitae et necis* so- « sobre a lingua herdada de seus avoengos. Só nego « que os brazileiros tenhão obrigação de macaquear as « alterações que nella fizerem para seu uso particular; « principalmente quando tiverem por fim torna-la di- « versa de todas as outras linguas, talvez porque são « simelhantes á dos seus rivaes de Castella. Porquanto, « si nós tambem tivessemos, como Courier, *de soffrer in-* « *justiças por causa da linguagem figurada*; si, sob pena « de sermos taxados de ignorantes, quizesse alguem obri- « gar-nos á acompanhar em seus caprichos os intitu- « lados senhores da lingua portugueza; allegariamos « que tanto como os *Primos* somos descendentes dos « contemporaneos de João de Barros e de Camões, e que « tambem herdamos a lingua de nossos avós. »

E respondendo ao v. de Castilho com palavras de J. F. De Castilho dizemos: «Camões regularisou e fixou, « com o adjutorio do latim, do italiano e do hispanhol, « a arte de escrever claro e culto » Por isso nós outros cá preferimos *offender* a grammatica com elle, á acertar com os puristas.

A grave incorrecção increpada á phrase brazileira (do pronome enclitico com verbos de orações negativas, condicionaes, de relativo etc.) não é cousa tão medonha

assim como a figuram. Pelo contrario por ser de uso geral tornou-se *lei*, e não sei em que se baseiam os puristas de cá, quando condemnam tal modo de fallar, não querendo reconhecer a *nova lei* ou *a lei da reforma*.

Como *dá-se* o facto assim, ou como *se dá* o facto assim, e logicamente considerado não ha dislate algum na explicação grammatical *que conclue-se* ou *que se conclue* do exame da phrase, entendo que o grammatista carece de autoridade para condemnal-a; elle não é ninguem perante a evolução natural da linguagem, que tem vitalidade propria.

Logo que um certo modo de fallar se generalisa e do povo (é elle quem dicta a lei e faz a lingua) passa aos homens doutos e aos escriptos, não ha poder algum de grammatico, nem de sabichão, que possa elidir esse *fallar errado*, e si elle é contra as regras da grammatica, podem apenas qualifica-lo de idiotismo. A soberania politica do povo é sophismada e annulada até por via de eleições phosphoricas. No *fallar* porém, no idioma ella segue o seu caminho (*elle va son train*, parece mas não é gallicismo, é *caipirismo*) apezar do despotismo dos grammaticos. O pedante continúa a ralhar, e a gente continúa a fallar como entende.

A missão do grammatico é examinar os factos, coordena-los e mostrar as leis que os regem e as aberrações que se desviam da lei geral. Nas linguas mortas póde isto ser feito definitivamente; as regras com as suas excepções podem ser estabelecidas de um modo invariavel, e não é licito escrever latim á não ser em fórmas auctorisadas em Cicero, Tito Livio, Tacito, Virgilio, Horacio etc. Nas linguas vivas porém....

« Let us consider, first, that although there is a « continuous change in language, it is not in the power

« of any man either to produce or to prevent it. We
« might think as well of changing the laws wich con-
« trol the circulation of our blood, or of adding an inch
« to our height, as of altering the laws of speech
« or inventing new words according to our own
« pleasure. As man is the lord of nature only if he knows
« her laws and submits to them, the poet and the phi-
« losopher become the lords of language only if they
« know its laws and obey to them.»

Quem fallou foi Max Muller. (*Lectures on the science of language* 7th edition london Xol. I pag. 40).

Nas linguas vivas a evolução continúa e as modificações são inevitaveis, é fatal a renovação. O francez de Victor Hugo e de Dumas não é o francez de Delille de Malherbe e ainda menos o de Rabelais; o portuguez de Castilho não é o portuguez de Camões (o proprio Castilho o declarou) e ainda menos o de Gil Vicente. Como é então que querem que o portuguez do Brazil seja o portuguez do Chiado ?

A grammatica deve ser a *mesmissima*, dizem, e o facto é que ella muda e está mudando! Como é que muda, que leis segue nessa mudança? isso é o que não querem vêr.

« C'est ici surtout que l'initiative des changements
« proposés doit être laissée á des *poetes* (sublinho para
« responder ao distincto snr. Barreiros quando disse:
« *que os exemplos em verso nada provam*), à des ecri-
« vains tels que Victor Hugo, Theophile Gautier, Al-
« frede de Vigny, Mery, Barthelemy, Legouvé etc; parce
« qu'il n'y a que de tels hommes qui possedent assez
« le sentiment de l'harmonie et du genie de la langue,
« pour ne rien risquer mal à propos. C'est Victor Hugo
« qui l'a dit «*dans tout grand ecrivain il y a un grand*

« *grammairien*, *comme il y a un grand algebriste* « *dans tout grand astronome*; *Pascal contient Vau-* « *gelas*, LA GRAMM. FRANC. PHILOS. ET PRATIQUE par « Leger Noel pag. 234 seconde partie.

Dans le grand ecrivain des Lusiades il y eut un grand grammairien, que deu a constituição fundamental da grammatica portugueza, (dizemos em continuação). No decurso de tres seculos depois disso a lingua deve ter continuado a sua evolução, e naturalmente devem ter-se operado algumas mudanças; de facto assim é: deram-se as mudanças, pequenas e gradativas na lingua fallada no Brazil, enormes na do hodierno Portugal.

Aos meus patricios portanto eu diria, si tivesse voz: Quereis ser philosophos e poetas na vossa lingua? estudai-a; não nos preceitos dos grammatistas, mas na linguagem usada geralmente pelo povo e nos bons livros, na linguagem dos homens de verdadeiro merito e de solidos conhecimentos; brazileiros e portuguezes os ha de subido quilate. Mas não percais o vosso tempo á lêr « *a corja* » A gente lê ou para se instruir, ou para se divertir, ou para uma e outra cousa; *a corja* não instrue nem deleita, enjôa e tira o gosto á leitura. E depois, para que perder tempo? *Time is money* diz John Bull, e o velho Pero da Coivara dizia ainda melhor: *tempo é vida*. Para que então esperdiçarmos atôa a vida?

Latino Coelho deixa á perder de vista a sucia dos puristas, escreve portuguez vernaculo, verdadeiramente *vernaculo*, e no emtanto não tem as *vernaculices* esturdias que fazem arripiar as carnes e os cabellos á gente, e ainda menos os neologismos, as barbaras construcções francezas e os *hodiernismos* da *phalange aguerrida á*

cuja testa fulgura o incommensuravel vulgarisador de *termos pittorescos* etc ; *o que tudo o colloca em altura inaccessivel nesta especialidade.* QUESTÕES DO DIA XXXII nota da pag. 182. »

Deixemos *para ahi o fidalguesco vernaculo* (fallando como elles fallam)

« Irá com elle (o fidalguesco lixo,
« E' qu'o visconde aqui zurzindo vae)
« Irá com elle a sordida ignorancia,
« E o seu teimoso *bê*, nazal resfolgo
« Qu'arripia, nausêa. aturde e zanga;
« Irá co'esses gallegos
« Coachar no lodo vil donde a mofina
« Nos trouxe o sestro bracharo maldito
« Que o rotundo fallar da nossa origem
« Tão feio corrompeu. (GARRETT.)

O tal senhor Pinheiro Chagas, na sua linguagem *correcta, elegante, vernacula* disse, (pag. 215 dos Novos ENSAIOS):

« As nações americanas, se quizerem verdadeira-
« mente fazer *acto de independencia, e entrar no mun-*
« *do* com os foros de paizes que tem *nobreza sua*, de-
« vem como Nathaniel Bempo, esquecer-se *um pouco*
« da metropole europea, e enpregnar-se *nos* aromas do
« seu solo, proclamar-se *filhas adoptivas*, mas filhas
« ternas e amantes das florestas do Novo mundo, e
« acceitar as tradições dos *primeiros povoadores*, que
« os seus antepassados barbara e impoliticamente ex-
« pulsaram da patria, por onde vagueavam em pleno
« gozo da *liberdade selvagem*. Na poesia *esplendida*
« desses povos primitivos está a inspiração verdadeira,
« que deve dar originalidade e seiva á litteratura ame-
« ricana.»

Sublinhei só as expressões mais exquisitas (synonimo de *peregrinas*) e concertando *isso* cá á nosso geito, *mais incorrecto* mas *mais simples e claro*, diremos:

O Brazil si de facto quizer tornar-se (ou si deveras quizer ser ou constituir-se) independente, e entrar no rol das nações (ou apparecer, figurar no mundo com os foros da nação), que tem nobreza (aliás autonomia), deve, não como Nathaniel Bempo, mas como o Chili ou o Mexico, esquecer-se de todo (e não *um pouco*) da metropole (que foi) européa, e o *brazileiro* deve impregnar-se dos aromas (nos aromas não é possivel) de sua terra (ou *patria, do solo* não), deve não só proclamar-se, mas ser filho *legitimo*, muito terno e amante de sua mãi patria, deve acceitar (e propagar) as tradições dos incolas primeiros, as quaes vão desapparecendo como as florestas do Novo Mundo (com as derrubadas e queimadas), deve regenerar-se apreciando a realidade positiva, estudando o povo (mesmo *povo*) brazileiro tal qual é, e relendo a historia dos antepassados, barbara e impoliticamente quasi exterminados no territorio da patria, por onde vagavam em pleno gozo de liberdade (selvagem? talvez porém preferivel á *licença* dos alcouces). Na poesia singela (ou mesmo *esplendida* por ser natural, esplendida é qualquer paysagem do meu Jaguary com as suas cachoeirinhas e sumidouros, em comparação com o Jardim do Campo com a sua gruta), na poesia singela, candida (*sencilla* em castelhano, *naive* em fráncez) dos povos primitivos está a inspiração verdadeira, em que póde haurir seiva a litteratura brazileira, e que lhe deve dar feição original, propria.

Não posso ultimar esta primeira parte dos rascunhos sem dizer algumas palavras sobre outro ponto, que quem primeiro aventou foi o dr. Paranhos da Silva. Transcrevo apenas algumas palavras interpoladamente.

« Em 1543 e 1554 se fundaram no Brazil os primeiros
« estabelecimentos de instrucção superior...ensinaram
« os jesuitas portuguezes uma lingua ainda proxima da
« castelhana, uma lingua em que o elemento suevo não
« tinha ainda de todo, por assim dizer, envolvido o ele-
« mento castelhano. Desta lingua, que se tem conser-
« vado quasi sem alteração importante nas diversas
« provincias do Brazil, como poderá verificar quem ler
« as cartas do nosso Padre Vieira, foi-se differençando
« a lingua dos portuguezes, que cada vez mais procu-
« raram apagar todas as semelhanças com os castelhanos.

« Porém ao facto de termos tido por mestres con-
« temporaneos dos quinhentistas, que para escreverem
« suas melhores obras escolhiam o castelhano, que co-
« nheciam a origem de sua lingua, e não desejavam a
« degeneração della; concorrerão mais outros aconteci-
« mentos para a conservação deste nosso fallar brazi-
« leiro...»

« Dahi provém que em cada provincia do Brazil
« nossa fala é mais ou menos acastelhanada ou (como
dizemos) *apaulistada*, nossa pronuncia é mais ou menos
« semelhante á das fronteiras do Rio Grande do Sul, á
« de S. Paulo, á do centro do Maranhão..., á do Pará.»
(O Idioma do Hodierno Portugal—1ª parte, pag. 3, 4, 5.)

Esta opinião do dr. Paranhos da Silva, desenvolvida e demonstrada á cada passo no escripto que acabo de citar, tem sido contestada por todos quantos puristas, com quem tenho conversado, e nesse numero sinto muito que entre o doctor meu amigo.

Tem um fim esta contestação, averbam os puristas de incorrecto o fallar dos brazileiros, apontam á cada passo erros e contrasensos grammaticaes na phrase brazileira, querem emfim fazer crer que o portuguez falla-

do no Brazil é um portuguez de Pung'Andongo, de negro boçal. Não lhes faz conta, pois, que o fallar brazileiro passe por ser parecido com o castelhano, que não é lingua de preto.

E não é só isto. Por outros motivos, que não vem á pello mencionar, os amigos do vernaculo querem á todo custo que o portuguez se vá distanciando cada vez mais do castelhano, e que delle se difference pelo *terso* da phrase, pela *riqueza* das fórmas!!!! pela *doçura* da pronuncia !!!!

A' estas ousadias e pretenções dos taes amigos do *vernaculo* eu me limito á oppôr palavras textuaes do visconde de Castilho na PREAMBULAR do D. Jayme pag. LXXXIX.

« O fallar castelhano é meio portuguez, quando menos; (seria mais exacto dizer «o fallar portuguez é meio castelhano).

« Camões e outros poetas do seu tempo, tanto o cul-
« tivaram a par com a lingua patria, que até para lá
« saíram classicos.

« *Na leitura do castelhano* (daqui por diante vou
« gryphando as mais impagaveis das ingenuidades do
« nosso visconde), se hoje em dia a frequentassemos,
« como cumpria, bem facil e bem agradavelmente po-
« deramos *nós retemperar* ainda *hoje o bom fallar* ver-
« naculo, que assim se nos *vai desbaratando*.»

Bem vê o meu amigo, bem podem vêr os rigoristas agora, que o dr. Paranhos da Silva foi fino observador, e teve toda a razão quando veio á imprensa debellar as pretenções do hodierno portuguez e mostrar que o *bom fallar* do Brasil é preferivel ao *vernaculo* que *se vai desbaratando* por *se não retemperar na leitura do castelhano*.

Agora quer mais uma amostra de como os puristas são instruidos e sabios, e como os grammatistas furinbundos chasqueam das incorrecções grammaticaes dos brazileiros?

Qu'é della a chave? qu'e delle o chapeo? é um portnguez de Pung-Andongo attribuido pelos puristas aos brazileiros. Mas esse portuguez de Pung-Andongo só existe na cachola do rigorista, que (como já disse por vezes) não sabe o que censura, tem o vezo de chalacear de tudo quanto é do Brazil, e nem da fé de que *intrepidamente* (adverbio de Pinheiro Chagas) vai de ventas ao chão.

A phrase correcta, como a querem os taes é » *Qu'é da chave? qu'é do chapeu?* Essa phrase porem, grammaticalmente considerada, em que se differença de « *qu'é de la chave? qu'é de lo chapeu?*

A' muito puxar só poderia o rigorista apodá-la de acastelhanada, e, afora disto, de ter soffrido uma degeneração phonetica, passando o accento para a preposição *de* e mais nada! *Subtraindo o l, contra o qual parecia haver antipathia, como nota Sismondi, fizeram os portuguezes* (*dr*, *Paranhos da Silva* 1ª parte, pag. 10) de *la, lo* (artigos e pronomes) *a*, *o*, que podem ser muito bons em geral, mas que tambem tornaram mais surdo o portuguez, e deram azo á frequentes e insupportaveis hiatos. Para evitar os sons ingratos que surdem da concomitancia do artigo ou pronome com certas dicções os proprios portuguezes ás vezes restauram o «*l*» (*todo los homens* por *todos os homens*, *louva-lo* por *louvar-o*) e o mudam em *n* (*não no querem*) ás vezes até fazendo cacophonias (*com* no *intento* de firmar regras).Si tivessem mais ouvido prefeririam restaurar o «*l*» sem deixar cair o «*r*» do infinitivo, e dizer como os hispanhoes «*amar-lo, querer-lo, repartir-lo.*

Os puristas, na realidade, são insupportaveis de tão pernósticos. Incontestavelmente C. de L. é d'entre os nossos folhetinistas, um que escreve *bom portuguez*; censurem-lhe quantos defeitos quizerem, no em tanto é certo que se esmera no estylo, escreve muito correctamente e até nem incorre no defeito geral dos brazileiros (pronome enclitico com verbos de orações incidentes subordinadas, etc.); por acaso nos folhetins por elle escriptos lá se depara com alguma descaida dessas e isso mesmo só *quando*, interpondo-se varios e longos complementos, *acha-se* o verbo atirado longe para o fim. Pois bem, encostado ao balcão ou repoireado no banco do bond ahi está um pernóstico de purista que lendo o folhetim do *Jornal do Commercio atira com a folha para a banda*, resmnngando cheio de farofia: «E' uma lastima, no Brazil não se escreve portuguez.»

Si dizem isto de C. L. que ao menos não tem os gallicismos de Eça de Queiroz, Cesar Machado e R. Ortigão, e que escrevendo portuguez genuino, não tem comtudo carrancismos e cacophonias de D. Maria Amalia, Castilho, etc., e ainda menos as *vernaculidades* de Castello Branco, e que escrevendo portuguez limpo, tem a *graça genuina portugueza* sem os *lusitanismos* destempera los de que gosta o chefe da *aguerrida phalange*, si dizem isto de C. de L. o que não dirão de todos os outros nossos folhetinistas e escriptores ?

Ora adeus! Zacharias não sabia portuguez, e até Paranhos era incorrecto. Pois que leve a breca o *portuguez*. Fallemos e escrevamos em brazileiro idioma.

Sigamos o exemplo do mesmissimo Pinheiro Chagas, que, quando tracta dos *seus* declara, *que não reproduz a censura de pouca* vernaculidade (feita á Julio Cesar Machado), e repetindo as palavras delle digamos aos patricios:

Empurremos para lá *o defensor da caturrice, que prende uma lingua aos modelos classicos e agrilhôa á um cadaver a expressão dos sentimentos dos vivos.* (NOVOS ENSAIOS CRITICOS pag. 153)

Quem ousará dizer á arvore gigante que espaneja a sua prodiga ramaria ao sol e ás brisas do Brasil: « Vem á fria Europa conter o teu desenvolvimento entre os vidros de uma estufa ? « Quem ousa dizer á aguia ; « Não vões tão alto, receia as vertigens. » ?

(NOVOS ENSAIOS CRITICOS pag. 167)

7243.8
Rascunhos sobre a grammatica da lin
Widener Library 002743349
3 2044 086 626 116